001

Pietá, placa europeia do séc. XVIII, em metal decorado com ricos esmaltes polícromos. A cena representa Nossa Senhora segurando Jesus Cristo nos braços, rodeada de anjos, inseridos em paisagem. Placa com moldura em metal dourado de época. Esmaltes com alguns cabelos.
Alt.: 8 cm.: Larg.: 10,3 cm.; Alt. Moldura: 10,5 cm.; Larg. Moldura: 11,2 cm.

Pietá, European 18th century enamel plaque.

Chamamos a atenção para a qualidade ingénua de pintura desta obra, sobressaída pelos volumes das figuras realçados com o relevo do suporte, provocando ilusão de tridimensionalidade e a captação dos brilhos do esmalte.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 800 / € 1.200

002
JOÃO DA SILVA (1880 - 1960)
"Cabritos"
Duas esculturas em bronze, a cera perdida, do fundidor Claude Valsuani, marcadas
Assinado e datado 1919
Base em mármore bordeaux
Alt.: 13,5 cm.

João da Silva, bronze sculpture, 1919.

Ver reprodução in Michael Tannock, "Portuguese 20th. century artists", INCM, Lisboa, 1978, estampa 131. João da Silva (1880-1960) foi aluno da Escola de Artes Decorativas de Genebra e depois da Escola de Belas Artes de Paris, sendo discípulo de Chaplain e o seu melhor aluno. Autor de monumentos entre outros de Augusto Gil, na Guarda e de Júlio Dinis, no Porto, e da Fonte da Juventude para o pátio do Pavilhão Português na Exposição de Sevilha de 1929. Foi grande medalhista. Foi o escultor português que mais peças mandou fundir aos Fundidores Claude e depois ao seu filho Marcel Valsuani, mandando fundir a quase totalidade da sua obra, mais de cem modelos. A sua casa e atelier, em Lisboa, transformada em Museu, pode ser visitada juntamente com grande parte da sua obra. Está representando no Museu do Chiado, Museu Soares dos Reis, Museu das Caldas da Rainha, Museu de Vila Franca de Xira, Casa-Museu dos Patudos (Alpiarça), colecção Faria de Castro (Portugal), etc.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 1.000 / € 1.500

003
JOÃO DA SILVA (1880 - 1960)
"Fauno a dançar"
Escultura em bronze, a cera perdida, do fundidor Marcel Valsuani, marcada
Assinado e datado de 1927
Base em mármore negro
Alt.: 25 cm.

João da Silva, bronze sculpture, 1927.

João da Silva (1880-1960) foi aluno da Escola de Artes Decorativas de Genebra e depois da Escola de Belas Artes de Paris, sendo discípulo de Chaplain e o seu melhor aluno. Autor de monumentos entre outros de Augusto Gil, na Guarda e de Júlio Dinis, no Porto, e da Fonte da Juventude para o pátio do Pavilhão Português na Exposição de Sevilha de 1929. Foi grande medalhista. Foi o escultor português que mais peças mandou fundir aos Fundidores Claude e depois ao seu filho Marcel Valsuani, mandando fundir a quase totalidade da sua obra, mais de cem modelos. A sua casa e atelier, em Lisboa, transformada em Museu, pode ser visitada juntamente com grande parte da sua obra. Está representando no Museu do Chiado, Museu Soares dos Reis, Museu das Caldas da Rainha, Museu de Vila Franca de Xira, Casa-Museu dos Patudos (Alpiarça), colecção Faria de Castro (Portugal), etc.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 1.000 / € 1.500

004

Raro Menino Jesus Bom Pastor, escultura portuguesa do séc. XVIII/XIX, em madeira policromada. A figura está representada vestindo pele de cordeiro de pontas irregulares, cingido na cintura por cinto, descalço, sentado sobre um rochedo. Encontra-se a afagar um cordeiro com a mão esquerda e com um cesto do seu lado direito. Falta de um dedo da mão direita e de uma orelha do cordeiro. Falhas de policromia.
Alt.: 20 cm.

Rare Infant Jesus shepherd, 18th or 19th century Portuguese wood sculpture.

Para peça semelhante ver Museu Nacional de Machado de Castro, inventário E380.A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. A par dos interesses comerciais, a coroa portuguesa empenhou-se na cristianização dos povos, levantando-a como um dos estandartes erigidos para justificar a expansão. Esta catequese cristã provocou uma prolífera produção e circulação de imaginária entre os continentes onde Portugal mantinha as suas colónias e influência, oriundas da Índia e do Ceilão, pela mão das ordens religiosas, dos emigrantes e dos comerciantes. Este esforço cristão foi forçado a uma adaptação às culturas indígenas para melhor comunicar com elas, afim de passar a mensagem de Deus. O resultado foi uma interessante fusão de culturas, onde os cristãos por vezes alteraram a iconografia e a linguagem e onde as culturas indígenas introduziram o seu cunho no tratamento dos pormenores das esculturas. Um dos exemplos mais marcantes na alteração de linguagem, foi a recuperação iconográfica do Menino Jesus Bom Pastor. Sendo uma das representações iconográficas cristãs mais antigas, remontando ao período das perseguições romanas, esta representação de Jesus Cristo surgiu como reacção à escultura clássica onde Crióforo conduz o novilho para o sacrifício. O Bom Pastor, em oposição, recupera a ovelha perdida, símbolo do valor do indivíduo e da esperança. Foi no séc. XVII, que esta figuração reaparece na Europa, tendo adquirido um valor díspar no caso Indo-português. O uso desta temática foi para além da obvia conversão de infiéis que esta representação faz passar, o seu impacto é muito mais profundo, abrangente e pleno de significados, intimamente interligado com as culturas orientais, num sincretismo religioso das figuras de Jesus Cristo, Buda e Krishna. O interessante neste caso, é o refluxo de influências. A figuração do Bom Pastor, tal como vimos, foi desenvolvida no oriente mas, ao observarmos esta escultura, sentimos que esse gosto por esta tipologia iconográfica deve ter "regressado" mais tarde como devoção a Portugal, surgindo na forma de esculturas como esta, em que sentimos a influência Indo-portuguesa no tratamento do cabelo e das vestes.

€ 1.000 / € 2.000

005

Menino Jesus, escultura portuguesa do séc. XVIII, em madeira policromada e dourada. A figura está representada vestindo túnica esvoaçante, cingida na cintura por nó de laçada e calçando sandálias. Usa cabelos em madeixas largas e encaracoladas. Tecidos decorados com motivos puncionados e florais pintados. Assente sobre base neoclássica ornada com feixe de plumas, perlado e elementos vegetalistas, encimada por coxim decorado com uma borla de madeira entalhada e dourada pendente por um fio. Defeito nos dedos do pé esquerdo, falta de um dedo da mão direita e de uma borla do coxim. Falhas na policromia e dourado.
Alt. Total: 38 cm.

Infant Jesus, 18th century Portuguese wood sculpture.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 1.000 / € 1.500

006

Maria Madalena na gruta, escultura portuguesa do séc. XVIII em barro policromado e dourado. A figura está representada na rocha, reclinada sobre o flanco direito, segurando no livro com a mão esquerda e apoiando a cabeça na mão direita. Sob a mão que segura o livro, uma caveira e uma ampulheta com estrutura em madeira, sob o seu corpo encontra-se uma enxerga enrolada e uma corda com nó na ponta, e em cima das rochas, uma taça com tampa. Enverga túnica comprida e manto sobre as costas. Indumentária ricamente decorada com motivos vegetalistas dourados e relevados. Usa longos cabelos caindo soltos em madeixas onduladas pelos ombros e costas. Mão esquerda colada.
Alt.: 20 cm.; Larg.: 26 cm.

Maria Magdalena, 18th century portuguese earthenware sculpture.

Chamamos a atenção para a elevada qualidade escultórica desta obra, presente na expressão facial da figura; na representação anatómica de grande rigor; na acuidade dos tecidos tanto a nível de dobras como a nível da decoração a dourado; bem como em todo o conjunto como composição artística.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 1.500 / € 2.500

007

Santa Ana ensinando Nossa Senhora a ler, boa escultura portuguesa do séc. XVIII, em madeira policromada, estofada e dourada a ouro fino. Santa Ana está representada sentada sobre uma cadeira, envergando túnica comprida até aos pés, com manto sobre os ombros e véu cobrindo a cabeça e cruzando no peito. Nossa Senhora está representada como jovem rapariga encontrando-se de pé apontando o livro; usando cabelos ondulados penteados num carrapito na nuca e vestindo túnica e manto com murça envolvendo os ombros e peito. Indumentárias ricamente estofadas, representando bordados a ouro e tecidos de padrões de motivos florais. Cadeira de espaldar alto com montantes transformando-se em braços e terminando como duas volutas. Cachaço entalhado e vazado, representando feixe de plumas estilizado e ornado com motivos "rocaille" e volutas. Travessas laterais e traseira, em forma de volutas em "S" afrontadas. Assento decorado com representação de franjas; e estofo com pintura de fingimento, simulando seda decorada com losangos concêntricos. Assente sobre base quadrangular de cantos cortados. Faltam partes de quatro dedos da mão esquerda e de parte de um dedo da mão direita. Algumas falhas de estofado, dourado e policromia.
Alt.: 25,5 cm.

Saint Anne teaching infant Madonna how to read, 18th century, Portuguese wood sculpture.

€ 3.000 / € 5.000

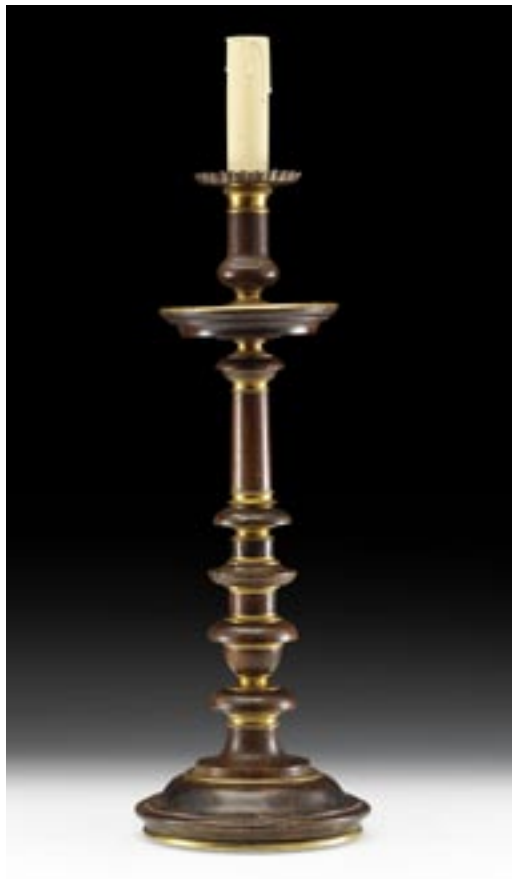
Chamamos a atenção para o grande naturalismo do conjunto, para a sua elevada qualidade, presente nas expressões faciais e caracterização das mãos; na indumentária, tanto na representação túrgida e movimento dos tecidos como no trabalho de estofado; e, por outro lado, na cadeira em que Santa Ana está sentada, sendo representativa do "rocaille" português, estando muitíssimo bem esculpida e dourada a ouro fino. Para peças semelhantes ver: Museu Nacional de Arte Antiga, inventário 514 Esc e 584 Esc, e Museu de Alberto Sampaio, inventário ED3.

008

Menino Jesus deitado, invulgar escultura portuguesa do séc. XVIII, em madeira policromada, estofada e dourada. A figura está representada despida, parcialmente coberta por panejamento; deitada sobre o flanco esquerdo com a cabeça apoiada sobre almofada; e assente sobre panejamento. Usa cabelos em madeixas soltas encaracoladas. Almofada dupla, cingida por fita decorada com círculos puncionados, tendo nos quatro cantos borlas. Têxteis de representação realista, de pregas túrgidas, representando ricos padrões de motivos florais e vegetalistas. Algumas falhas e gasto de policromia e um dedo partido e colado. Olhos em vidro.
Alt.: 16,5 cm.; Comp.: 34,5 cm.

Baby Jesus laying on a pillow, 18th century Portuguese wood sculpture.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 1.000 / € 1.500

009

Tocheiro em pau-santo torneado e latão, trabalho do séc. XVII. Base desenvolvendo-se em diversos níveis, fuste em meias bolachas, copo alto em pau-santo torneado, separado com anéis em bronze dourado, arandela em folha de latão ondulada. Electrificado. Sinais de uso.
Alt.: 56 cm.

Portuguese "Torchère", 17th century, in kingwood and brass.

€ 1.000 / € 2.000

010

Caixa para conter garrafas, portuguesa, do séc. XVIII, em pau-santo, com ferragens em ferro. Forma paralelepipédica construída com malhetes visíveis em castelo, decorada na base com emoldurado e assente sobre pés torneados, de fabrico posterior. Interior com divisória. Ferragens recortadas, aplicadas nas gualdras, fecho e espelho da fechadura; pega da tampa e dobradiças. Falha na tampa, pequeno defeito na moldura da base e alguns pregos das ferragens substituídos.
Alt.: 22,6 cm.; Larg.: 26 cm.; Fundo: 13,5 cm.

Liqueur-case, 18th century Portuguese, kingwood and iron.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 2.000 / € 3.000

011

Raro e Invulgar tinteiro de secretária português, D. João V, do séc. XVIII, em pau-santo torneado. Composto por base com suporte para penas ao centro e tinteiro, caixa de obreias e areeiro, amovíveis e com tampa. Bonito trabalho de pau-santo torneado, notável por ainda se manter íntegro e com as tampas originais. Vestígios de manchas de tinta, marcas de uso contínuo ao longos dos séculos.
Diam.: 24 cm.; Alt.: 11 cm.

Rare 17th century Portuguese kingwood ink stand.

O modelo deste tinteiro segue a mesma linha estética dos tinteiros em prata da mesma época. Para peças em prata de modelo semelhante consultar: Triunfo do Barroco, Fundação das Descobertas/CCB, Lisboa, 1993, pág. 157, cat. I-12; Inventário do Museu de Évora - Colecção de Ourivesaria, SEC/IPM/IPCM, 1993, pág. 278-279, cat. 187. O Tribunal de Contas tem na sua colecção, um conjunto de tinteiros em prata da mesma época e segundo o modelo deste tinteiro.

€ 3.000 / € 5.000

012

Mesa de estrado D. João V, do séc. XVIII, em pau-santo, com uma gaveta. Tampo com rebaixo. Caixa de linhas direitas com saiais frontal e lateriais recortados. Pernas com joelhos curvos de saída brusca. Puxador em metal recortado e dourado, de fabrico posterior.
Alt.: 21 cm.; Larg.: 29 cm.; Fundo: 22,5 cm.

Miniature chest of drawers, 18th century Portuguese D. João V, in kingwood.

Para peças semelhantes consultar: FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, págs. 234 a 240.

€ 2.000 / € 3.000

013

Sagrada Família, placa de cobre esmaltado, trabalho de Limoges. A cena representa o Menino Jesus ladeado por Nossa Senhora e S. José, encimados pela Pomba do Espírito Santo. Cantos decorados com motivos vegetalistas e barra inferior com inscrição: "IESUS - MARIE- IOSEPH". Esmaltes em tons de azul-cobalto, branco, vinoso e cor de laranja e com realces a dourado. Pequenos defeitos. Emoldurada.
Dim.: 12,3 x 10 cm.

Holly Family, Limoges enamel plaque.

Verso do suporte com vestígios de etiquetas de colecção.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 800 / € 1.000

014

S. Miguel Arcanjo, escultura portuguesa do séc. XVIII, assinada João da Rocha Leite, em madeira estofada, policromada e dourada. A figura está representada de pé, alada, com ambos os pés sobre o demónio. Enverga armadura, escudo na mão esquerda e a espada flamejante em folha de Flandres policromada, na mão direita. Torso coberto por couraça decorada com motivos vegetalistas dourados, sobre fundo verde, de recorte bastante pronunciado. Mangas largas, saia esvoaçante estofada com flores douradas e vermelhas, bragas vermelhas e botas altas, ornadas por botão, decoradas a dourado. Usa cabelos ondulados, cingidos por fita vermelha e rematado por frondoso feixe de plumas. Em seu redor, faixa de tecido esvoaçante é agarrada, a certo ponto, pelo demónio. Figura de demónio estofada, caracterizada como ser híbrido alado com patas de bode e garras de fera. Assentes sobre base quadrangular de cantos cortados. Pequenos restauros, faltas de estofo, policromia e dourado.
Alt.: 35 cm.

Saint Michael, Portuguese 18th century wood sculpture.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

015

Rara e invulgar camilha de Menino Jesus, D. José, do séc. XVIII, em madeira entalhada, torneada, pintada em tons de vermelho e com elementos decorativos dourados. Espaldar em forma de frontão interrompido, encimado por concha estilizada flanqueada por volutas afrontadas, decorado com concheados, motivos "rocaille", enrolamentos vegetalistas e reservas preenchidas por treliça. Montantes do dossel torneados em espiral, representados saindo de uma flor estilizada e dourada, e com terminais dourados. Pernas torneadas, terminando em pés de bolacha. Cama revestida a seda em tons de azul, decorada com barra bordada a fio de prata, representando motivos policromos florais e debrum de fio de prata e tendo por cima bordado com as insígnias "IHS". Colchão em seda verde e almofada bordada e com folhos em renda. Tecidos com algum desgaste.
Alt.: 31,5 cm.; Larg.: 16,2 cm.; Comp.: 22 cm.

Miniature bed for Baby Jesus sculpture, 18th century D. José Portuguese carved and gilt wood.

*Para camilhas de imagem semelhantes e do mesmo tipo, consultar: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág.77; Mobiliário Português (Roteiro) Museu Nacional de Arte Antiga, Ministério da Cultura/I.P.M./M.N.A.A., Lisboa, 2000, pág. 59; Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 64; TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Colecção presenças da imagem * Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, pág. 77, cat. 103; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Assento e Repouso, vol.I, FRESS, Lisboa, 2002, págs. 142 a 146.*

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 3.000 / € 5.000

016

Moldura do séc. XVII em madeira entalhada e dourada, de formato rectangular com profusa decoração de motivos florais, frutos e folhas de acanto. Com argola de suspensão original. Defeitos e faltas.
Dim.: 79,5 x 70,5 cm.

Frame, 17th century, carve and gilt wood

€ 3.000 / € 5.000

017

Espelho de parede D. João V, em madeira entalhada e dourada, folheado a pau-santo, da primeira metade do séc. XVIII. Decoração com concheado, feixe de plumas e volutas, entalhadas e douradas. Espelho antigo. Sinais de uso e defeitos.
Dim.: 74 x 38 cm.

Potuguese D. João V, 18th century mirror.

Sinais de uso e defeitos.

€ 800 / € 1.200

018

Leque chinês com varetas em madeira lacada a negro e dourado, pano pintado com paisagem com veleiro e figura de mulher índia, alusiva ao Brasil, pintada sobre fundo prateado. Defeitos e restauros. Emoldurado em caixa.
Comp.: 32,5 cm.

Chinese fan with allegorical figure representing Brazil, 19th century.

€ 500 / € 1.000

019

Leque chinês com varetas em marfim trabalhado e dourado decorado com cenas do quotidiano chinesas. Pano pintado a guache sobre fundo prateado com retrato de D. Pedro I, Imperador do Brasil, encimado por coroa imperial, ladeado por obeliscos e colunas com inscrições alusivas ao seu governo, encimadas por anjos segurando fitas com datas. Reverso pintado com motivos vegetalistas policromos. Sinais de uso e pequenas falhas no pano. Emoldurado em caixa.
Comp.: 31,5 cm.

Chinese fan with D. Pedro I from Brazil, 19th century.

€ 1.000 / € 1.500

D. Pedro (1798-1834), rei de Portugal e primeiro Imperador do Brasil, filho de D. João VI e D. Carlota Joaquina, nasce a 12 de Outubro de 1798. Em 1808 aquando das invasões francesas, a família real portuguesa parte para o Brasil levando consigo D. Pedro, que contava apenas 9 anos de idade. Em 1821 D. João VI regressa a Portugal e deixa D. Pedro como regente no Brasil. As tentativas de o fazerem entregar a regência a uma junta e regressar às cortes de Lisboa, ficam marcadas pelo "Dia do Fico", a 9 de Janeiro de 1822, quando D. Pedro se recusa a deixar o Brasil. À medida que a sua popularidade cresce no Brasil, o desagrado pelas suas posições aumenta em Portugal e é junto ao riacho de Ipiranga que recebe a notícia de que Lisboa lhe retirara a condição de regente, passando-o a mero delegado das cortes de Lisboa. Ali mesmo, no dia 7 de Setembro de 1822, rompe definitivamente contra a autoridade paterna e declara a Independência do Império do Brasil, sendo a 1 de Dezembro do mesmo ano, como D. Pedro I, proclamado, sagrado e coroado primeiro Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil. A 25 de Março de 1824 outorgou a primeira constituição que centralizava todo o poder político nas suas mãos. De forma a manter a sua filha D. Maria no governo de Portugal e afastar a pretensão ao trono do seu irmão mais novo, D. Miguel, regressa a Portugal e torna-se rei D. Pedro IV, tendo já abdicado em 1831 do título de Imperador do Brasil a favor do seu filho D. Pedro. Morre no palácio de Queluz com apenas 36 anos de idade, a 24 de Setembro de 1834.

Proveniência: Antiga colecção do 1º Marquês de Paranaguá, Francisco Villela Barbosa (1769-1846), importante figura da história da Independência do Brasil, nascido na cidade do Rio de Janeiro. Estudou em Coimbra e foi deputado pela província do Rio de Janeiro às Cortes Portuguesas, entre 1821 e 1822. Em 1823 regressa ao Brasil onde várias vezes foi nomeado Ministro da pasta da Guerra, da pasta dos Estrangeiros e do Império, tendo chegado a Senador e Conselheiro de Estado em 1836. Ficará para sempre ligado à história brasileira ao participar activamente no processo de reconhecimento da Independência do Brasil em Portugal, sendo mesmo um dos autores da Constituição do Império. Agraciado duas vezes pelo Imperador, primeiro em 1825 com o título de 1º Visconde de Paranaguá e no ano seguinte com o título de 1º Marquês de Paranaguá, foi ainda Vice-Presidente da Academia de Ciências em Lisboa.

020

Conjunto de três cadeiras D. João V, do séc. XVIII, em nogueira entalhada e dourada. Espaldares altos e estreitos decorados nas arestas com perfil dourado; lados de curva quebrada; e tabela central cheia e recortada. Cachaços ricamente entalhados e dourados com feixe de plumas estilizado, flanqueado por volutas afrontadas, enrolamentos vegetalistas e volutas. Assento de forma trapezoidal, estreitando em direcção ao tardoz, com aba ondulada, descrevendo saial à frente, com os ângulos interiores reforçados por peça em esquadro, recortada exteriormente, prolongando a curvatura das pernas dianteiras, decorado com moldurado de filetes curvos, formando "S", prolongando-se pelas pernas. Saial decorado ao centro por feixe de plumas estilizado. Joelhos curvos, terminando nas pernas dianteiras, em pés de sapata. Pernas traseiras recuadas, de secção cilíndrica, assumindo, junto ao pé, secção quadrangular descrevendo curva. Pernas ligadas por travessas em forma de "H" descentrado. Assentos estofados a seda adamascada em tons de amarelo. Uma com falta dos dois elementos em esquadro da ligação entre o aro e a perna; falta de uma travessa; alguns defeitos nos pés; e vestígios de caruncho. (3)
Alt.: 121,5 cm.

Set of three D. João V, 18th century walnut chairs.

Para peças semelhantes, consultar: Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 76, cat. 51 e 52; Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga, séc. XV/XVIII, Lisboa, 1979, pág. 78, cats. 41 e 42; Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 63 e 64; PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 50 e 51.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 4.000 / € 6.000

021

Cómoda D. João V, do séc. XVIII, em madeira de casquinha entalhada, decorada com pintura de fingimento, marmoreada e dourada, com dois gavetões. Tampo ligeiramente ondulado, decorado com rebaixo. Caixa ondulada, de curvas suaves mas rígidas. Saial frontal recortado, decorado com enrolamentos vegetalistas, motivo "rocaille" e concheado/feixe de plumas, assimétrico, ao centro. Saiais laterais com decoração semelhante ao frontal, mas com concheado/feixe de plumas, simétrico, ao centro. Frente das gavetas decoradas com moldurado formado por volutas em "C" e em chaveta, registo decorado com pintura marmoreada e ao centro almofada recortada. Ilhargas ornadas com cartela de volutas em "C" e "S", parcialmente marmoreada e rematada ao centro por motivo floral. Joelhos curvos, decorados com composição de volutas em "C" e "S", com fundo marmoreado, terminando em pés de garra e bola. Caixa preenchida com pintura de fingimento, simulando madeira. Vestígios de caruncho e sinais de uso.
Alt.: 88,5 cm.; Larg.: 128,5 cm.; Fundo: 64 cm.

Chest of drawers, 18th century D. João V, in carved and painted wood.

€ 10.000 / € 20.000

022

Raro e excepcional conjunto de seis cadeiras D. João V, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado. Espaldares de influência inglesa do estilo Chippendale da 1ª época, de tabela central vazada do tipo "ribbon", decorados nos cachaços com elementos vegetalistas terminando em voluta e flores, ao centro, flanqueada por duas volutas nas extremidades. Tabela central em forma de fitas entrelaçadas, "ribbon", ladeadas por duas flores. Assento trapezoidal, com aro liso. Pernas curvas, decoradas nos joelhos posteriores com volutas e concheados, terminando em pés de garra e bola. Assentos estofados a seda de damasco amarela. Pequenos defeitos e algum gasto. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 100 cm.

Rare and exceptional D. João V, 18th century, set of six chairs.

€ 30.000 / € 50.000

Este conjunto de cadeiras apresenta influência inglesa do estilo Chippendale da 1ª época, manifestando-se sobretudo no espaldar. Para peças com a mesma influência inglesa e semelhantes, constar: PINTO, Augusto Cardoso, Cadeiras Portuguesas, Livraria A Nova Eclética/ Livraria Olisipo, Lisboa, 1998, Estampas LV, Figs. 96, 97 e 98. O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. Em relação a esta cadeira, interessa-nos o início destas transformações, com a estética do barroco joanino. A primeira metade do séc. XVIII assistiu a um crescente de exuberância tanto na forma como na decoração dos móveis, reflectindo um desejo de exuberância, aparência de riqueza e sumptuosidade. Tal traduziu-se num aumento da escala e do volume dos elementos esculpidos, muitas vezes realçados a ouro, aliado a um equilíbrio estético de cheios e vazios e no contraste de claro/escuro. Assim, apesar dessa exuberância, o móvel D. João V não deixa de ser equilibrado e original na sua abordagem estética. No caso destas cadeiras, aliada à estrutura e forma joanina, já sentimos o movimento e assimetria "rocaille" em alguns elementos decorativos.

023

Cesto em prata portuguesa, trabalho do séc. XIX. Corpo de forma rectangular com os cantos cortados e asa articulada com remates em forma de cabeça de animal. Base de aparafusar. Asa, base e aba com trabalho de gradinha serrada, no corpo e no bordo faixa de motivos vegetalistas e flores gravados e cinzelados, na parte superior da asa reserva lisa oval envolta por motivos vegetalistas. Marca de contraste de Lisboa (L-41) em uso de c. 1843 a c. 1870, marca de ourives DMS (L-206) atribuível a David Maria de Sousa, activo de c. 1843 a c. 1888. Remarcada com duas cabeças de velho.
Peso aprox.: 1266 gr.; Comp.: 30,5 cm.

Portuguese silver basquet, 19th century.

Esta peça segue de perto o modelo de um par de cestos existente na colecção do Palácio Nacional da Ajuda, e que vem reproduzidos em "Tesouros Reais", Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, 1991, pág. 260/261 Item 389. Segundo informação de Fernando Moitinho de Almeida em "Inventário de marcas de pratas portuguesas e brasileiras", INCM, Lisboa, 1993, pág. 114, este ourives era o sócio n.º 142 da Associação dos Ourives e Artes Anexas em 1888.

€ 2.000 / € 3.000

024

Par de castiçais serrados em prata portuguesa, trabalho de meados do séc. XIX. Corpo inteiramente vazado e recortado. Base de formato elíptico com cintura, nó e arandela, decorada com motivos vegetalistas e ligação ao fuste em flor estilizada. Fuste em caneluras, com nó, copo e arandela em forma de navete. Quatro pés triangulares, vazados e recortados. Marca de contraste do Porto (P-45), em uso de 1853 a 1861, marca de ourives JM (P-341), não identificado, datável de 1853 a 1861. Sinais de uso e pequenas fissuras na flor do nó de um dos castiçais.
Peso aprox.: 907 gr.; Alt.: 29,5 cm.

Candlesticks, Portuguese silver, 19th century

Na exposição de 1969 do Museu Nacional Soares dos Reis esteve presente um par de castiçais muito semelhantes, ilustrado no catálogo, com marca de contraste do mesmo ourives e da mesma cidade. Na descrição dos mesmos citam ainda uns outros muito semelhantes, do mesmo ourives e com marca de contraste de cidade exactamente da mesma época que os castiçais que agora apresentamos. Ver o catálogo da "Exposição de Ambientes Portugueses do Séculos XVI a XIX", Museu Nacional de Soares dos Reis, 1969, p. 251, fig. 125, e também "Pratas Portuguesas em Colecções Particulares, séc. XV ao séc. XX", D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Porto, 1998, p. 224/225.

€ 4.000 / € 6.000

025

Tembladeira de pequenas dimensões em prata portuguesa, trabalho do final do séc. XVII a cerca de 1720. Corpo circular com decoração de motivos vegetalistas e ponteados, com bordo de oito gomos lisos, fundo decorado com flor estilizada gravada e ponteado. Asas em chapa recortada em forma de báculo. Marca de contraste de Lisboa, (L-22) em uso de final do séc. XVII até cerca de 1720, marca de ourives F(ou E) NDC, (L-214) não identificado, mas activo desde o final do séc. XVII até cerca de 1750. Sinais de uso e soldadura junto a uma asa e junto do bordo da base.
Comp.: 12.5 cm. Peso Aprox.: 70 gr.

Small silver bowl, late 17th, early 18th. century.

Para peça semelhante ver "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 105, foto 124.

€ 3.000 / € 5.000

026

Tesoura de morrões com bandeja em prata portuguesa, trabalho do início do séc. XIX. Bandeja em forma de barco com bordo recortado, rematado nas extremidades por feixe de plumas, decoração serrada e vazada em aberturas ritmadas representando num dos topos uma ave e no outro uma urna. Tesoura e bandeja com corpo gravado em motivos vegetalistas e geométricos estilizados, com monograma. Ambas as peças com marca de contraste do Porto (P-17), em uso de c.1804-1810, marca de ourives IPL (P-335), não identificado, mas activo de cerca de 1783 a 1836. Sinais de uso. (2)
Peso aprox.: 192 gr.; Comp. bandeja: 24,4 cm.

Snuffer and tray, Portuguese silver early, 19th century

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

€ 1.000 / € 2.000

027

Invulgar perfumador de sala em prata portuguesa D. Maria, trabalho do séc. XVIII/XIX. Corpo em forma de urna com friso perlado em torno da base, decoração vazada de grinaldas e medalhões, tampa com a mesma decoração e botão da tampa em forma de urna. No interior alma também em prata, com pega em arame de prata. Pega em madeira torneada. Sem marcas mas atribuivel ao final do séc. XVIII/XIX Peso aprox.: 700 gr. Alt.: 24 cm. Comp.: 31 cm.

Portuguese late 18th century, early 19th century, silver perfume burner.

Até ao momento não nos foi possivel localizar outra peça semelhante, de salientar o seu bom estado de conservação

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 2.000 / € 3.000

028

Par de castiçais em prata portuguesa trabalho do final do séc. XVIII/XIX. Corpo liso, com decoração gravada de motivos vegetalistas, laços e festões, em torno da base, no fuste e no copo, divisões do corpo realçadas por 6 faixas de perlados. Arandela lisa e fixa com bordo de perlado. Sem marcas de contraste de Lisboa, mas com marca de ourives P.I.S (L-456), atribuivel, pelo menos em parte a Possidónio José Sanches, datavel de c. 1750 a c. 1822. Sinais de uso e um dos corpos com uma fissura.
Alt.: 22.5 cm. Peso Aprox.: 817 gr.

Pair of portuguese silver candlesticks, late 18th, early 19th century.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 2.000 / € 3.000

029

Par de cães de fóo/quimeras em madeira entalhada, trabalho chinês do séc. XVIII. Figuras representadas sentadas, corpo decorado com elementos em espiral e uma coleira em torno do dorso. Assentes sobre bases elípticas com bordo moldurado. Falhas e pequenas faltas.
Alt. total: 66 cm.

Pair of chinese wooden dogs, 18th century

€ 2.000 / € 3.000

030

Escola de Philip Peter ROOS, dito Rosa de Tivoli e Mercurius - Frankfurt-am-Main, c. 1657-1706
Paisagem com pastor e cabras
Óleo sobre tela
Dim.: 104 x 139 cm.

Circle of Philip Peter Ross, Known as Rosa de Tivoli e Mercurius-Frankfurt-am-Main, 17/18th century, oil on canvas

€ 15.000 / € 25.000

031

Banco de sacristia Indo-português, usado como suporte de varas processionais, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano e marfim. Decoração de todas as faces do móvel de influência islâmica, formada a partir de embutidos representando motivos geométricos, criando efeito de padrão, compostos por: círculos secantes, losangos, estrelas e ponteado de cavilhas em marfim, emoldurados por filetes finos. Assento saliente e vazado ao centro, com decoração embutida circunscrita por duas molduras (uma interior e outra exterior). Cintura alta, decorada nas intersecções com as pernas com elementos em madeira lisa e de cor escura contrastante. Assente sobre quatro pernas de secção quadrangular, todas ligadas entre si por travessas. Assento com fissura a nível do trabalho de embutidos e desgaste e falta de alguns de elementos embutidos numa travessa e nas pernas.
Alt.: 51 cm; Larg.: 29,5 cm.; Fundo: 29,5 cm.

Sacristy stool with 17th century Indo-Portuguese decoration in exotic woods and ivory.

Estes bancos serviam como suportes das varas processionais quando estavam expostas na sacristia, junto aos paramenteiros e aos andores.

€ 2.000 / € 3.000

032

Contador Indo-português - Goa, do séc. XVII/XVIII, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano e marfim, com quatro gavetas, simulando seis. Tampo, ilhargas, tardoz e frente das gavetas com decoração de embutidos em ébano, realçados a marfim, representando composições com cabeça de leão, pássaros estilizados e arabescos, emolduradas por friso de losangos alternados com discos. Gualdras laterais com espelhos das fechaduras em latão recortado em forma de flor. Protecção dos cantos, pés e espelhos das fechaduras em metal, de fabrico posterior. Fecharias substituídas.
Alt.: 22,8 cm.; Larg.: 36,3 cm.; Fundo: 26,3 cm.

Indo-portuguese cabinet, 17th century, in exotic woods and ivory.

Para peças com a mesma linguagem decorativa, consultar: De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992, pág. 128 e 129; Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 52 e 53; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002; págs. 81 a 85; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 52; CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, págs. 49, 51, 53, 55, 56, 57 e 61, figs. 26, 27, 29, 30, 31, 32 e 34.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

€ 4.000 / € 6.000

033

Bufete miniatura, com tampo Indo-português do séc. XVIII, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano e marfim, assente sobre mesa em pau-santo torneado do séc. XIX. Tampo com decoração de embutidos em ébano ornado com cavilhas em marfim, representando leão ao centro, inserido em composição de arabescos e emoldurado no exterior por friso geométrico formado por losangos intercalados com discos. Remates do tampo e da cintura decorados com moldurado de encordoado. Assente sobre quatro pernas torneadas, ligadas por travejamento em forma de "X" ornado ao centro por pirolito torneado. Pés em forma de bolacha. Tampo com pequenos restauros e pequenas faltas.
Alt.: 30 cm.; Larg.: 43,5 cm.; Fundo: 28 cm.

Miniature "bufete" with Indo-Portuguese 18th century top on 19th century kingwood table.

Proveniência: Colecção Dr. Abel Lacerda

€ 3.000 / € 5.000

034

Calvário, grupo escultórico, séc. XVII/XVIII, em marfim policromado com realces a dourado. Representa Jesus Cristo crucificado, no momento em que vai ser trespassado pela lança de um soldado romano a cavalo. Na base da cruz, Nossa Senhora, Maria Madalena e S. João Baptista em pose de lamentação e oração. Topo da cruz com a inscrição gravada "INRI". Adaptado a uma base em talha dourada, decorada com folhas de louro e perlado. Braço com lança colado. Falhas de policromia.
Alt. Total: 14 cm.

Jesus Christ crucified, 17th century, ivory sculpture on giltwoodbare

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 400 / € 600

035

Nossa Senhora do Rosário com o Menino Jesus, alto relevo Indo-português, do séc. XVII, em marfim. A figura está representada coroada, de pé, segurando na mão direita o Rosário e na mão esquerda o Menino Jesus. Enverga túnica comprida plissada e manto sobre o braço. Menino Jesus representado despido, envolto por resplendor raiado, com o braço direito em volta do pescoço de Nossa Senhora e segurando o cordão com a mão esquerda. Nossa Senhora assente sobre o Crescente de Lua. Fundo em madeira pintada em tons de cinzento. Com moldura em madeira pintada de encarnado, com decoração a dourado representando motivos florais.
Dim. Nossa Senhora: 12,1 x 7 cm.; Dim. Moldura: 24,5 x 17,3 cm.

Madonna with infant Jesus, 17th century Indo-Portuguese ivory relief.

Para peças em alto relevo da mesma época, consultar: MARCOS, Margarita Mercedes Estella, Marfiles de las Procincias Ultramarinas Orientales de España y Portugal, Moterrey, 1997, pág. 274-279 e 281.

€ 3.000 / € 5.000

036

Invulgar S.Tiago, placa em baixo relevo Indo-portuguesa, do séc. XVII, em marfim com caixilho integrado. S. Tiago está representado montado a cavalo, envergando elmo e escudo, empunhando longa espada na mão, e espezinhando um mouro com a sua montada. Á sua frente, figura um segundo mouro de espada na mão. Encimando a cena, em ambos os cantos, dois anjos abençoam e rezam pela vitória de S.Tiago. Caixilho decorado com friso de serrilha. Fissura no marfim. Pega metálica em forma de esfera.
Dim.: 6,5 x 5,7 cm.

Saint James, Indo-Portuguese 17th century ivory plaque.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 1.000 / € 1.500

037

Santas Mães, com o Menino Jesus e S. João Baptista, placa em baixo relevo Cíngalo-portuguesa, do séc. XVII, em marfim, com caixilho integrado. A cena representa Nossa Senhora sentada, amamentado o Menino Jesus, resguardada por uma cortina. A seu lado, em pé, está Santa Isabel que espreita, enlevada, a cena, com dois troncos cruzados como fundo. A seus pés, encontra-se S. João Baptista representado com os seus atributos: o cordeiro (de feição orientalizante) e o estandarte. Nossa Senhora está representada envergando túnica comprida, com longo manto drapeado sobre a cabeça, decorado com debrum de perlado. O Menino Jesus está representado despido, coberto parcialmente por panejamento, e S. João Baptista com túnica. Santa Isabel enverga manto sobre a cabeça. Figuras envoltas em resplendores elípticos com godrões raiados. Caixilho e debrum da cortina, ornados com tarja de perlados. Fissura do marfim.
Dim.: 14,9 x 10,2 cm.

Holly Mothers, Cíngalo-Portuguese 17th century ivory plaque.

Esta peça vem ilustrada e estudada in: TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Colecção presenças da imagem - Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, pág. 67. Segundo este autor, "(...) Notar a forma de tratar a indumentária, em grandes superfícies onduladas e lisas de pregas adoçadas; os rostos compridos e apagados, as mãos esguias; os resplendores elípticos com godrões rajados; os estranhos troncos enlaçados ao lado de Santa Isabel. Tudo aponta para que se trate de trabalho cíngalo-português do séc. XVII, cópia de gravura desconhecida europeia. (...)". Para peças muito semelhantes, representando a mesma cena, com as mesmas figuras e cenário, incluindo os troncos cruzados desconhecidos, consultar: MARCOS, Margarita Mercedes Estella, Marfiles de las Procincias Ultramarinas Orientales de España y Portugal, Moterrey, 1997, pág. 289 e A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, pág. 68, cats. 134 e 135. A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. A par dos interesses comerciais, a coroa portuguesa empenhou-se na cristianização dos povos, levantando-a como um dos estandartes erigidos para justificar a expansão. Esta catequese cristã provocou uma prolífera produção e circulação de imaginária entre os continentes onde Portugal mantinha as suas colónias e influência, oriundas da Índia e do Ceilão, pela mão das ordens religiosas, dos emigrantes e dos comerciantes. Este esforço cristão foi forçado a uma adaptação às culturas indígenas para melhor comunicar com elas, afim de passar a mensagem de Deus. O resultado foi uma interessante fusão de culturas, onde os cristãos por vezes alteraram a iconografia e a linguagem e onde as culturas indígenas introduziram o seu cunho no tratamento dos pormenores das esculturas. O domínio português no Ceilão teve início em 1505 mas foi entre 1560 e o domínio dos Filipes, cerca de 100 anos depois, que se sentiu uma maior expansão. As figuras religiosas Cíngalo-portuguesas definem-se na generalidade por um maior cuidado e delicadeza e da influência chinesa, presente, por exemplo, no tratamento dos olhos, das nuvens e da arquitectura dos templos. As mãos possuem dedos longos e os cabelos, ao contrário dos Indo-portugueses, apresentam estrias finas e são justapostos. A indumentária representa-se caindo em pregas paralelas, decorados com orlas de perlados.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 5.000 / € 10.000

038

Raro Ventó Indo-Português, Índia Mogol, do séc. XVII, em sissó - jacarandá da Índia, ébano, teca, entre outras madeiras, e marfim; com uma porta. Apresenta em todas as faces profusa e exuberante decoração de embutidos em diferentes tipos de madeira e marfim tingido de verde, representando composição de carácter naturalista com animais, tais como pavões, leões, cães, águias bicéfalas, pássaros, ou ainda plantas com vários tipos de flores representadas. Tampo e ilhargas decorados: ao centro com a Árvore da Vida, flanqueada na base por dois cães, estando representada saindo de um vaso com pássaros pousados nos ramos e com cercadura formada por friso de enrolamentos vegetalistas e florais, interrompidos em quatro pontos por mascarões e nos quatro cantos por águias bicéfalas coroadas. Porta ornada com composição semelhante à já descrita, com excepção dos cães (inexistentes) e da ausência de um mascarão (para dar lugar ao espelho da fechadura). Interior da porta com composição única representando a Árvore da Vida flanqueada na base por dois leões e com dois pavões e pássaros pousados nos ramos. Fábrica com seis gavetas de três dimensões diferentes, decoradas com pequena Árvore da Vida ladeada por dois cães. Composições delimitadas por frisos estreitos representando quadrifólios. Tardoz não decorado. Fecharia em cobre dourado, recortado e rendilhado. Tampo com pega e puxadores das gavetas em forma de quadrifólios, com argolas pendentes. Peça em bom estado de conservação.
Alt.: 29 cm.; Larg.: 26,2 cm.: Fundo: 39,4 cm.

"Ventó", Indo-Portuguese 17th century writing desk, in exotic woods and ivory.

Para peça com decoração semelhante, consultar: CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, pág. 33, fig. 17, Museu Nacional de Soares dos Reis, Inv.41 Mob (CMP); FREIRE, Fernanda Castro, 50 dos Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 48 e 49; A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991; pág. 31 e 195 - cat. 571. Os objectos artísticos Indo-portugueses produzidos no Norte e Centro da Índia possuem características díspares dos objectos oriundos da Costa do Malabar. Este território, denominado Guzarate - correspondente às possessões portuguesas de Damão e Diu, sofreu uma influência turcomana, fruto de ter sido conquistado em 1526 pelo Grão-Mogol Babur. Esta forte presença persa condicionou a produção artística, sobretudo na linguagem e cromatismo, com as seguintes especificidades: representação naturalista dos elementos decorativos, na presença da Árvore da Vida, figura humana, animais reais e figuras míticas e divinas. No caso deste ventó, a obediência decorativa em relação a um eixo central representado na Árvore da Vida, a exuberância do elemento vegetal com frondosas flores de vários tipos, as águias bicéfalas, mascarões (humanóides) e a inserção do elemento colorido, revelam esta influência mogol.

Proveniência: Colecção Dr. Abel Lacerda

€ 20.000 / € 40.000

lote 039

lote 040

039

Rara arca Indo-portuguesa - Goa, do séc. XVII, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano e marfim, com três gavetas, simulando seis, e tampo de abrir com compartimento no interior. Compartimento de conter, disfarçado em dois gavetões superiores; uma gaveta intermédia, simulando duas; e, junto à base, duas gavetas, lado a lado. Decoração de embutidos em ébano representando leões com olhos em marfim; arabescos, pontualmente terminado em forma de coração; e motivos geométricos. Moldura exterior do tampo ornada com motivo listado de cores contrastantes, efeito claro/escuro, formado por faixas oblíquas de teca e ébano. Composição central representando dois grandes leões rompantes afrontados, ladeados por cabeças de leão aladas e arabescos. Em volta, duas molduras completam a composição, ostentando: na primeira, mais estreita, friso de arabescos com motivo em forma de cruz, inscrito em círculos alternando com quadrados; e na segunda, mais larga, friso de arabescos e elementos geométricos, interrompidos por cabeças de leão. Interior do tampo decorado com composição de arabescos, separados por molduras lisas. Frentes das gavetas decoradas com dois leões rompantes afrontados, cercando com as garras os espelhos das fechaduras em cobre dourado, finamente rendilhadas e recortadas, rematadas no topo por coroa estilizada. Frente rematada com pregaria em metal dourado, aplicada sobre molduras lisas em madeira escura. Ilhargas decoradas com frisos semelhantes aos do exterior do tampo, sendo que a zona de descanso das gualdras ostenta elementos decorativos estilizados. Assente sobre pés achatados. Ferragens de época, aplicadas nas cantoneiras do tampo, gualdras e espelhos das fechaduras. Tampo com quebra longitudinal na tábua de suporte dos embutidos, tendo sido restaurada no ponto de ruptura e alguns outros pequenos restauros e substituições.
Alt.: 52 cm.; Larg.: 102,5 cm.; Fundo: 59 cm.

Rare Indo-portuguese chest, 17th century, in exoctic woods and ivory.

O Museu Nacional de Arte Antiga, possui nas suas colecções um arcaz semelhante a este lote Inv. 1488 Mov, pertencente à antiga Colecção Barros, vindo ilustrado in: catálogo da exposição Europália 91: De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992, pág. 124-125, cat. 55. Para peça com decoração semelhante, embora representando tigres em vez de leões, consultar: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 52 e 53 ou FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002; págs. 81 a 85; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 52. Para outras peças com a mesma linguagem decorativa: CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, págs. 49, 51, 53, 55, 56, 57 e 61, figs. 26, 27, 29, 30, 31, 32 e 34. A designação de arte Indo-portuguesa, é usada para definir na generalidade os objectos artísticos oriundos da Índia, mas em rigor, servirá apenas para definir a produção de arte de oficinas da Costa Ocidental Sul da Índia - Costa do Malabar, com maior incidência em Goa e Cochim, tendo tido o seu início ainda durante o século XVI e com produção maciça nos séc. XVII e XVIII. A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. Para além do esforço de cristianização, um dos estandartes erigidos para justificar a expansão, os interesses comerciais pesaram neste movimento intercontinental. Os objectos laicos, para o uso do leigo e do quotidiano, tiveram um peso significativo nas encomendas realizadas pelos europeus, tais como os contadores, mesas, escritórios, ventós, armários, cadeiras, banquetas, cofres, caixas, almofarizes, jogos, e muitos mais. No caso do mobiliário, à semelhança de outras manifestações artísticas, verificou-se uma fusão cultural entre as várias religiões, raças, costumes e estéticas, num esforço de comunicação entre ambas as partes. O Ocidente contribuiu com a forma e com a função, introduzindo tipologias e morfologias desconhecidas daquelas paragens, enquanto que a maior parte da linguagem iconográfica, da simbologia, densidade decorativa e materiais, são indianos. O resultado foi uma interessante interpenetração de culturas, onde os ocidentais adoptaram o entendimento decorativo e o gosto da matéria exótica, sendo possível perceber a coexistência de ambas as culturas num mesmo móvel. Esta arca possui uma linguagem decorativa completamente diferente da mesa de centro que apresentamos neste catálogo, apesar de ambas terem sido produzidas na mesma região - Costa do Malabar. Aqui, os animais e plantas extremamente estilizados conseguidos com efeito de claro-escuro, são de influência marcadamente Hindu. Segundo Maria Helena Mendes Pinto, "pretendiam transmitir a noção da escultura luxuriante hindu, plena de contrastes de sombra e luz por meio de um subterfúgio que consistia em recortar modelos vegetais e animais muito complicados em madeira escura e incrustá-los sobre um fundo de madeira clara. Ainda que o contraste claro-escuro fosse ao contrário da realidade, a ilusão de volume não era menos conseguida", in: catálogo da exposição Europália 91: PINTO, Maria Helena Mendes Pinto, Panorama histórico e artístico - De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 30.000 / € 50.000

040

Rara mesa Indo-portuguesa, do séc. XVII, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano, teca e marfim, com duas gavetas. Decoração do tampo, caixa e frente das gavetas, de influência islâmica, formada a partir de embutidos representando motivos geométricos, criando efeito de padrão, compostos por: círculos secantes, losangos, estrelas e ponteado de cavilhas em marfim. Tampo saliente, de formato rectangular, ostenta a decoração embutida, interrompida por duas barras lisas, de cor escura contrastante, sendo que a exterior forma moldura. Frente das gavetas, ilhargas e verso igualmente emolduradas por barra semelhante. Assente sobre quatro pernas, com duas ordens de travessas torneadas em espiral, decoradas com ramagens estilizadas, formadas por discos em ébano com cavilhas em marfim no centro. Cubos de intersecção das pernas com as travessas, decorados com elemento floral estilizado entalhado, sendo que os de remate com a caixa são em metal dourado, de fabrico posterior, e baseados nos elementos entalhados. Pés em forma de bolas achatadas. Ferragens em latão rendilhado, aplicado nos espelhos das fechaduras, dos puxadores e nas cantoneiras do tampo. Espelhos de dois puxadores, de fabrico posterior. Pequenos restauros; as tábuas que compõem o tampo separaram-se, resultando em duas fendas que danificaram o trabalho de embutidos; algumas faltas de elementos da decoração embutida e falta de cavilhas de fixação, em ébano. Bonita patine antiga da madeira.
Alt.: 77 cm.; Larg.: 94,5 cm.; Fundo: 63 cm.

Rare Indo-portuguese center table, 17th century, in exotic woods and ivory.

Para peças semelhantes, consultar: CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, pág. 64, fig. 36 - Mesa de estrado, séc. XVII, Museu Nacional de Arte Antiga, Inv.1290 Mov.; Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 31 e FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 153-155 - ambos referentes a uma mesa de centro com decoração embutida semelhante. O ***Palácio do Correio Velho*** *vendeu em Julho de 2002 (leilão 106 - Lote 63), uma peça muito semelhante, sobretudo na decoração invulgar das pernas torneadas. A designação de arte Indo-portuguesa, é usada para definir na generalidade os objectos artísticos oriundos da Índia, mas em rigor, servirá apenas para definir a produção de arte de oficinas da Costa Ocidental Sul da Índia - Costa do Malabar, com maior incidência em Goa e Cochim, tendo tido o seu início ainda durante o século XVI e com produção maciça nos séc. XVII e XVIII. A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. Para além do esforço de cristianização, um dos estandartes erigidos para justificar a expansão, os interesses comerciais pesaram neste movimento intercontinental. Os objectos laicos, para o uso do leigo e do quotidiano, tiveram um peso significativo nas encomendas realizadas pelos europeus, tais como os contadores, mesas, escritórios, ventós, armários, cadeiras, banquetas, cofres, caixas, almofarizes, jogos, e muitos mais. No caso do mobiliário, à semelhança de outras manifestações artísticas, verificou-se uma fusão cultural entre as várias religiões, raças, costumes e estéticas, num esforço de comunicação entre ambas as partes. O Ocidente contribuiu com a forma e com a função, introduzindo tipologias e morfologias desconhecidas daquelas paragens, quanto que a maior parte da linguagem iconográfica, da simbologia, densidade decorativa e materiais, são indianos. O resultado foi uma interessante interpenetração de culturas, onde os ocidentais adoptaram o entendimento decorativo e o gosto da matéria exótica, sendo possível perceber a coexistência de ambas as culturas num mesmo móvel. No caso desta mesa, admirável pelo seu lançamento e equilíbrio de formas e proporção, foi produzida na Costa do Malabar, zona de profunda influência islâmica. Estes objectos, distinguem-se dos produzidos na Índia Mogol, por exemplo, pelo uso luxuriante do elemento geométrico e pela ausência de figuras (proibidas pelo Islão). No entanto, a repetição quase até à exaustão da decoração, ou seja, o horror ao vazio, é algo característico do oriental.*

€ 30.000 / € 50.000

041

Contador Indo-português - Goa, do séc. XVII, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano e marfim, com cinco gavetas, simulando oito. Tampo, ilhargas e frente das gavetas com decoração de embutidos em ébano, realçados com cavilhas em marfim representando arabescos. Gualdras laterais e espelhos das fechaduras em latão recortado em forma de flor, com puxadores de pingentes. Assente sobre base de fabrico posterior, inspirada nos mesmos motivos.
Alt.: 37 cm.; Larg.: 34,5 cm.; Fundo: 40 cm.
Alt. Total: 104 cm.

Rare Indo-portuguese cabinet, 17th century, in exotic woods and ivory.

Chamamos a atenção para o facto de esta peça ter as gavetas na mesma face que os ventós. Para peças com a mesma linguagem decorativa, consultar: De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992, pág. 128 e 129; Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 52 e 53; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002; págs. 81 a 85; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 52; CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, págs. 49, 51, 53, 55, 56, 57 e 61, figs. 26, 27, 29, 30, 31, 32 e 34. A designação de arte Indo-portuguesa, é usada para definir na generalidade os objectos artísticos oriundos da Índia, mas em rigor, servirá apenas para definir a produção de arte de oficinas da Costa Ocidental Sul da Índia - Costa do Malabar, com maior incidência em Goa e Cochim, tendo tido o seu início ainda durante o século XVI e com produção maciça nos séc. XVII e XVIII. A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. Para além do esforço de cristianização, um dos estandartes erigidos para justificar a expansão, os interesses comerciais pesaram neste movimento intercontinental. Os objectos laicos, para o uso do leigo e do quotidiano, tiveram um peso significativo nas encomendas realizadas pelos europeus, tais como os contadores, mesas, escritórios, ventós, armários, cadeiras, banquetas, cofres, caixas, almofarizes, jogos, e muitos mais. No caso do mobiliário, à semelhança de outras manifestações artísticas, verificou-se uma fusão cultural entre as várias religiões, raças, costumes e estéticas, num esforço de comunicação entre ambas as partes. O Ocidente contribuiu com a forma e com a função, introduzindo tipologias e morfologias desconhecidas daquelas paragens, quanto que a maior parte da linguagem iconográfica, da simbologia, densidade decorativa e materiais, são indianos. O resultado foi uma interessante interpenetração de culturas, onde os ocidentais adoptaram o entendimento decorativo e o gosto da matéria exótica, sendo possível perceber a coexistência de ambas as culturas num mesmo móvel. Este contador possui uma linguagem decorativa completamente diferente da mesa de centro que apresentamos neste catálogo, apesar de ambas terem sido produzidas na mesma região - Costa do Malabar. Aqui, chamamos a atenção para os arabescos estilizados de linhas graciosas. Estes foram conseguidos a partir do efeito de claro-escuro, realçado pelas cavilhas em marfim. Esta intervenção pontual do marfim realça a peça, dotando-a de grande equilíbrio e dramatismo decorativos.

Esta linguagem é claramente de influência Hindu e, segundo Maria Helena Mendes Pinto, "pretendiam transmitir a noção da escultura luxuriante hindu, plena de contrastes de sombra e luz por meio de um subterfúgio que consistia em recortar modelos vegetais e animais muito complicados em madeira escura e incrustá-los sobre um fundo de madeira clara. Ainda que o contraste claro-escuro fosse ao contrário da realidade, a ilusão de volume não era menos conseguida", in: catálogo da exposição Europália 91: PINTO, Maria Helena Mendes Pinto, Panorama histórico e artístico - De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992.

€ 7.000 / € 10.000

lote 041

042

Menino Jesus Salvador do Mundo, escultura do séc. XVIII marfim parcialmente policromado e dourado. A figura está representada de pé, desnuda, abençoando com a mão direita e segurando na vara crucífera com a mão esquerda. Usa cabelos estriados, penteados em suaves ondulações terminando em caracóis. Assente sobre peanha do séc. XIX, em madeira marmoreada. Olhos em vidro, resplendor e vara crucífera em prata. Braço direito e o dedo médio da mão direita, partidos e colados.
Alt. Marfim: 24 cm.; Alt. Total: 36 cm.

Infant Jesus, 18th century ivory sculpture.

Chamamos a atenção para o elevado rigor anatómico e expressão desta escultura.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

043

Invulgar Santo António, escultura espanhola, do séc. XVII/XVIII, possivelmente colonial, em azeviche. A figura está representada de pé, segurando no Menino Jesus com a mão esquerda e num ramo de açucenas na mão direita. Enverga o hábito franciscano cingido na cintura por corda de ponta pendente com três nós (símbolo dos votos de castidade, pobreza e obediência), e decorado com debrum de serrilha. Menino Jesus representado vestido, de pé sobre o livro, segurando na Bola do Mundo com a mão esquerda e abençoando com a mão direita. Assente sobre peanha quadrangular, decorada com frisos de perlado e cantoneiras salientes rematadas por concha. Restauros e falhas.
Alt.: 28,5 cm.

Saint Anthony, 17th or 18th spanish or colonial jetty sculpture

Fundo com etiqueta de colecção com o número 108.

Azeviche: produto orgânico, carvão betuminoso que pode ser lapidado, trabalhado ao torno e polido, possui um brilho ceroso e aveludado, ocasionalmente apresenta veios de pirite. É utilizado para esculturas, jóias de luto, rosários e objectos de adorno. O nome tem origem num rio na região sudoeste da Turquia, o principal produtor foi durante muito tempo a Inglaterra, mais tarde apareceram jazidas, na Espanha, França e E.U.A.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 2.000 / € 3.000

044

Lavanda de bordo recortado e aba gomada em faiança portuguesa, fabrico atribuído ao Porto - Fábrica de Santo António do Vale da Piedade, direcção artistica de Jerónimo Rossi, séc. XVIII/XIX. Decoração com vidrado em tons de verde cobrindo toda a peça, aba decorada com friso ondulado em tons de branco delineado a vinoso e grinalda de flores em tons de branco, amarelo e vinoso que ondulam na aba intersectando o friso do bordo. Duas pequenas falhas no vidrado do bordo com cabelos associados.
Comp.: 38,2 cm.

Oval basin in Portuguese ceramic, late 18th century, early 19th century.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real D. Miguel de Bragança, Duque de Viseu.

€ 500 / € 800

045

Rara escudela com tampa em faiança portuguesa, fabrico do Porto, Fábrica da Massarelos, direcção artistica de Rocha Soares, séc. XVIII. Decoração policroma em tons de verde, amarelo azul e vinoso, corpo e tampa com quatro reservas circulares com ramo de flores, sobre fundo de treliça e decorado com pequenas flores e contas. De realçar o facto das pegas serem em forma de caras humanas estilizadas, em relevo. Marcada na base "^p^" a vinoso. Base com ligeiro desgaste no vidrado do bordo e pequeno cabelo.
Diam.: 17,5 cm.; Alt.: 13 cm.

Rare porringer with cover in Portuguese ceramic, 18th century.

Um prato do mesmo fabrico e com o mesmo tipo de decoração encontra-se ilustrado em "Faiança Portuguesa - séc. XVIII/XIX" de Arthur de Sandão, vol. I, pág. 117, fig. 95, bem como outras peças com o mesmo tipo de decoração encontram-se ilustradas no catálogo "Fábrica de Massarelos Porto 1763-1936", Museu Nacional Soares dos Reis 1998, págs.110-113, figs.: 27 a 30 e 33 a 34. Uma marca idêntica encontra-se ilustrada em "Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelana Portuguesas", Editora Estar, pág. 103, marca n.º 576.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 800 / € 1.200

046

Imponente terrina com tampa em faiança portuguesa, fabrico de Lisboa - Real Fábrica de Louça, ao Rato, período de produção sob a orientação de Sebastião Inácio de Almeida (1771-1779). Decoração simétrica em tons de azul, no bojo e na tampa, representando ramos de flores e chorão, fitas, grinaldas e outros elementos vegetalistas. Forma oval moldada com caneluras, assente sobre quatro pés de enrolamentos, pegas laterais com enrolamentos de acanto e concheados, pega da tampa elevada com aleta «rocaille», acantos e flor. Pequenas falhas no vidrado e base com ligeiro craquelê.
Alt.: 32,5 cm.; Comp.: 44 cm.

Tureen and cover in faience, 18th century

Para peças com a mesma tipologia ver "Real Fábrica de Louça, ao Rato", Museu Nacional do Azulejo/Museu Nacional de Soares dos Reis, Lisboa/Porto, 2003, pág. 298, peça n.º 98 e para o mesmo tipo de decoração ver o mesmo catálogo págs. 293 e 295.

€ 3.500 / € 6.000

047

Floreira de sete gargalos em faiança portuguesa, fabrico de Gaia, atribuível à Fábrica de Santo António do Vale da Piedade, Jerónimo Rossi, séc. XIX. Decoração em tons de azul, gargalos decorados em relevo com folhas de acanto, corpo decorado com ramo de flores aplicadas, pegas laterais em forma de "S", base recortada. Pequenas falhas no vidrado e alguma alteração na coloração provocado por um sobreaquecimento.
Alt.: 38,5 cm.

Flower pot in faience, 19th century

Chamamos a atenção para a invulgar dimensão desta peça.

Para peças semelhantes ver "Faiança Portuguesa - séc. XVIII-XIX" de Arthur de Sandão, Vol. II, pág. 119, fig.120, e "Cerâmica Portugueza" de José Queiróz, Lisboa 1907, pág.121, fig. G108. Na colecção António Capucho existem um par de floreiras semelhantes, marcadas "SP", atribuídas à Fábrica de Massarelos (?) que se encontram ilustradas em "António Capucho Retrato do Homem Através da Colecção", Editora Civilização, pág. 151, peça no 81.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 800 / € 1.200

048

Raro jarro de colo alto em porcelana chinesa. Decoração a azul sob vidrado, corpo bojudo decorado com faixas de folhas e flores, faixa central com quatro reservas circulares decoradas com figuras orientais sendo uma a lavar junto a um tanque, um vendedor de pássaros, um camponês a colher o arroz e outra com figura masculina a ler. Colo alto decorado com arranjos florais, pega decorada com elementos vegetalistas. Faltas de vidrado na pega e no bordo do gargalo, defeito de fabrico na base.
Alt.: 35 cm.

Blue and white porcelain ewer, China, probably early 17th century

Em nossa opinião esta peça deverá ter sido executada nos últimos anos do Reinado da Dinastia Ming, provavelmente no início do séc. XVII. Esta peça foi adquirida no primeiro leilão da colecção Ernesto Vilhena. Peças com elementos decorativos semelhantes ver "Chinese Ceramics in the Collection of the Rijksmuseum, Amsterdam, the Ming and Qing Dynasties" de Christiaan J.A. Jörg e Jan Van Campen, pág. 82, peça no 71.

€ 2.000 / € 3.000

049
PILLEMENT, Jean-Baptiste Pillement (1728-1808)
Cenas Nocturnas
Par de óleos sobre madeira
Assinados e datados, 1790
Dim.: 23.5 x 19 cm.

Pillement, Pair of oils on board, signed

As cenas nocturnas que não sejam de tempestade ou naufrágio, são muito raras na obra de Pillement. Estas obras apresentam duas cenas calmas, tendo a da serenata um cariz bem romântico. Jean Baptiste Pillement, "Petit Maître Lionês", grande decorador e pintor de fantasia opulenta e de gosto requintado, além das paisagens e decorações distinguiu-se no género "chinoiseries" (entre 1750-1770) onde atingiu toques e pormenores cuja sedução, leveza e graciosidade são inigualáveis. Na riqueza das suas "chinoiseries", podemos notar uma diferença de escalas, pouco realista, entre a representação vegetal e a humana, onde se sobrepõe a exuberância de frutos e coroas de flores gigantes contra finos troncos e caules de árvores de grande porte assentes sobre estacas, simulando como que pairassem sobre nuvens recauchutadas de verdura. As figuras representadas são suaves e "calmantes", de vida quotidiana e sábia, dançam, brincam, patinam e tocam instrumentos artisticamente, transmitindo sempre, numa certa pose, a graciosidade característica da obra do pintor. A composição de moldura que envolve a paisagem assemelha-se a uma gaiola por onde se espreita uma natureza com um toque de desconhecido e enriquecida por todo o charme dos segredos e mistérios orientais.

Pintor de grande minúcia, pintou vários quadros, decorações, ornamentou móveis e até pintou botões para casaca a guache sobre marfim (Museu dos Coches e Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva). São-lhe atribuídas pinturas de tecto, no Palácio Fronteira e frescos nos Palácios de Seteais e Ramalhão em Sintra. Foi o Dr. Ricardo do Espírito Santo Silva, que depois de três estadias do artista em Portugal durante o séc. XVIII, o "redescobriu", tendo-o lançado "na moda", chamando a atenção de coleccionadores para o excepcional valor do "petit maître lionês", constituindo uma grande colecção das suas obras, sendo considerada, talvez, como a mais importante que se conhece.

Esta nota foi elaborada com base no catálogo da exposição realizada na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva "Jean Pillement e o paisagismo em Portugal no séc. XVIII" e no "Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses" de Fernando de Pamplona, vol. IV, págs. 319 a 322.

€ 15.000 / € 25.000

050
PILLEMENT, Jean-Baptiste Pillement (1728-1808)
Paisagens com figuras
Par de óleos sobre metal
Assinados e um datado de 1771
Dim.: 29 x 40 cm.

Pillement, Pair of oils on metal, signed

Jean Baptiste Pillement, "Petit Maître Lionês", grande decorador e pintor de fantasia opulenta e de gosto requintado, além das paisagens e decorações distinguiu-se no género "chinoiseries" (entre 1750-1770) onde atingiu toques e pormenores cuja sedução, leveza e graciosidade são inigualáveis. Na riqueza das suas "chinoiseries", podemos notar uma diferença de escalas, pouco realista, entre a representação vegetal e a humana, onde se sobrepõe a exuberância de frutos e coroas de flores gigantes contra finos troncos e caules de árvores de grande porte assentes sobre estacas, simulando como que pairassem sobre nuvens recauchutadas de verdura. As figuras representadas são suaves e "calmantes", de vida quotidiana e sábia, dançam, brincam, patinam e tocam instrumentos artisticamente, transmitindo sempre, numa certa pose, a graciosidade característica da obra do pintor. A composição de moldura que envolve a paisagem assemelha-se a uma gaiola por onde se espreita uma natureza com um toque de desconhecido e enriquecida por todo o charme dos segredos e mistérios orientais. Pintor de grande minúcia, pintou vários quadros, decorações, ornamentou móveis e até pintou botões para casaca a guache sobre marfim (Museu dos Coches e Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva). São-lhe atribuídas pinturas de tecto, no Palácio Fronteira e frescos nos Palácios de Seteais e Ramalhão em Sintra. Foi o Dr. Ricardo do Espírito Santo Silva, que depois de três estadias do artista em Portugal durante o séc. XVIII, o "redescobriu", tendo-o lançado "na moda", chamando a atenção de coleccionadores para o excepcional valor do "petit maître lionês", constituindo uma grande colecção das suas obras, sendo considerada, talvez, como a mais importante que se conhece. Esta nota foi elaborada com base no catálogo da exposição realizada na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva "Jean Pillement e o paisagismo em Portugal no séc. XVIII" e no "Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses" de Fernando de Pamplona, vol. IV, págs. 319 a 322.

€ 40.000 / € 60.000

051

"Secretaire a abattant" lacada a verde, negro e dourado, da autoria de Jacques Dubois e marcado JME (Jurande dês Maitrês Ébéniste), trabalho francês do séc. XVIII. De formato rectangular com cantos cortados e decorados por caneluras, sendo o corpo inferior com duas portas escondendo uma prateleira e corpo superior com tampo de rebater, forrado no interior por couro, escondendo prateleiras e quatro pequenas gavetas. Remate com uma gaveta e topo com tampo em mármore branco de laivos cinzentos. Decoração das almofadas da frente e ilhargas com borboletas e motivos florais de inspiração chinesa, apresentando ainda pássaros nas laterais, almofada do tampo com cena do quotidiano chinesa de paisagem e figuras com pagode e ponte. Aplicações em bronze dourado nas almofadas em molduras perladas, no remate entre a gaveta e o tampo com friso entrelaçado por fitas, nos escudetes encimados por laços e em elementos vegetalistas aplicados nos cantos e nos quatro pés rectangulares. Pequeno saial dourado e recontado com elementos estilizados e vegetalistas. Marcado duas vezes pelo "ébéniste" e uma vez JME. Defeitos e restauros.
Dim.: 142 x 81 x 37,5 cm.

Jacques Dubois, ormolu-mounted green lacquer "secretaire a abattant", 18th century.

Jacques Dubois "maître ébéniste" em 1742, mostrou uma grande versatilidade e variedade na execução de móveis onde combinou com mestria o trabalho da laca com os bronzes dourados.

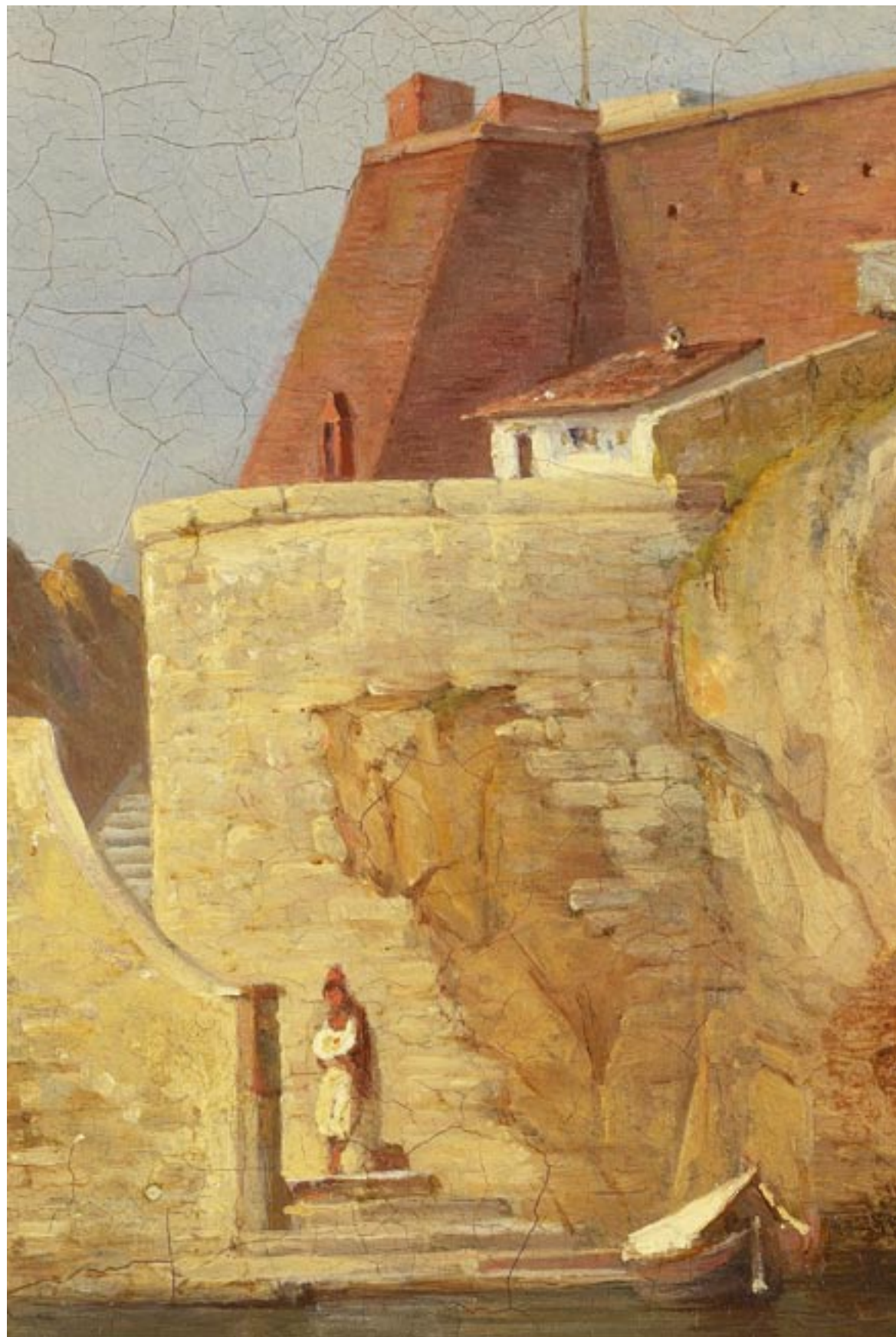
€ 15.000 / € 25.000

052

Importante terrina com tampa e travessa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com ricos esmaltes em tons de lilás, azul, verde, dourado e da família rosa tendo ao centro brasão de armas de Manuel Paes de Sande e Castro e frisos com grinaldas, flores, parras e cachos de uvas. Reinado de Jiaqing cerca 1815. Ligeiro desgate no dourado das pegas e do bordo da tampa.
Travessa - Comp.: 42 cm. Terrina - Alt.: 28 cm.; Comp.: 36 cm.

Chinese export armorial tureen with cover and stand with portuguese coat of arms - Jiaqing period (1796-1820)

Manuel Paes de Sande e Castro, Fidalgo da Casa Real, 2º Donatário da Vila do Souto, Senhor da Casa e Morgado do Cabo em São João da Pesqueira, Senhor da Casa de Penedono, da Corte de D. João VI no Brasil, Governador e Capitão General de São Paulo. Casado com D. Leonor, filha do 5º Visconde de Asseca que foi Alcaide-Mor do Rio de Janeiro. Um prato do mesmo serviço encontra-se ilustrado em "A Porcelana Chinesa e os Brasões do Império" de Nuno de Castro, pág. 205, bem como, uma taça com pires do mesmo serviço encontra-se ilustrada em "Cerâmica Brazonada" de Conde de Castro e Solla, vol. I, págs. 82-84, estampa XLIX. Um escudo igual às armas apresentadas nestas peças, mas encimado por coroa ducal, encontra-se pintado no tecto do salão nobre da casa do Cabo, na Pesqueira.

€ 30.000 / € 50.000

053

George Chinnery, séc. XIX, atribuível.
Vista do Forte do Ilhéu da Pontinha, Funchal com bandeira real portuguesa, costa marítima, barcos e figuras na praia.
Óleo sobre cartão
Dim.: 30,5 x 40,5 cm.

Attributable to George Chinnery, 19th century, oil on card-board.

O Forte do Ilhéu da Pontinha, no porto do Funchal, na ilha da Madeira, dedicado a Nossa Senhora da Conceição, foi construido no séc. XVII, como defesa contra os corsários e piratas. Ao longo da história foi sendo acrescentado, fazendo hoje parte do cais da Pontinha, local onde atracam os grandes paquetes que visitam o Funchal.

Proveniência: Antiga Colecção da Familia Avillez.

€ 10.000 / € 15.000

054

George Chinnery, séc. XIX, atribuível

Vista da escadaria do Convento de S. Francisco, em Macau

Óleo sobre cartão

Dim.: 30 x 40,5 cm.

Attributable to George Chinnery, 19th century, oil on card-board.

George Chinnery, pintor inglês, (1774-1852), viaja pelo Oriente, especialmente pela India e China, onde se torna conhecido pela qualidade da sua pintura. Expõe na Royal Academy entre 1791 e 1846. Fixa-se em Macau onde vem a morrer, durante a sua estadia realiza inumeros estudos dos tipos locais, principalmente em desenho.

Proveniência: Antiga Colecção da Familia Avillez.

€ 10.000 / € 15.000

Para peça com decoração semelhante, consultar: CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, pág. 33, fig. 17 - Ventó, séc. XVII, Museu Nacional de Soares dos Reis, Inv.41 Mob (CMP); FREIRE, Fernanda Castro, 50 dos Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 48 e 49; A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991; pág. 31 e 195 - cat. 571; Colecção Abel de Lacerda, Museu do Caramulo/Fundação Abel de Lacerda, Caramulo, 2003, pág. 158 - 161. Os objectos artísticos Indo-portugueses produzidos no Norte e Centro da Índia possuem características díspares dos objectos oriundos da Costa do Malabar. Este território, denominado Guzarate - correspondente às possessões portuguesas de Damão e Diu, sofreu uma influência turcomana, fruto de ter sido conquistado em 1526 pelo Grão-Mogol Babur. Esta forte presença persa condicionou a produção artística, sobretudo na linguagem e cromatismo, com as seguintes especificidades: representação naturalista dos elementos decorativos, na presença da Árvore da Vida, figura humana, animais reais e figuras míticas e divinas. No caso desta caixa escritório, a obediência decorativa em relação a um eixo central representado no vaso florido, a exuberância do elemento vegetal e a inserção do elemento colorido, revelam esta influência mogol.

055

Rara caixa escritório Indo-Portuguesa - Índia Mogol, do séc. XVII, em sissó - jacarandá da Índia, ébano, teca, entre outras, e marfim ou osso coloridos; com uma tampa e duas gavetas, simulando três. Apresenta em todas as faces, incluindo no interior da tampa, decoração de embutidos em diferentes tipos de madeira, marfim e osso tingido de verde, apresentando grande exuberância ornamental. Representa composição de carácter naturalista, presente no uso de animais como pássaros ou ainda a flor de lótus. Exterior do tampo decorado ao centro por uma rosácea envolta por enrolamentos vegetalistas e por cercadura formada por friso de enrolamentos semelhantes ao central, interrompidos em quatro pontos por carrancas e nos quatro cantos por águias bicéfalas coroadas. Interior do tampo em excepcional estado de conservação, ostenta a Árvore da Vida representada saindo de um vaso, com pássaros pousados nos ramos, motivo que se repete nas ilhargas e no verso. Frente das gavetas decoradas com enrolamentos vegetalistas. Encontram-se ainda dois motivos florais estilizados que, dispostos alternados e em forma de frisos, delimitam as composições. Interior da primeira gaveta com divisórias para albergar tinteiro, areeiro e penas. Assente sobre pés de bola originais, em cobre dourado. Os elementos metálicos, em cobre dourado, recortado e rendilhado encontram-se nos cantos protectores, espelhos das fechaduras e puxadores das gavetas compostos por pequenos elementos torneados em espiral. Exterior do tampo com falta de uma carranca e de alguns elementos de embutidos, bem como filetes decorativos. Restantes faces, com faltas de elementos de embutidos, filetes e com algumas peças levantadas, necessitando consolidação.
Alt.: 24,8 cm.; Larg.: 40,9 cm.; Fundo: 30 cm.

Rare Indo-portuguese writing desk, 17th century, in exotic woods and ivory.

Esta peça pertenceu por herança aos trisavós dos actuais proprietários, D. Casimira Augusta Mascarenhas Bandeira da Gama, casada com António Calheiros Pita de Noronha e Menezes, proprietários do Paço de Óis-do-Bairro. Esta senhora e sua irmã Maria eram conhecidas pelas "Meninas Mascarenhas" cuja história deu origem a um romance de Camilo de Castelo Branco, intitulado de "As Meninas Roubadas". As "Meninas Mascarenhas", eram igualmente proprietárias da Casa do Sobreiro, Vilar de Besteiros, Casa da Aguieira, etc.

Proveniência: Colecção w Calheiros de Azevedo.

€ 8.000 / € 12.000

056

Rara Nossa Senhora da Conceição, placa em baixo relevo Cingalo-portuguesa do séc. XVII em marfim decorado com realces a dourado e policromia, com caixilho liso integrado. A figura está representada de pé, de mãos postas em posição não frontal, envolta num resplendor parabólico raiado e, sob os pés, o Crescente de Lua pousado na cabeça e asas de um anjo. Rosto oval, com cabelo penteado com risco ao meio, caindo em madeixas onduladas pelos ombros e costas. Veste túnica plissada caindo em leque sobre o Crescente de Lua, envergando sobre os ombros uma túnica esvoaçante, cruzada na frente, em diagonal, posta à maneira dos "sari" indianos. Indumentária decorada com debrum de tarja de perlados e motivos florais a dourado. Encontra-se entre nuvens planas e imbricadas de características cingalesas ou chinesas, onde se dispõem quatro anjos tocando instrumentos musicais e cabeças de anjo aladas. Anjos representados com cabelos escorridos, narizes aduncos e orelhas protuberantes. Moldura de época em ébano. Ligeiros gastos da policromia e dourado.
Dim.: 13,9 x 10,5 cm.

Rare Madonna, 17th century Cingalo-Portuguese ivory plaque.

Esta peça vem ilustrada e estudada in: TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Colecção presenças da imagem - Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, pág. 14. Segundo este autor, "(...) Trata-se de um exemplar perfeito, esculpido com arte, em que a intervenção europeia se reduz à iconografia, certamente copiada de gravura ou placa metálica. Mas todo o pormenor foi livremente concebido dentro dos cânones da arte e tradição cingalesa do séc. XVII, o que torna esta peça ímpar, densa de exotismo, sem abdicar da sua influência e propósito cristãos. (...)" in op. cit. A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. A par dos interesses comerciais, a coroa portuguesa empenhou-se na cristianização dos povos, levantando-a como um dos estandartes erigidos para justificar a expansão. Esta catequese cristã provocou uma prolífera produção e circulação de imaginária entre os continentes onde Portugal mantinha as suas colónias e influência, oriundas da Índia e do Ceilão, pela mão das ordens religiosas, dos emigrantes e dos comerciantes. Este esforço cristão foi forçado a uma adaptação às culturas indígenas para melhor comunicar com elas, afim de passar a mensagem de Deus. O resultado foi uma interessante fusão de culturas, onde os cristãos por vezes alteraram a iconografia e a linguagem e onde as culturas indígenas introduziram o seu cunho no tratamento dos pormenores das esculturas.O domínio português no Ceilão teve início em 1505 mas foi entre 1560 e o domínio dos Filipes, cerca de 100 anos depois, que se sentiu uma maior expansão. As figuras religiosas Cíngalo-portuguesas definem-se na generalidade por um maior cuidado e delicadeza e da influência chinesa, presente, por exemplo, no tratamento dos olhos, das nuvens e da arquitectura dos templos. As mãos possuem dedos longos e os cabelos, ao contrário dos Indo-portugueses, apresentam estrias finas e são justapostos. A indumentária representa-se caindo em pregas paralelas, decorados com orlas de perlados.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 10.000 / € 15.000

057

Santo António com o Menino Jesus, escultura Indo-portuguesa, do séc. XVIII, em marfim de hipopótamo, decorado com realces a dourado. A figura está representada de pé, segurando no Menino Jesus com a mão esquerda e em posição de segurar um atributo com a mão direita e calçando sandálias. Enverga o hábito franciscano, cingido na cintura por corda de ponta pendente com três nós - símbolo dos votos de castidade, pobreza e obediência. Hábito decorado com motivos vegetalistas a dourado. Menino Jesus está representado desnudo parcialmente coberto por pano, abençoando com a mão direita e sentado sobre o livro. Assente sobre peanha decorada com flor Josefina ao centro e dois contrafortes laterais representando motivos florais. Verso da peanha com o número 2151. Menino Jesus com coroa em prata.
Alt.: 22 cm.

Saint Anthony, 18th century Indo-portuguese ivory sculpture.

Fundo com etiqueta de colecção. Peça executada em marfim de hipopótamo. Esta peça pertence a um grupo que alguns autores remetem para a mesma oficina pelas seguintes características em comum: forma de secção triangular, tratamento apurado da indumentária e peanha D. José de estrutura arquitectónica. Para peças da mesma oficina, consultar: TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, págs. 54, 160, cats. 68, 211. Esta peça é notavelmente semelhante à figura da página 160, cat. 211, que mereceu o seguinte comentário do autor: "(...) Neste Santo, os rostos são expressivos, os cabelos bem tratados, as mãos mal definidas, o hábito bem esculpido e com hábil movimento cenográfico visto a frente estar praticamente num plano. Notar os "sacos" das mangas, o cinto com laços e borlas, o levantar do hábito em diagonal, para se movimentar nas pregas à direita. A peanha de estilo D. José é triangular truncada, de faces onduladas prenhes de molduras encurvadas, vazados cegos, recortes. Composição frontal de flores grandes (girassol?) e pequenas molduras curvas e acantos que se repetem nos contrafortes apinazados de remate conchóide. Exemplar notável de arte i.-p. da 2a metade do séc. XVIII, (...)", op. cit. pág. 160.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

058

Menino Jesus Salvador do Mundo, escultura Indo-portuguesa - Goa, do séc. XVII em marfim. A figura está representada de pé, desnudo, abençoando com a mão direita e segurando na vara crucífera com a mão esquerda. Boca rasgada num ligeiro sorriso e olhos amendoados. Cabelo encaracolado em grossas madeixas estriadas, terminando em caracóis nas pontas. Calça bonitas sandálias à maneira romana, decoradas com tiras perladas e motivos florais. Restauro no braço esquerdo e no pé direito e dois dedos colados. Assente sobre coxim e peanha do séc. XVIII, em madeira estofada, marmoreada e dourada, com algumas faltas. Estandarte em prata, de época, com inscrição "ECCE AGNUS DEI". Junto com pequeno vestido em renda.
Alt. Marfim: 24 cm. Alt. Total: 40 cm.

Infant Jesus, 17th century Indo-portuguese ivory sculpture.

*Para peças semelhantes consultar: Museu do Abade de Baçal, inv. 56; TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Colecção presenças da imagem * Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, pág. 70 e 71, cats. 89 e 91; MARCOS, Margarita Mercedes Estella, Marfiles de las Procincias Ultramarinas Orientales de España y Portugal, Moterrey, 1997, pág. 245, cat. 132; De Goa a Lisboa, Europália 91, 1991, pág. 74 e 75; Arte do Marfim: Do Sagrado e da História na Coleção Souza Lima do Museu Histórico Nacional, Curadoria de Lucila Morais Santos, Centro Cultural Banco do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993, pág. 35; A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, págs. 123, 124, 125 e 127, cats. 317, 318, 319, 320, 326 e 334. A designação de arte Indo-portuguesa, é usada para definir na generalidade os objectos artísticos oriundos da Índia, mas em rigor, servirá apenas para definir a produção de arte de oficinas da Costa Ocidental Sul da Índia - Costa do Malabar, com maior incidência em Goa e Cochim, tendo tido o seu início ainda durante o século XVI e com produção maciça nos séc. XVII e XVIII. A imaginária Indo-portuguesa caracteriza-se por ter graciosidade e harmonia de execução. As figuras são geralmente representadas com rigor anatómico, de expressões indianas com os seus olhos amendoados, as orelhas salientes e as mãos em arco. Os cabelos são tratados com madeixas estriadas, bastante onduladas, caindo pelos ombros e costas de forma rígida e regular. A indumentária apresenta uma forte influência indiana. No caso deste Menino Jesus, chamamos a atenção para esta forte influência indiana presente no formato rasgado dos olhos, nas orelhas salientes (orelhas que escutam - propriedade mística influência das divindades indianas) e no tratamento dos cabelos com madeixas largas e cheias, formadas por estrias regulares, terminando em caracóis graciosos.*

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

059

Escola Portuguesa do séc. XVII/XVIII - Aveiro (?)

Cena de banquete numa corte

Óleo sobre tela

Não assinado

Dim.: 78 x 122,5 cm.

Emoldurado com invulgar moldura portuguesa em madeira acharoada, decorada com "chinoiseries" a dourado e verde, sobre fundo vermelho. Esta obra tem interesse documental porque, à semelhança de todas as obras que representam cenas de interior, caracteriza os objectos e o modo de viver da época em que foi pintada, como a presença do papagaio e dos músicos negros; as iguarias servidas à mesa; as baixelas, talheres e diversos objectos de ouro e de prata, dispostos tanto na mesa como no escaparate do lado direito; as figuras principais encontram-se rodeados de cortesãos e serviçais.

Proveniência: Antiga Colecção da Quinta da Várzea - Viscondessa de Alverca

€ 50.000 / € 80.000

060

Escola Europeia, séc. XVIII

Par de naturezas mortas com frutos, cestos de vime, pratos, taça em loiça e jarro.
Óleo sobre tela
Dim.: 41.5 x 161 e 42 x 155 cm.

Pair of European school, 18th century, oil on canvas.

Nestes quadros aparecem reproduzidas, uvas, romãs, figos, pêssegos, melancias, limões, maçãs, cerejas, cestos de vime, pratos em estanho (?), taça em loiça com decoração a azul e branco, jarro em cerâmica com tampa em metal, sobre mesas longas e com cortinados vermelhos enrolados nos cantos superior direito. No verso etiquetas antigas coladas com n.º de inventário, 7 e 26, manuscrito.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 15.000 / € 25.000

061

Porta paz em prata espanhola, Granada, séc. XVII/XVIII. Corpo em forma de templete segundo modelo do séc. XVII, com nicho central, ladeado por duas colunas com capiteis decorados com motivos vegetalistas, o conjunto rematado por frontão semi-circular, tudo envolvido por moldura de motivos vegetalistas e concheados, trabalho de repuxado, gravado e cinzelado. No nicho escultura representando S. André em prata dourada. Verso com asa em forma de S estilizado, aplicada nas costas e na base. Marcas de garantia em uso na cidade de Granada no final do séc. XVII início do XVIII, marca de ourives *ABIA, atribuível a Alejandro Padilla, da mesma época. Sinais de uso, falhas e fissuras.
Alt.: 18 cm. Peso Aprox.:313 gr.

Pax in spanish silver, Granada, late 17th. century or early 18th. century.

€ 1.500 / € 2.500

062

Porta-paz em prata espanhola, Granada, séc. XVII/XVIII. Corpo em forma de templete segundo modelo do séc. XVII, com nicho central, ladeado por duas colunas com capiteis decorados com motivos vegetalistas, o conjunto rematado por frontão semi-circular, tudo envolvido por moldura de motivos vegetalistas e concheados, trabalho de repuxado, gravado e cinzelado. No nicho escultura representando S. André em prata dourada. Verso com asa em forma de S estilizado, aplicada nas costas e na base. Marcas de garantia em uso na cidade de Granada no final do séc. XVII início do XVIII, marca de ourives *ABIA, atribuível a Alejandro Padilla, da mesma época. Sinais de uso e falhas.
Alt.: 17.5 cm. Peso Aprox.:362 gr.

Pax in spanish silver, Granada, late 17th. century or early 18th. century.

€ 1.500 / € 2.500

O porta-paz é um pequeno quadro ou painel em metal, marfim, madeira, etc., com decoração pintada, em esmalte ou em escultura representando uma imagem religiosa, que durante a missa, antes da comunhão se dava a beijar aos fiéis no momento do "beijo da paz". "Enciclopédia de la Plata Española y Virreinal Americana", Alejandro Fernández et al., Edición de los Autores, Madrid, 1984, pág. 140, para uma peça de modelo semelhante ver, "Plateria y Plateros Bajoextremeños, siglos XVI - XIX", Francisco Tejada Vizuete, Mérida 1998, pág. 532, fig. 261.

063

Invulgar par de tocheiros em prata, trabalho espanhol da segunda metade do séc. XVII. Base de secção triangular com enrolamentos em "S" estilizado com decoração repuxada de elementos vegetalistas, cabeças de anjo e folhas de acanto. Fuste em diversas secções com a mesma decoração, ostentando registo com as insígnias jesuitas "I.H.S", arandela larga e copo, lisos. Assente sobre três pés adaptados em metal. Interior em madeira, espigão de ferro e placa de chumbo para equilibrio. Sem marcas. Sinais de uso e restauros antigos.
Peso da prata aprox.: 6500 gr.; Alt.: 70 cm.

Unusual pair of silver torcheres, Spanish, 17th century

*O **Palácio do Correio Velho** vendeu no leilão nº 3, em Dezembro de 1989, um par semelhante, lote 131.*

€ 20.000 / € 40.000

064

Salva de gomos em prata portuguesa, trabalho possivelmente do final do século XVII/XVIII. Centro com medalhão ostentando dois animais fantásticos em luta sobre um fundo de paisagem, envoltos por coroa de louros e faixa de godrões, orla com concheados, enrolamentos em C e registos com animais, veado, cão, touro e leopardo(ver nota), fundo com decoração de paisagem a ponteado. Bordo com dezoito gomos de bordo liso decorados com flores. Toda a decoração é repuxada, gravada, cinzelada e ponteada. Sem marcas mas atribuível a trabalho português do final do séc. XVII/XVIII. Sinais de uso, pequenas fissuras e furos, algumas soldaduras.
Peso aprox.: 900 gr.; Diam.: 45,2 cm.

Portuguese silver salver, late 17th early 18th

Para uma peça com semelhanças decorativas, tanto na orla como no bordo ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 38, (com marcas de Lisboa em uso do final do séc. XVII a c. 1720). Para uma representação do que pode ser um leopardo ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 44.

€ 4.000 / € 6.000

065

Grande salva em prata portuguesa, trabalho do final do séc. XVII/XVIII. Medalhão central com cena de caça a cavalo com cavaleiro empunhando uma lança e acompanhado por cão atacando um leão, fundo de paisagem com aves voando e núvens em espiral. Centro envolto em duplo friso ponteado e de escamas, orla decorada com quatro registos preenchidos por cão, dromedário, veado e raposa, envoltos por espigas e flores, e separados entre si por aves e elementos vegetalistas. Aba em gomos semi-sobrepostos rematados por faixas de ponteado, com concheados, tulipas estilizadas, outros elementos vegetalistas e enrolamentos. Bordo liso e ondulado com apontamentos florais. Marca de contraste de Lisboa (L- 20 ou variante) em uso de final do séc. XVII a c. 1720, marca de ourives (de difícil leitura) *S, não identificável. Sinais de uso, faltas, fissuras e furos.
Peso aprox.: 1328 gr.; Diam.: 53 cm.

Portuguese silver salver, late 17 th century, early 18 th.

Para uma salva com uma decoração semelhante na orla e na aba ver catalogo da "Exposição de Ourivesaria portuguesa e francesa", FRESS, Lisboa, Abril - Maio 1955, pág. 47, fig. 61, item: 149. Na "Exposição de Arte Portuguesa em Londres 800 - 1800", Londres, 1955 - 1956, estampa L, aparece reproduzida uma salva muito semelhante. No catalogo de "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 40 e 41, ver uma salva com decoração semelhante de motivos vegetalistas, divisão em gomos torsos e orla ondulada, a época é a mesma."Esta tipologia de salvas teve um largo desenvolvimento em Portugal nos finais da centúria de Seiscentos e primeiras décadas do século XVIII, assumindo diversas variantes. A predominância dos gomos, definindo formas rectas ou diagonais, e o constante recurso a aves e elementos florais revelam-se as tónicas predominantes da ornamentação destas salvas. Continuando a tradição vinda já, pelo menos, do século XV, a salva mantém uma estrutura dividida entre a orla e o núcleo central, separados por uma superfície intermédia de maiores dimensões, em termos relativos, e onde o ourives se espraiava com decorações essencialmente de natureza fito e zoomórfica. Em relação ao núcleo central, o leque de manifestações apresenta-se com grande diversidade de elementos fitomórficos ou figurativos. Seria interessante estabelecerem-se as tipologias ornamentais deste tipo de salvas de modo a chegar a conclusões específicas. In D. Gonçalo Vasconcelos e Sousa, "Pratas em Colecções do Douro", Lello Editores, Bienal da Prata, Lamego, 2001, pág. 102.

€ 7.000 / € 10.000

066

Importante cafeteira em prata portuguesa, D. Maria I, trabalho do séc. XVIII. Corpo em forma de balaústre, decorado com motivos vegetalistas e festões, gravados. Assente sobre base circular desenvolvendo-se em dois níveis, elegante bico alto e estreito terminando em voluta, tampa lisa com gravação muito súave no bordo e junto ao botão, em forma de urna, asa em madeira trabalhada e pintada, com apoio de polegar em forma de crescente. Marca de contraste do Porto (P-16) em uso de c. 1790 a c. 1804, marca de ourives AS (P-184), atribuível a António de Sousa, activo de 1768 a 1810.
Peso Aprox.: 1110gr. Alt.: 35 cm.

Important Portuguese silver, coffeepot, late 18th century.

€ 6.000 / € 8.000

Para duas peças de modelo semelhante, praticamente da mesma época, mas com decoração mais densa, ver "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 219, item 301 e "Pratas Portuguesas em Colecções Particulares, séc. XV ao séc. XX", D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Porto, 1998, pág. 180 e 181.

067

Cafeteira em prata portuguesa, D. Maria I trabalho do final do séc. XVIII. Corpo liso em forma de urna, com faixas caneladas rematadas por pontos e frisos de perlado em torno da base, bojo, bocal e dois frisos no bico alto e fino, tampa em forma de campânula com canelados, motivos vegetalistas e botão em forma de pinha lisa, charneira saliente. Asa em pau-santo entalhado. Marca de contraste do Porto. (P-15) em uso de 1784 a 1790, marca de ourives IPP (P-350), atribuível a João Pinto Pereira activo até cerca de 1804.
Alt. Aprox.: 35.5 cm. Peso Aprox.: 1108 gr.

Portuguese silver, coffeepot, late 18th century.

€ 6.000 / € 8.000

Para uma peça com o mesmo modelo e decoração semelhante, ver "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 87, item 90. Para uma variante deste modelo, de João Coelho Sampaio ver, op. Cit., pág. 159, item 209.

068

Raro par de cómodas D. José/D. Maria, do séc. XVIII, em pau-santo entalhado, com três gavetas e três gavetões. Frente e ilhargas onduladas no plano horizontal, com cantoneiras de secção semicircular. Tampo rectangular, liso e recortado, levemente moldurado, acompanhando o movimento da frente e das ilhargas, e cantos dianteiros arredondados projectando-se diagonalmente para cobrir as cantoneiras da caixa. Frentes das gavetas e gavetões de frentes lisas e moldura periférica de filete e redondo, de tamanho crescente em direcção à base. Saiais frontal e laterais ondulados, percorridos por friso de ramagem vegetalista, rematado no da frente por laço. Joelhos de curva pronunciada, terminando em pés de cachimbo. Ferragens em metal dourado, com espelhos elípticos, decorados com perlado. Um puxador e um escudete substituídos. Pequenos defeitos e uma cómoda com fecharias substituídas. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 103 cm.; Larg.: 131 cm.; 61,5 cm.

Rare pair of chest-of-drawers, D. José/D. Maria, 18th century, in carved kingwood.

Para peças semelhantes ver meia cómoda da Colecção Anastácio Gonçalves, CMAG 710.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 30.000 / € 50.000

069

Rara placa em prata branca e dourada com cenas religiosas, trabalho possivelmente do norte de Itália ou Alemanha, do séc. XVII/XVIII. Moldura e divisórias interiores em prata dourada, com motivos vegetalistas, folhas de acanto, enrolamentos e flores na moldura, folhas de louro com fitas nas divisórias. Painel central dividido em dezassete quadros individuais com as representações dos doze Apóstolos com os seus atributos sobre fundos de paisagens campestres, dos quatro Evangelistas com os seus atributos e no quadro central a Ascensão de Nossa Senhora, sobre uma nuvem sustentada por anjos, flanqueada por outros dois empunhando palma e coroa de flores, grupo encimado pela pomba do Espírito Santo. No topo da moldura, elemento de suspender com enrolamentos e folhas de acanto. Verso do painel em madeira de castanho com 52 porcas em forma de flor estilizada. Sem marcas, mas atribuível ao séc. XVII/XVIII. Sinais de uso e de desgaste no dourado. Dim. aprox.: 63 x 47.5 cm.

Silver and gilt silver panel, possibly italian or german, 17th/18th century.

As representações de figuras religiosas e outras em diversas artes, entre elas a ourivesaria, baseavam-se normalmente em conjuntos de gravuras que circulavam facilmente por toda a Europa (e também pelo resto do Mundo, as gravuras foram a principal fonte de inspiração para as esculturas e placas em marfim realizadas na Índia e no Ceilão). Um dos autores mais divulgado e cujas obras foram mais copiadas é Albrecht Durer, (1471-1528). Ao longo da sua vida artística publicou cerca de 350 gravuras e estas tiveram uma circulação espantosa. No caso desta peça, as figuras dos Apóstolos foram certamente realizadas tendo por base uma série de imagens gravadas por Durer em 1523.

Proveniência: Colecção Marqueses de Castelo-Melhor e Condes da Ribeira Grande.

€ 15.000 / € 30.000

070

Rara cama de campanha decorada com embutidos de elementos geométricos em várias madeiras, pau-rosa, bucho, pau-santo, murta e teca (?). Espaldar formado por duas partes sendo a cimalha decorada com três estrelas de oito pontas. Estructura ondulada para docel terminando num pináculo torneado. Toda a estructura é desdobrável tendo fechos de segurança e dobradiças em ferro e latão. Apoio de colchão em lona, corda e cabedal.
Comp. 185 cm.; Larg. 93 cm.; Alt. 210 cm.

Rare colapsible travel bed.

Em nossa opinião poderá tratar-se de um trabalho dos Açores ou mesmo Indiano. No entanto não encontrámos outras referências.

Proveniência: Colecção Dr. António Pinheiro Espírito Santo Silva.

€ 2.500 / € 4.000

071

Raro e Importante adereço português de "minas-novas" de finais do séc. XVIII, em prata não contrastada, composto por gargantilha com pendente amovível em forma de girândola e par de brincos a condizer, posteriomente adaptados a pendentes. Todas as peças estão profusamente cravejadas com "minas novas" de talhes diversos, decorados com motivos florais e folhagens. Em muito bom estado de conservação. (4)
Peso total: 100,3 gr.; Comp. colar: 33,5 cm.; Dim. pendente: 6,0 x 6,0 cm.; Dim. brincos: 4,5 x 3,5 cm.

Portuguese silver and "minas-novas", necklace and earrings late 18th century.

Para tipologia semelhante ver in "Cinco Séculos de Joalharia", Leonor d'Orey, Museu Nacional de Arte Antiga, 1995, p.73 e 93, fig. 97 e 130. O termo "minas-novas", apesar de não científico, é hoje largamente empregue na joalharia nacional para designar as pedras incolores, que não sejam diamantes. Neste vasto núcleo encontramos quartzos hialinos e pedras coloridas como topázios, crisoberilos ou água-marinha, entre outras, que apresentando-se numa cor muito clara se aproximam do incolor. O quartzo hialino, de que são exemplo esta peças, é das mais comuns sendo por isso, muitas vezes, meramente referido como "minas-novas". No Brasil o termo é mais restrito, correspondendo ao topázio incolor, associando esta gema à cidade brasileira de Minas-Novas, rica neste minério.

€ 16.000 / € 18.000

072

Conjunto de alfinete e par de brincos com marca da Casa Boucheron, em ouro, platina e diamantes. Forma de novelos em ouro de 18 Kt, avivado por elementos cravejados em platina com 66 diamantes em talhe de brilhante, com o peso total aproximado de 5,70 ct. Brincos com sistema de mola. Conjunto no estojo original.
Peso total: 55,6 gr.; Diam. brincos: 2,5 cm.;
Diam.: alfinete: 4,4 cm.

Gold, diamonds and platinum pair of earclips and brooch, Boucheron.

Para peça semelhante ver leillão Sotheby's em St. Moritz, 18 de Fevereiro de 2004, lote 199.

A casa Boucheron, fundada em 1858 por Frédéric Boucheron, situada na famosa Place Vendôme em Paris, é uma das mais importantes casas de joalharia internacionais.

€ 3.500 / € 5.000

073

Gargantilha articulada com marca da Casa Boucheron, em ouro de 18 kt e diamantes. Em forma de onda com elementos de ouro entrelaçados, com motivos em meia-lua cravejados com 69 diamantes em talhe de brilhante, com o peso total aproximado de 5,50 ct. No estojo original em camurça.
Peso aprox.: 93,4 gr.

Gold and Diamond necklace, Boucheron

€ 3.700 / € 4.200

074
JOÃO VAZ, João José Vaz (1859-1931)
Porto de Setúbal
Óleo sobre tela
Assinado
Dim.: 33 x 57 cm.

João Vaz, Portuguese School, 19/20th century, oil on canvas, signed

Verso da grade com indicação do nome do pintor e de local. Esta obra virá ilustrada numa obra a ser publicada brevemente: "João Vaz (1859-1931) - Um pintor do Naturalismo", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves/Instituto Português de Museus, 2005, cat. 162. Neste quadro é de realçar a variedade de barcos representados no porto, bem como a presença de três crianças que em primeiro plano, brincam na água e a forte luminosidade do céu e das nuvens, espelhados na água.

Discípulo de Anunciação e Silva Porto distinguiu-se sobretudo como pintor de marinhas. Figurou como pintor e aguarelista nas exposições Promotoras da Sociedade de Belas-Artes, do Grémio Artístico, do Grupo do Leão, a que pertenceu, e na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde obteve primeiras medalhas e medalhas de honra.

Proveniência: Colecção do bisavô do proprietário, Joaquim Murteira, pai do pintor Jaime Murteira.

€ 40.000 / € 60.000

075

ROQUE GAMEIRO, Alfredo Roque Gameiro (1864-1935)

"Evocação de Lisboa do século XVI"

Aguarela sobre papel

Assinado

Dim.: 14 x 21 cm.

Verso com cartão pessoal do pintor, indicando o título, e inscrição de posse.

Grande pintor, considerado o melhor aguarelista português, obteve a medalha de honra na Sociedade Nacional de Belas-Artes, medalha de ouro do "Salon de Paris" e o "grand-prix" na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Está representado nos Museus de Arte Contemporânea de Lisboa e de Madrid e em várias colecções particulares.

€ 6.000 / € 10.000

076

ALFREDO KEIL, Alfredo Cristiano Keil (1851-1907)

Cais da Ribeira - Lisboa

Óleo sobre madeira

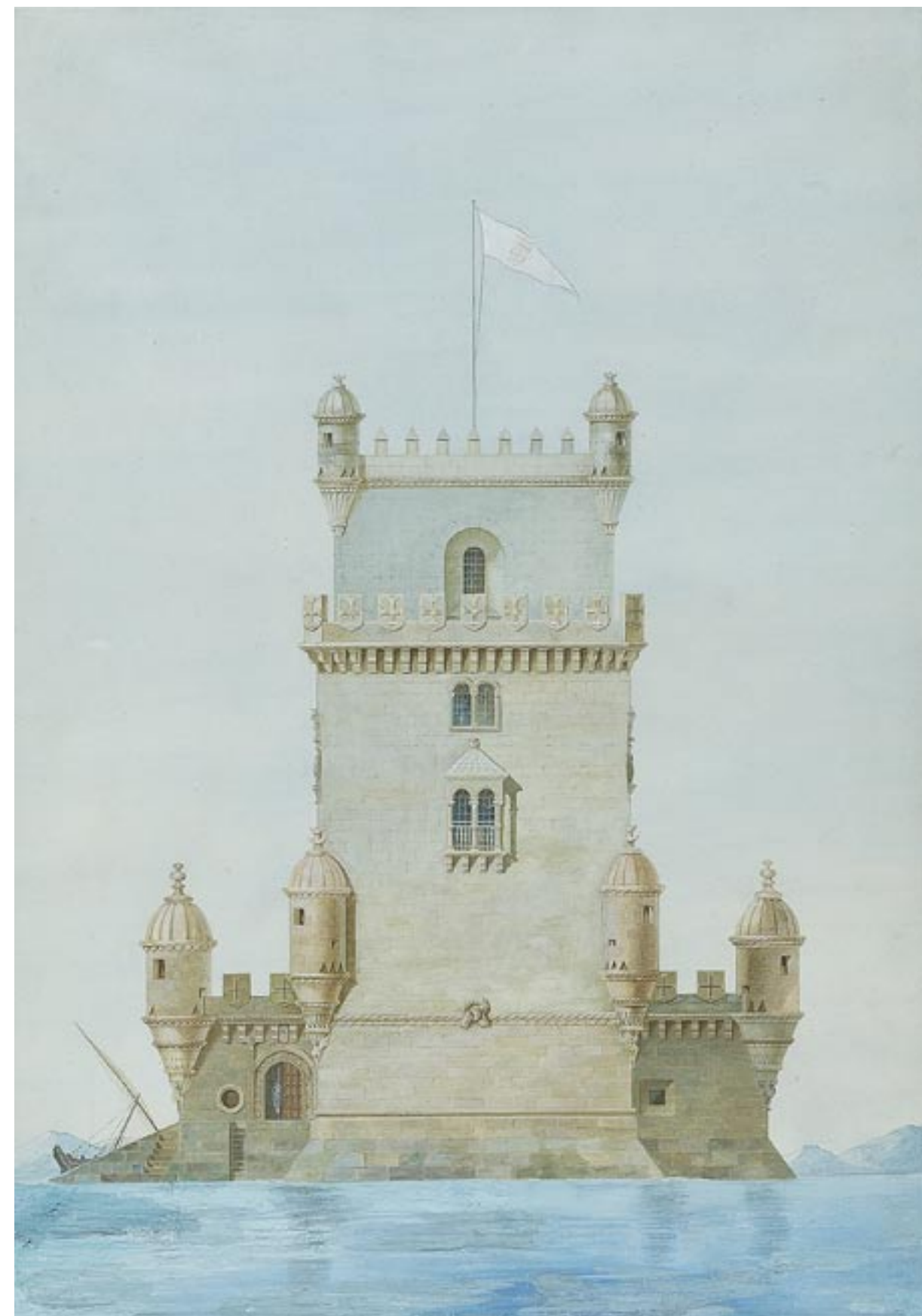
Assinado

Dim.: 16,3 x 12,2 cm.

Esta obra figurou na exposição "Alfredo Keil, 1850-107)", Ministério da Cultura/IPPAR, Galeria deb Pintura do Rei D. Luís, Lisboa, 2001, vindo ilustrada no respectivo catálogo na pág. 66, cat. 22.

De origem alemã, estudou na Alemanha de 1868 a 1870, nos ateliers de August Kreiling e W. Von Kaulbach e em Lisboa, com Joaquim Prieto e M.a Lupi. A sua pintura oscilou entre um Sentimentalismo e uma visão próxima do Naturalismo. Retratista, paisagista e pintor de costumes, situa-se num Romantismo tardio imprimindo um tratamento moderno à natureza, através do contraste de luz e sombra que deformam harmoniosamente a paisagem. O autor distinguiu-se ainda como compositor musical sendo uma das suas coroas de glória a marcha patriótica "A Portuguesa" tornada Hino Nacional depois da implantação da República.

Proveniência: Antiga Colecção dos Condes de Sabrosa

€ 20.000 / € 30.000

077

Escola Portuguesa, séc. XIX

Torre de Belém, duas vistas

Desenhos coloridos a guache sobre papel

Dim.: 54 x 39 cm.; 52 x 37 cm.

Portuguese school, 19th century, gouache coloured drawing.

Alçados principais da Torre de Belém, do lado de terra e do lado do rio, representado com a precisão de um estudo de arquitectura. Num dos estudos a Torre é apresentada como uma ilha, tal como foi durante séculos, até ao assoreamento da zona ter obrigado a trabalhos de dragagem e à criação do actual espelho de água. Do lado esquerdo é visível parte de uma embarcação à vela. À entrada da porta principal surge a figura de um guarda com espingarda ao ombro. Em segundo plano surgem representações da costa da margem sul, que não são muito fidedignas. No topo do mastro flâmula com brasão real. O outro, do lado do rio apresenta ao centro da fachada o escudo nacional com coroa real aberta, ladeado por duas esferas armilares, símbolos adoptados por D. Manuel I. As ameias do caminho da ronda apresentam as Cruzes de Cristo, ao centro mastro de bandeira com flâmula com brasão real.

€ 8.000 / € 12.000

078

António Pinto Basto, (1862-1946)

Vista do rioTejo com o Iate Real inglês "Victoria and Albert" e a Torre de Belém

Aguarela sobre papel

Assinado

Dim.: 20,4 x 28 cm.

António Pinto Basto, 20th century, watercolour on paper.

No verso etiqueta manuscrita, transcrita noutra dactilografada com seguinte texto: "Victoria and Albert" Yatch Real Inglez entrando em Lisboa com Sua Magestade a Rainha Alexandra de Inglaterra, em 22 de Março de 1905. Pertença da Colecção do Sr. Dr. Alexandre Pinto Basto.

PINTO BASTO (António Aloísio Jervis de Atouguia Ferreira). Oficial da Marinha, nasceu em Lisboa em 1 de Fevereiro de 1862 e morreu em 18 de Agosto de 1946. Prestou serviço em Macau e em S. Tomé e Príncipe. Foi comandante das canhoeiras "Mandovi" e "Zaire". Nos momentos vagos, pegava nos pincéis e produzia aguarelas magníficas em que patenteava o seu temperamento de artista. Foi ajudante de campo do rei D. Carlos, como o foi do rei D. Manuel II. Acompanhou D. Carlos nas suas viagens a Inglaterra, França, Alemanha e aos Açores e Madeira.. A bordo do iate real "Amélia", fez parte da comitiva da rainha D. Amélia, do príncipe D. Luís Filipe e do infante D. Manuel, na sua viagem pelo Mediterrâneo.

Proveniência: Antiga Colecção do neto do autor, Alexandre Pinto Basto.

€ 2.000 / € 3.000

079

António Pinto Basto, (1862-1946)

Iate Real inglês "Victoria and Albert" passando por barcos engalanados.

Aguarela sobre papel

Assinado e datado, 1932

Dim.: 18,8 x 28,5 cm.

António Pinto Basto, 20th century, watercolour on paper.

PINTO BASTO (António Aloísio Jervis de Atouguia Ferreira). Oficial da Marinha, nasceu em Lisboa em 1 de Fevereiro de 1862 e morreu em 18 de Agosto de 1946. Prestou serviço em Macau e em S. Tomé e Príncipe. Foi comandante das canhoeiras "Mandovi" e "Zaire". Nos momentos vagos, pegava nos pincéis e produzia aguarelas magníficas em que patenteava o seu temperamento de artista. Foi ajudante de campo do rei D. Carlos, como o foi do rei D. Manuel II. Acompanhou D. Carlos nas suas viagens a Inglaterra, França, Alemanha e aos Açores e Madeira.. A bordo do iate real "Amélia", fez parte da comitiva da rainha D. Amélia, do príncipe D. Luís Filipe e do infante D. Manuel, na sua viagem pelo Mediterrâneo.

Proveniência: Antiga Colecção do neto do autor, Alexandre Pinto Basto.

€ 2.000 / € 3.000

080

JOÃO PEDROSO, João Gomes da Silva Pedroso (1825-1890)
Vista de Lisboa com Terreiro do Paço e barco à vela
Óleo sobre tela (reentelado)
Assinado
Dim.: 59,2 x 90 cm.

João Pedroso, 19th century, oil on canvas.

O navio, elemento central desta obra, é um brigue comercial, provavelmente da Companhia Ferreira. Como nota curiosa e citando a opinião de Paulo Santos, uma das figuras representadas no bote em primeiro plano será João Pedroso que surge assim em algumas das suas obras. Especializado em pintura de marinhas e em vistas de estuário do Tejo repleto de embarcações, o autor produziu grande número de minuciosas reconstituições que representam importantes documentos. A vista apresentada nesta obra é muito semelhante a uma de um outro quadro do autor que pertence ao Palácio Nacional da Ajuda, e que vem reproduzida na obra, Santos, Paulo "A Marinha Lisboa e o Tejo, na obra de João Pedroso, (1825-1890)", Edições Inapa, Lisboa, 2004, pág. 75. As obras de Pedroso, tendo-se concentrado principalmente nas marinhas, apresentam por vezes em 2º plano vistas de locais conhecidos embora por vezes muito alterados por obras posteriores à pintura, é o que sucede com este quadro. A linha de costa da actual Avenida da Ribeira das Naús, apresenta-se aqui como foi durante séculos, com as docas secas para a construção de embarcações e com edifícios necessários a esse trabalho, do lado esquerdo é visível a doca do antigo Arsenal da Marinha, o edifício da antiga "Sala do Risco" (edifício perpendicular ao rio), fortificações, guindastes de roda, o cavername de um navio em construção, a "Casa do breu" (edifício cónico) e as chaminés das máquinas a vapor. Ao fundo vê-se a colina de S. Jorge com o Castelo, bastante transformado pelas construções que se foram acumulando ao longo dos séculos e que só seriam demolidas nos anos trinta do século XX. São ainda visíveis as torres da Sé de Lisboa, com um remate diferente do actual e os torreões da Praça do Comercio. Em último plano do lado direito surge, uma imagem do progresso representado por um navio a vapor, embora envolvido por uma grande quantidade de navios à vela.

€ 40.000 / € 60.000

081

Par de pratos rasos em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Ambos com um cabelo.
Diam.: 23,6 cm.;

Pair of Chinese export armorial plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

082

Par de travessas elípticas em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e na aba brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Comp.: 33 cm.

Pair of chinese export armorial oval platters with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770).

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 10.000 / € 15.000

083

Par de travessas ovais em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e na aba brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Comp.: 30,4 cm.

Pair of Chinese export armorial oval platters with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 6.000 / € 8.000

084

Travessa elíptica de grandes dimensões, em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Comp.: 41,5 cm.

Chinese export armorial oval platter with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 8.000 / € 12.000

085

Conjunto de quatro taças em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Uma partida e colada e outra com dois cabelos.
Alt.: 5 cm.

Four Chinese export armorial teabowls with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770).

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 800 / € 1.200

086

Covilhete de bordo recortado em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e na aba brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Pequeno cabelo no bordo.
Comp.: 20,4 cm.

Chinese export armorial oval dish with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 2.000 / € 3.000

087

Par de pratos rasos em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Um com falha e outro com um cabelo.
Diam.: 23,6 cm.;

Pair of Chinese export armorial plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

088

Covilhete em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Pequeno cabelo no bordo.
Diam.: 24 cm.

Chinese export armorial dish with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 2.000 / € 3.000

089

Par de xícaras com pires em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa com arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2o serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Uma xícara com pequenas falhas no vidrado do bordo.
Diam.: 13,8 cm.; Alt.: 6,7 cm.

Pair of Chinese export armorial teabowls and saucers with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 6.000

090

Travessa oval em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Comp.: 33,2 cm.

Chinese export armorial oval platter with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

091

Travessa elíptica em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e na aba brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Comp.: 26 cm.

Chinese export armorial oval platter with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770).

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

092

Covilhete em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Partido e colado.
Diam.: 26,3 cm.

Chinese export armorial dish with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 200 / € 300

093

Par de pratos rasos em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2o serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Diam.: 23,6 cm.

Pair of Chinese export armorial plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

094

Par de pratos de sopa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Diam.: 23 cm.

Pair of Chinese export armorial soup plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

095

Par de pratos de sopa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Um com falha no vidrado do bordo.
Diam.: 23 cm.

Pair of Chinese export armorial soup plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

096

Par de pratos de sopa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Diam.: 23 cm.

Pair of Chinese export armorial soup plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

097
Par de pratos de sopa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Diam.: 23 cm.;

Pair of Chinese export armorial soup plates with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

098
Molheira de bordo recortado em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e na aba brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Pequenas falhas no vidrado da pega.
Comp.: 18,8 cm.

Chinese export armorial sauceboat with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

099
Covilhete de bordo recortado em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e na aba brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Falhas mínimas no vidrado do bordo.
Diam.: 14,6 cm.

Chinese export armorial oval dish with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770).

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

100
Frasco de chá com tampa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Pega da tampa com restauro e falta no gargalo.
Alt.: 15 cm.

Chinese export armorial tea canister with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

101
Covilhete de bordo recortado em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Falha no bordo, partida e colada.
Diam.: 23,3 cm.;

Chinese export armorial dish with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 1.500 / € 2.500

102
Par de xícaras com pires em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa com arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Um pires com pequena falha no vidrado do bordo.
Diam.: 13,8 cm.; Alt.: 6,7 cm.;

Pair of Chinese export armorial teabowls and saucers with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

lote 105

103
Par de xícaras com pires em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa com arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Um pires com pequeno cabelo.
Diam.: 13,8 cm.; Alt.: 6,7 cm.;

Pair of Chinese export armorial teabowls and saucers with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

104
Bule sem tampa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2o serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Junção do bico ao corpo com restauro.
Alt.: 13 cm.

Chinese export armorial tea pot with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 800 / € 1.200

105
Terrina miniatura com tampa e travessa em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro arranjo floral e brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Comp.: 15,6 cm.; Alt.: 7,8 cm.

Chinese export armorial small tureen with cover and stand, with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770).

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 7.000 / € 10.000

106

Terrina com tampa e travessa, em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de "rouge de fer", dourado e da família rosa tendo ao centro um arranjo floral e aba com brasão de armas de José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, 2º serviço, bordo com friso de gregas e filetes. Reinado de Qianlong cerca de 1770. Travessa - Comp.: 38 cm.;Terrina - Comp.: 30,5 cm.; Alt.: 22 cm.;

Chinese export armorial tureen with cover and stand with portuguese coat of arms, Qianlong period (circa 1770)

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 30.000 / € 50.000

José Pamplona Carneiro Rangel Baldaia de Tovar, Moço Fidalgo da Casa Real, Coronel de Infantaria, Governador do Castelo de S. Francisco Xavier do Queijo, no Porto (22-7-1778), Cavaleiro da Ordem de Malta, 11.º Senhor da Casa e Morgadios de Beire, Pombal, Vila do Conde, etc, padroeiro abadacial de Santo André de Sobrado; morreu em Janeiro de 1815. Casou a 26-11-1768 com D. Antónia Inácia Veloso Barreto de Miranda Correia de Araújo, sendo pais do 1.º Visconde de Beire (este casado com uma irmã do Duque de Palmela). O "enigma" da coroa Real é explicado da seguinte forma: a cartela "rocaile" que envolve o escudo é cópia da cartela usada nas armas reais das moedas do Rei D. José. Para Eduardo Rangel Pamplona Silvano, em "O enigma da coroa Real - Intrigante representação heráldica num aparelho de mesa de porcelana da China de encomenda portuguesa do séc. XVIII" ("Armas e Troféus", Instituto Português de Heráldica, 1985-1986, pp. 221-233.) o encomendante - que tinha já outro serviço com as mesmas armas mas sem a coroa Real, terá pedido ao executante, na longínqua China, que fizesse uma cartela semelhante à das moedas, afinal tão ao gosto da época. O artista chinês, sem conhecimentos sobre heráldica portuguesa, representou exactamente o que via, incluindo a coroa Real.Um prato do mesmo serviço encontra-se ilustrado em "A Porcelana Chinesa e os Brasões do Império" de Nuno de Castro, pág. 125 bem como na colecção de porcelana chinesa da Fundação Carmona e Costa existe uma garrafa do mesmo serviço que se encontra ilustrada no respectivo catálogo, págs. 158-163.

O Palácio do Correio Velho agradece a Lourenço Perestrello Correia de Matos a ajuda no estudo das armas.

107

Taça em porcelana japonesa, Imari. Decoração com ricos esmaltes em tons de azul, "rouge de fer", dourado e verde representando ao centro e na aba reservas com galeões europeus provavelmente holandeses, fundo encanastrado sobre o qual estão representadas oito figuras masculinas trajando à época do séc. XVII, representação de duas conchas suspensas por folhas dispostas segundo eixo vertical. Exterior decorado com duas reservas redondas com figuras masculinas e duas reservas quadrangulares com galeões europeus, todas ligadas por friso de elementos vegetalistas. Período Meiji (1868-1912). Marcado no verso.
Diam.: 24,4 cm.; Alt.: 8,3 cm.

Imari porcelain bowl depicting Dutch galleons - Meiji period (1868-1912)

A decoração desta peça poderá ser incluída numa influência Namban procurando um revivalismo das formas e elementos decorativos da produção nipónica do séc. XVII. Para peça semelhante ver "After the Barbarians an exceptional group of Namban works of art - Depois dos Bárbaros um excpecional conjunto de obras Namban" de Jorge Welsh, Porcelana Oriental e Obras de Arte, pág. 16, fig. 4.

Proveniência: Colecção Eng.º Rodrigo Guimarães e Castro

€ 2.000 / € 3.000

108

Mesa de jogo D. Maria com uma gaveta, em pau-santo, espinheiro e outras madeiras, de final do séc. XVIII. Tampo de abrir de formato rectangular com os cantos cortados decorado com embutidos em cercadura de flores onduladas, cintura com embutidos de motivos geométricos e vegetalistas e pernas de secção quadrangular com frisos geométricos embutidos. Gaveta com puxadores posteriores em madeira torneada, com fechadura original. Sinais de uso e pequenos defeitos.
Dim.: 77 x 85 x 42 cm.

Portuguese gaming table, D. Maria, late 18th century.

Chamamos a atenção para a excelente qualidade de marcenaria e execução desta peça.

Para mesas de jogo dentro do mesmo genéro e com decorações e formatos semelhantes ver Castro Freire, Fernanda, "Mobiliário" II volume, Fundação Ricardo Espirito Santo Silva, Lisboa, 2002, pág.: 206 a 211.

€ 3.000 / € 5.000

109

Rara mesa de jogo D. Maria, do séc. XVIII, em pau-rosa, espinheiro buxo, pau-cetim e pau-santo, decorada com "marqueterie" e de formato octogonal quando aberta. Tampo decorado com troféu de música ao centro e cercadura de motivos florais. Cintura ornada com motivo de urna e elementos vegetalistas. Pernas de secção piramidal, decoradas com filetes embutidos. Uma perna de cancela. Tampo para jogo forrado a feltro em tons de verde. Pequenos restauros e pequenos defeitos.
Alt.: 78 cm.; Larg.: 93 cm.; Fundo: 46 cm.

Rare gaming table, D. Maria, 18th century, in exoctic woods.

Chamamos a atenção para a excelente qualidade de marcenaria e execução desta peça, bem como para o equilíbrio e proporções do seu desenho. Trata-se, em nossa opinião, de um dos melhores móveis que conhecemos desta época. Para peça semelhante, consultar: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 83; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002; pág. 208 e 209.

Proveniência: Antiga Colecção Conde de Sabrosa

€ 8.000 / € 10.000

Proveniência:
Antiga Colecção Octales Marcondes Ferreira, São Paulo – Brasil e Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

110

Rara e importante cadeira de escritório D. José, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado. Móvel de assento com espladar e frente curvos, permitindo um melhor encaixe das costas e das pernas. Possui um recosto abaulado, liso e cheio, salvo na parte inferior onde se abre um grande vazado apenas interrompido por duas tabelas laterais, recortando-se em curva e contra-curva tornando-se mais estreito e menos espesso à medida que sobe em altura. Tabelas recortadas, sendo que o recorte inferior do espaldar apresenta motivo em forma de chaveta, lembrando elemento de arquitectura islâmico. A decoração do rebordo de toda a peça é em forma de canelado elaborado e moldurada a toda a volta, rematada por volutas que acompanham os recortes. Braços espalmados, ornados com motivo vegetalista estilizado e apoios dos braços curvos. Assento trapezoidal, com ondulação em curva e contra-curva na frente, decorado em três pontos com composições "rocaille" assimétricas, sendo a central mais desenvolvida apresentando elementos estilizados e volutas. Pernas curvas, de joelhos lisos, com galbo pronunciado e vincado, terminando em pés de enrolamento acentuado, sendo as dianteiras rematadas com motivo "rocaille". Assento estofado a veludo em tons de vermelho. Pequenos restauros e falhas. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 94 cm.; Larg.: 72 cm.; Fundo: 58 cm.

Important Portuguese D. José, 18th century, kingwood chair.

€ 100.000 / € 200.000

O ***Palácio do Correio Velho*** *vendeu em Maio de 1991, com o lote 337, uma cadeira semelhante pertencente à Colecção dos Duques de Palmela, tendo sido até hoje o recorde de venda em leilão de um móvel assento, em Portugal. Para peças semelhantes consultar: FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Assento e Repouso, vol. I, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 109; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 79; PINTO, Augusto Cardoso, Cadeiras Portuguesas, Livraria A Nova Eclética/Livraria Olisipo, Lisboa, 1998, estampas LXVII e LXVIII; Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga, séc. XV/XVIII, Lisboa, 1979, págs. 98 e 99, cats. 57 e 58; Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 93, cat. 88; Mobiliário Português (Roteiro) Museu Nacional de Arte Antiga, Ministério da Cultura/I.P.M./M.N.A.A., Lisboa, 2000, págs. 68 e 69, cats. 44 e 46.*

Destacamos a qualidade da talha desta cadeira, executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Ao observar esta peça, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras que são majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-as de um carácter intelectual e cuidado.

111

Importantes lavanda e gomil em prata portuguesa, D. João V, trabalho da 1ª metade do séc. XVIII. Lavanda com centro do fundo liso, orla com canelado largo, aba com motivos vegetalistas entrelaçados gravados, ainda com influência francesa do final do séc. XVII dita "à Berain", e bordo moldurado com decoração repuxada e cinzelada com concheados, fitas entrelaçadas e motivos vegetalistas. Gomil com a mesma decoração sobre faixas de canelados largos, bico largo com moldura, nó em forma de bolacha lisa, pé circular recortado com canelados largos, tanto o corpo como o pé, apresentam motivos decorativos repuxados, semelhantes a reforços aplicados, que denotam a, atrás mencionada, influência francesa. Asa perdida em forma de C, com folhas de acanto e godrões, ligação ao corpo por concha. Sem marcas, mas atribuível ao reinado de D. João V.
Alt.: 32.5 cm Comp.:52.5 cm. Peso Total aprox.: 3570 gr.

Basin and ewer, Portuguese silver, first half of 18th century

€ 30.000 / € 50.000

São muito raras as lavandas e gomis desta época. As características decorativas destas peças são extremamente consistentes com a gramática decorativa delineada por Jean Berain (1638- 1711) e que vai nortear o gosto na Europa francófona nesta época. Durante o final do séc. XVII e início do séc. XVIII é marcada a influência francesa no gosto português, durante um breve período as influências inglesa e italiana vão surgir, (pelo tratado de Methwen e pela capela de S. João Baptista, respectivamente), mas de novo, com a 1ª baixela Germain, regressa em força o gosto francês, que se irá manter até ao final do séc. XVIII. Para peças semelhantes ou com os mesmos motivos decorativos e com marcas de contraste e de ourives da 1ª metade do séc. XVIII, ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, págs. 48/49 e 156/157; "Exposição de ourivesaria", Maio Florido, Porto, 1964, item 50, gomil; "Pratas Portuguesas em Colecções Particulares, séc. XV ao séc. XX", D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Porto, 1998, pág. 106/107.

112

Raro e excepcional conjunto de seis cadeiras D. José, do séc. XVIII, em pau-santo entalhado. Espaldares de influência inglesa, do tipo "violoné", moldurado, de lados reentrantes e cantos arredondados, com cachaço recortado e entalhado. Tabela central, cheia e recortada. Assento trapezoidal; aro com frente e ilhargas ondula-das e recortadas; e pernas curvas, terminando à frente em pés de enrolamento e a trás são recuadas, de secção cilíndrica, assumindo, junto ao pé, secção quadran-gular descrevendo curva. Espaldar decorado com moldurado de profundidade gradualmente acentuada à medida que se aproxima do assento. Cachaços e saiais frontais decorados com motivos "rocaille" finamente entalhados, de expressão mais ou menos profunda, representando volutas e enrola-mentos vegetalistas estilizados. Cintura e pernas percorridas a toda a volta, no recorte inferior, por friso moldurado representando volutas alongadas e pontualmente quebradas, terminando em enrolamentos nos pés dianteiros. Joelhos lisos, com galbo pronunciado, salientando-se logo após a linha da cintura, afilando e terminando no pé. Pés rematados com motivo "rocaille". Pernas ligadas por travessas em forma de "H" curvo e recortado e pernas anteriores por travejamento. Assentos estofados a veludo em tons de vermelho. Pequenos restauros e pequenos defeitos. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 107 cm.

Rare and exceptional D. José, 18th century, set of six chairs in carved kingwood.

Chamamos a atenção para o lançamento do perfil sinuoso e bem equilibrado destas cadeiras Para peças semelhantes consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 81, cat. 21; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Assento e Repouso, vol.I, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 95 e 104; catálogo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 68- Inv. 82.

€ 80.000 / € 120.000

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na lingua-gem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto deste conjunto de cadeiras, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marce-neiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. As-sim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. Neste caso destacamos a qualidade da talha de grande finura e expressão, executada com mestria e arte, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Mais chamamos a atenção para a forma das cadeiras, claramente de excepcional equilíbrio e desenho. Ao observar estas peças é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das linhas mestras que transformam a matéria rígida do pau-santo, em algo de grande leveza e suavidade, bem como no carácter vivo e plástico da talha, dotando-as de um carácter quase orgânico, vivo e palpitante.

113

JOSÉ MALHÔA, José Vital Branco Malhoa (1855-1933)

Apoteose da lagosta - Tríptico para a Sala Restaurante do Café o Leão d'Ouro
Óleo sobre tela
Assinado e datado de 1905, no painel central
Dim. painel central: 169 x 295 cm.; Dim. paineis laterais: 169 x 52 cm.

José Malhôa, Portuguese School 19/20th century oil on canvas, signed

Verso das molduras com três tipos de etiquetas: uma com o nome do "Exmo. Sr. José da Costa - Rua 1o de Dezembro - Leão d'Ouro"; e de ter participado nas exposições "Exposição José Malhoa - Caldas da Rainha - 1950" e "Exposição de Homenagem ao Pintor José Malhoa - Junho de 1928" com o número 46 - fazendo parte da listagem deste catálogo (obra não ilustrada). Esta obra foi uma encomenda para o espaço da Sala Restaurante do Café Leão d'Ouro, em 1905. O pintor João Vaz foi encarregue da remodelação deste espaço pelo Sr. José da Costa, (proprietário do restaurante). Existem vários artigos da época que noticiaram a inauguração do espaço, tendo esta obra vindo reproduzida no número da "Ilustração Portuguesa", em Abril/Maio de 1905.Obra de invulgares proporções, foi concebida à medida para o espaço que a ia albergar. É difícil saber com exactidão qual a ideia de João Vaz na remodelação do espaço mas as duas obras que propomos para venda neste leilão falam por si ao tratarem de temas tão adequados a uma sala de refeições. Inevitavelmente não podemos dissociar estas obras do famoso Grupo do Leão. Foi na Cervejaria Leão, da Rua do Príncipe, que se formou por volta de 1881 um grupo de artistas que incluía nomes como José Malhoa, Columbano Bordalo Pinheiro, João Vaz, Silva Porto, António Ramalho, Moura Girão, Ribeiro Christino, entre outros. Realizaram a primeira exposição conjunta em Dezembro de 1881 com enorme êxito e sucesso, resultando na venda de quase totalidade das 75 obras expostas. A partir de então, as exposições seguintes de "Grupo do Leão", contaram com a presença de notáveis e personalidades importantes, incluindo a do rei D. Fernando II, D. Luiz e a Rainha D. Maria Pia. Em 1885, resultado de uma crise entre os dois sócios da cervejaria, abriu o "Leão d'Ouro", totalmente decorado com obras dos artistas pertencentes ao "Grupo do Leão", generosamente oferecidas pelos próprios em homenagem ao criado Manuel - retratado na famosa obra que retrata o grupo feita por Columbano). Este grupo revolucionou a arte em Portugal ao ter formado uma verdadeira escola de pintura contemporânea portuguesa, dando origem ao Grémio Artístico e mais tarde, à Sociedade Nacional de Belas Artes.

Malhôa em 1867, com apenas doze anos, ingressa na Sociedade Nacional de Belas Artes sendo discípulo de Miguel Angelo Lupi, Tomaz da Anunciação e Victor Bastos. Em 1881, torna-se sócio fundador do Grupo do Leão, ligando-se assim ao movimento naturalista criado à volta de Silva Porto, embora as suas caricatas pinturas de género, as luminosas paisagens, ou ainda ou seus exímios retratos que o popularizaram tivessem contornos mais realistas. A sua vasta obra figurou, a partir de 1901, nos Salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, da qual foi eleito presidente, em 1918, tendo-lhe sido atribuído uma medalha de honra em 1903, ao que se seguiu a atribuição do prémio Columbano, Grã-Cruz de Santiago. Em 1928, vê o seu busto erguido na sua cidade natal. Foi reconhecido internacionalmente, com atribuição das segundas medalhas na Exposição Universal de Paris (1900), nas Exposições Internacionais de Berlim (1896) e de Madrid (1901) e as primeiras medalhas nas de Barcelona e Buenos Aires (1910). A grande homenagem nacional foi-lhe prestada ainda em vida, em 1933, com a criação do Museu José Malhoa nas Caldas da Rainha, onde podem ser contempladas grande parte das suas obras.

Proveniência: Colecção Afonso Pinto Magalhães.

€ 100.000 / € 200.000

114

COLUMBANO, Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)

Apoteose das Frutas - Tríptico para a Sala Restaurante do Café o Leão d'Ouro
Óleo sobre tela
Assinado (painel central)
Dim. do painel central: 170 x 320 cm; Dim. dos painéis laterais: 170 x 52 cm.

Columbano, Portuguese School 19/20th century oil on canvas, signed

Esta obra foi uma encomenda para o espaço da Sala Restaurante do Café Leão d'Ouro, em 1905. O pintor João Vaz foi encarregue da remodelação deste espaço pelo Sr. José da Costa, (proprietário do restaurante). Existem vários artigos da época que noticiaram a inauguração do espaço, tendo esta obra vindo reproduzida no número da "Ilustração Portuguesa", em Abril/Maio de 1905. Obra de invulgares proporções, foi concebida à medida para o espaço que a ia albergar. É difícil saber com exactidão qual a ideia de João Vaz na remodelação do espaço mas as duas obras que propomos para venda neste leilão falam por si ao tratarem de temas tão adequados a uma sala de refeições. Inevitavelmente não podemos dissociar estas obras do famoso Grupo do Leão. Foi na Cervejaria Leão, da Rua do Príncipe, que se formou por volta de 1881 um grupo de artistas que incluía nomes como José Malhoa, Columbano Bordalo Pinheiro, João Vaz, Silva Porto, António Ramalho, Moura Girão, Ribeiro Christino, entre outros. Realizaram a primeira exposição conjunta em Dezembro de 1881 com enorme êxito e sucesso, resultando na venda de quase totalidade das 75 obras expostas. A partir de então, as exposições seguintes de "Grupo do Leão", contaram com a presença de notáveis e personalidades importantes, incluindo a do rei D. Fernando II, D. Luiz e a Rainha D. Maria Pia. Em 1885, resultado de uma crise entre os dois sócios da cervejaria, abriu o "Leão d'Ouro", totalmente decorado com obras dos artistas pertencentes ao "Grupo do Leão", generosamente oferecidas pelos próprios em homenagem ao criado Manuel - retratado na famosa obra que retrata o grupo feita por Columbano). Este grupo revolucionou a arte em Portugal ao ter formado uma verdadeira escola de pintura contemporânea portuguesa, dando origem ao Grémio Artístico e mais tarde, à Sociedade Nacional de Belas Artes.

Columbano Bordalo Pinheiro, sem dúvida o mais independente dos pintores portugueses do séc. XIX, nasceu em Cacilhas a 21 de Novembro de 1857. Educado num ambiente de preocupações artísticas, filho do pintor e gravador Manuel Maria Bordalo Pinheiro, com apenas quinze anos ingressou na Academia de Belas Artes de Lisboa. Foi, então, aluno de Simões de Almeida, Victor Bastos, Anunciação e Miguel Lupí. Tendo sido preterido em dois concursos para bolseiro de Estado em Paris, (acusando a sua invulgar paleta de "sujos e esverdeados"), apenas em 1881, sob o patrocínio da Condessa D'Edla, parte para Paris, na companhia de sua irmã, Maria Augusta. Nessa cidade trabalha, tal como o fizera em Lisboa, à margem das regras da academia, absorvendo as novas correntes parisienses. De volta a Lisboa, em 1883, pinta o quadro que o imortalizaria: a grande tela do Grupo do Leão (Museu do Chiado). Da prolixa actividade que desenvolveu chegaram até nós trabalhos de decoração - Câmara Municipal de Lisboa, Palácio do Conde de Valadares, Teatro D. Maria, Palácio Marquês da Foz, Assembleia Nacional (nomeando apenas os mais significativos) - e as inúmeras obras em ilustres colecções particulares, nos Museus do Chiado e Soares dos Reis.

Proveniência: Colecção Afonso Pinto Magalhães.

€ 100.000 / € 200.000

115
ALVES DE SÁ, João Alves de Sá (1878 - 1972)
Pérgola - Quinta dos Azulejos, Lisboa
Aguarela sobre papel
Assinado e datado de 1919
Dim.: 19 x 25 cm.

Alves de Sá, Portuguese School 19/20th century watercolour on paper, signed

Falta no suporte no canto inferior direito. Uma fotografia deste local vem representada in: SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno, Azulejos - Arte e História, Edições Inapa, Lisboa, 1998, pág. 182. Chamamos a atenção para a qualidade extraordinária desta pequena aguarela, presente no tratamento da luz solar projectada por entre a folhagem das árvores, representação dos azulejos e profundidade espacial. Aguarelista contemporâneo, foi discípulo de Manuel de Macedo. Foi galardoado com altas distinções como a medalha de honra em aguarela da Sociedade Nacional de Belas Artes e o 1º prémio Roque Gameiro (1947), do Secretariado Nacional de Informação. Encontra-se representado no Museu do Chiado; no Museu da Cidade de Lisboa; na casa-museu dos Patudos, em Almeirim; e em diversas colecções particulares.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 1.500 / € 2.500

116
AURÉLIA DE SOUSA, Aurélia Martins de Sousa (1865-1922)
"Adormecida"
Óleo sobre tela, colada sobre cartão
Assinado
Dim.: 31 x 23 cm.

Aurélia de Sousa, Portuguese School 19/20th century, oil on canvas, on card , signed

Verso do suporte com etiqueta manuscrita pela pintora, indicando o título e assinada "AS". Chamamos a atenção para o carácter intimista desta obra. Notável pintora dos séculos XIX e XX. Nascida no Chile, percorreu vários países da Europa. Foi discípula de Caetano da Costa Lima e de Marques de Oliveira no Porto e de Jean-Paul Laurens e Benjamin Constant, em Paris. Distinguiu-se pelo vigor e liberdade temática do seu processo pictórico. De entre outros locais expôs no Museu Nacional Soares dos Reis.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 15.000 / € 25.000

117
JOSÉ MALHÔA, José Vital Branco Malhôa (1855-1933)
A Morte do Porco
Óleo sobre madeira
Assinado
Dim.: 11 x 22,9 cm.

José Malhôa, Portuguese School 19/20th century oil on board signed

Verso do suporte com etiqueta antiga, provavelmente de colecção e inscrição manuscrita com o n.º "29".

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 12.000 / € 15.000

118
JOSÉ MALHÔA, José Vital Branco Malhôa (1855-1933)
Retrato de Arq.º Tertuliano de Lacerda Marques
Pastel sobre papel
Assinado e datado de 1921, com dedicatória "ao Tertuliano"
Dim.: 43,5 x 35,5 cm.

José Malhôa, Portuguese School 19/20th century pastel on paper signed

Esta obra figurou na exposição "Artistas do Grupo do Leão - Exposição do Centenário" (15 de Dezembro de 81 - 27 de Junho de 82), Museu José Malhoa - Caldas da Rainha, cat. 105, com etiqueta correspondente no verso da moldura. Verso da moldura com duas etiquetas de posse. Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942), distinguiu-se sobretudo como arquitecto, dedicou-se também à pintura, desenho, aguarela e miniatura.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 5.000 / € 10.000

Malhôa em 1867, com apenas doze anos, ingressa na Sociedade Nacional de Belas Artes sendo discípulo de Miguel Angelo Lupi, Tomaz da Anunciação e Victor Bastos. Em 1881, torna-se sócio fundador do Grupo do Leão, ligando-se assim ao movimento naturalista criado à volta de Silva Porto, embora as suas caricatas pinturas de género, as luminosas paisagens, ou ainda ou seus exímios retratos que o popularizaram tivessem contornos mais realistas. A sua vasta obra figurou, a partir de 1901, nos Salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, da qual foi eleito presidente, em 1918, tendo-lhe sido atribuído uma medalha de honra em 1903, ao que se seguiu a atribuição do prémio Columbano, Grã-Cruz de Santiago. Em 1928, vê o seu busto erguido na sua cidade natal. Foi reconhecido internacionalmente, com atribuição das segundas medalhas na Exposição Universal de Paris (1900), nas Exposições Internacionais de Berlim (1896) e de Madrid (1901) e as primeiras medalhas nas de Barcelona e Buenos Aires (1910). A grande homenagem nacional foi-lhe prestada ainda em vida, em 1933, com a criação do Museu José Malhoa nas Caldas da Rainha, onde podem ser contempladas grande parte das suas obras.

Verso do quadro

119

MANINI, Luigi Manini (1848 - 1936)

Meninos na bica

Óleo sobre madeira, pintado com vista de riacho no verso

Assinado

Dim.: 35 x 27 cm.

Luigi Manini, 19/20th century, oil on board.

Luigi Manini, (arquitecto, pintor e cenógrafo de origem italiana, que trabalhou no famoso Scala de Milão e chegou a Portugal em 1876, contratado para trabalhar no Real Teatro de São Carlos) elaborou e construiu a Quinta e o seu palácio da Regaleira. Colaborou também no desenho e adaptação a hotel do Mosteiro do Buçaco e outros anexos, longo processo que se arrastaria de 1886 a 1907. Em colaboração com Ernesto Lacerda (administrador florestal) o trabalho e o papel de Manini foi-se alterando, tendo cada vez maiores responsabilidades, acabando por assumir a direcção das obras como arquitecto. Dedicou-se também à pintura, a óleo e a aguarela.

€ 6.000 / € 10.000

120

COLUMBANO, Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)

"O Concerto de Amadores" ou "Soirée chez lui"

Óleo sobre madeira

Assinado, 1882

Dim.: 37,5 x 46 cm.

Columbano. Portuguese School 19/20th century, oil on board.

Verso assinado e datado de Paris 6 de Abril de 1882, com dedicatória pouco legível e com inscrição de iniciais, igualmente pouco legíveis. Esta obra é uma versão da célebre obra de Columbano o "Concerto de Amadores", pertencente à colecção do Museu do Chiado, inv. 492, datada de Paris, 1882, ilustrada em inúmeras publicações de que destacamos: o catálogo da exposição sobre o artista, Columbano, Museu Nacional de Arte Contemporânea, vindo ilustrado na sobrecapa e nas guardas; e MACEDO, Diogo de, Columbano, Artis, 1952, estampa XV. As figuras representadas nessa obra estão identificadas como: Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Adolfo Greno, um amigo italiano, Josefa Greno e Artur Loureiro, não havendo certeza de serem as mesmas da versão que agora propomos a leilão. Existe um estudo a lápis sobre papel, que serviu certamente de base para qualquer destas versões, assinado e datado de Paris, 1882, ilustrado in: Columbano, Museu Nacional de Arte Contemporânea, pág. 99, cat. 91. Da obra do artista são conhecidas algumas pinturas com as mesmas características estéticas desta obra, como demonstram os exemplos do catálogo da exposição sobre o pintor, op. cit. pág. 15 e 40 e 41, cats. 6, 73 e 7 e 44 e 45. Aqui, as figuras também surgem de penumbras ou de espaços difusos, sem as expressões faciais acabadas, adivinhando-se as formas, conseguida pela notável capacidade do artista que, com apenas algumas pinceladas e manchas pouco definidas, consegue transmitir os espaços, objectos e figuras. A obra cat. 7, intitulada de "O último copo" impressiona-nos pelo pormenor e detalhe que o artista dedicou ao jarro de vidro, pleno de transparências e reflexos, ao pano branco, com admiráveis dobras luminosas contrastantes com o ambiente escuro, bem como a outros detalhes, em oposição ao tratamento dado à figura central, que ficou com a cara como que não acabada. Algumas obras comparam "O Concerto de Amadores" com o "O Sarau" (vendido pelo Palácio do Correio Velho em Maio de 2001), o "Convite à valsa" e a "Encantadora Prima". De facto, Columbano foi o primeiro, e único no seu tempo, a retractar cenários intimistas e informais, alheios ao espaço circundante mas plenos de significado, rompendo com a nova "onda" Naturalista que brotava nos ciclos artísticos. Esta última levava a pintura para os campos e paisagens rurais, marcando a impressão da luminosidade portuguesa e das gentes, até então anónimas. "O Concerto de Amadores", pintura de costumes e de género, de figuras não políticas, leva um ambiente intimista ao extremo da penumbra, jogando com poucos e difusos pontos de luz. Foi esta uma das inovações de Columbano, enquanto outros festejavam a luz e o movimento, ele registava ambientes plenos de naturalidade, situados num tempo irreal e com figuras suspensas nos seus gestos - a captura do momento. O momento de um ambiente descontraído de uma noite bem passada, na companhia da família e amigos, pois estes serões musicais eram bastante frequentes na época. Este tom de informalidade é reforçado pelo ambiente de música, em que todas as personagens participam cantando. Columbano apesar de ter sido aluno de Simões de Almeida Tio, Victor Bastos, Anunciação e Miguel Lupí, (todos excelentes artistas, mas anteriores à revolução do Naturalismo português), cedo renegou as imposições das regras académicas da época da sua formação. Este afastamento custou-lhe por duas vezes a ida para Paris como pensionista, apesar de ter ido mais tarde sob a protecção da Condessa D'Edla. Este facto não implica que os conhecimentos adquiridos nessa altura não fossem aplicados na sua obra, a negação das regras faz-se a um nível mais intrínseco. Assim podemos observar, em termos de composição, reminiscências destas regras embora aplicadas num género diferente de pintura. É possível reconhecer a verticalidade dominante nas duas figuras em primeiro plano (a feminina com o vestido azul e masculina a seu lado), em contraponto com a diagonal traçada pelas costas do pianista. Como já foi dito, esta obra é marcante pela penumbra do espaço circundante, apenas adivinhando-se os objectos da sala, em oposição aos pontos de cor, presentes no vestido azul da figura feminina, do coxim do piano de cor encarnada e dos pontos de cor branca, aplicados na indumentária das figuras e nas folhas das pautas de música. Outro factor interessante desta versão de "O Concerto de Amadores" é a posição do pianista. Para além de equilibrar a composição ao marcar uma diagonal dominante na composição, parece ter sido da preferência do artista pois, no ano seguinte, repetiu-a na obra intitulada de "O trecho difícil", figurando Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro inclinado sobre o piano, concentrado na pauta e com dificuldades visíveis de interpretar o trecho na pauta à sua frente.

Columbano Bordalo Pinheiro, sem dúvida o mais independente dos pintores portugueses do séc. XIX, nasceu em Cacilhas a 21 de Novembro de 1857. Educado num ambiente de preocupações artísticas, filho do pintor e gravador Manuel Maria Bordalo Pinheiro, com apenas quinze anos ingressou na Academia de Real de Belas Artes. Foi, então, aluno de Simões de Almeida Tio, Victor Bastos, Anunciação e Miguel Lupí. Tendo sido preterido em dois concursos para bolseiro de Estado em Paris, (acusando a sua invulgar paleta de "sujos e esverdeados"), apenas em 1881, sob o patrocínio da Condessa D'Edla, parte para Paris, na companhia de sua irmã, Maria Augusta. Nessa cidade trabalha, tal como o fizera em Lisboa, à margem das regras da academia, absorvendo as novas correntes parisienses. De volta a Lisboa, em 1883, pinta o quadro que o imortalizaria: a grande tela do Grupo do Leão (Museu do Chiado). Da intensa actividade que desenvolveu chegaram até nós trabalhos de decoração - Museu Militar, Câmara Municipal de Lisboa, Palácio do Conde de Valadares, Teatro D. Maria, Palácio Marquês da Foz, (nomeando apenas os mais significativos) - e as inúmeras obras em ilustres colecções particulares, nos Museus do Chiado e Soares dos Reis.

Proveniência: Antiga Colecção do Comendador Francisco Bento de Carvalho

€ 150.000 / € 250.000

121
ARMANDO DE LUCENA (1886-1975)
Mulher na horta
Óleo sobre tela
Assinado e dedicado ao Arq.º Tertuliano de Lacerda Marques
Dim.: 42,5 x 60 cm.

Armando de Lucena, Portuguese School, 19/20th century, oil on canvas, signed

Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942), distinguiu-se sobretudo como arquitecto, dedicou-se também à pintura, desenho, aguarela e miniatura. Pintor contemporâneo, discípulo de Carlos Reis, Condeixa e Luciano Freire. Distingue-se pelas suas paisagens de tonalidades vivas, vistas citadinas de colorido impressivo e jardins. Obteve a medalha de ouro na Exposição Ibero-Americana, em Sevilha em 1929, a 1ª medalha de pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes e foi vogal efectivo e secretário da Academia Nacional de Belas Artes. Publicou, como historiador de arte, "Pintores Portugueses do Romântismo" em 1943 entre outros.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 10.000 / € 15.000

122
FALCÃO TRIGOSO, João Maria de Jesus de Melo Falcão Trigoso (1879-1956)
"Ponte em Avô"
Óleo sobre tela
Assinado
Dim.: 143 x 202 cm.

Falcão Trigoso, Portuguese School, 20th century, oil on canvas, signed

Discípulo de Carlos Reis, Veloso Salgado e Simões de Almeida. O Pintor era um apaixonado pela beleza paisagística do Algarve, pintando em tonalidades vivas e luminosas a costa algarvia e o espectáculo das amendoeiras em flor. Partidário do "ar-livrismo", foi membro do Grupo Silva Porto, chefiado por Carlos Reis. Expôs frequentemente obtendo em 1948 da Sociedade Nacional de Belas Artes a medalha de honra, e em 1954 o 1º Prémio Silva Porto.

€ 25.000 / € 40.000

123

COLUMBANO, Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)

"A couve"

Óleo sobre tela

Não assinado, autenticado no verso por Diogo de Macedo

Dim.: 46 x 55 cm.

Columbano, Portuguese School, 19/20th century, oil on canvas

Verso do suporte com carimbo atestando a autenticidade desta obra, assinada por Diogo de Macedo. Para obras semelhantes consultar: MACEDO, Diogo de, COLUMBANO, Artis, Lisboa, 1952, estampas LXVIII, LXXVII, LXXIX e CXVII; e catálogo da exposição COLUMBANO, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa, págs. 45, cat. 51; pág. 57, cat. 38; pág. 60, cats. 68 e 69; pág. 61, cat. 70 (com couve muito semelhante).

Columbano Bordalo Pinheiro, sem dúvida o mais independente dos pintores portugueses do séc. XIX, nasceu em Cacilhas a 21 de Novembro de 1857. Educado num ambiente de preocupações artísticas, filho do pintor e gravador Manuel Maria Bordalo Pinheiro, com apenas quinze anos ingressou na Academia de Belas Artes de Lisboa. Foi, então, aluno de Simões de Almeida, Victor Bastos, Anunciação e Miguel Lupí. Tendo sido preterido em dois concursos para bolseiro de Estado em Paris, (acusando a sua invulgar paleta de "sujos e esverdeados"), apenas em 1881, sob o patrocínio da Condessa D'Edla, parte para Paris, na companhia de sua irmã, Maria Augusta. Nessa cidade trabalha, tal como o fizera em Lisboa, à margem das regras da academia, absorvendo as novas correntes parisienses. De volta a Lisboa, em 1883, pinta o quadro que o imortalizaria: a grande tela do Grupo do Leão (Museu do Chiado). Da prolixa actividade que desenvolveu chegaram até nós trabalhos de decoração - Câmara Municipal de Lisboa, Palácio do Conde de Valadares, Teatro D. Maria, Palácio Marquês da Foz, Assembleia Nacional (nomeando apenas os mais significativos) - e as inúmeras obras em ilustres colecções particulares, nos Museus do Chiado e Soares dos Reis.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 70.000 / € 100.000

124

Açucareiro em prata portuguesa D. Maria, trabalho do final do séc. XVIII/XIX, corpo em forma de urna com tampa, com decoração gravada de motivos florais e vegetalistas, grinaldas, laços e faixas de perlado no bordo do pé, do bocal e na urna que serve de botão da tampa. Marca de contraste de Lisboa (L-31) em uso de 1770 a c. 1804, marca de ourives DMS, (L- 204), não identificado, activo entre c. 1770 e c. 1822. Remarcado com duas cabeças de velho. Sinais de uso e pequenas amolgadelas.
Alt.: 22 cm. Peso aprox.: 560 gr.

Sugar box, portuguese silver, late 18 th. century, early 19 th. century.

Esta mesma peça vem reproduzida em "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 99 e 100, foto 111, na época pertencia à importante colecção de D. Berta Mendia de Guimarães (antiga colecção de Alfredo de Guimarães). Nesta obra o ourives vem mal identificado.

Proveniência: Colecção Particular de Alfredo Guimarães.

€ 4.000 / € 6.000

125

Caixa de chá em prata portuguesa D. Maria, trabalho do séc. XVIII/ XIX. Corpo de formato elíptico decorado com motivos neoclássicos gravados com elementos vegetalistas, flores grinaldas, fitas, laços, medalhões e faixas de perlados salientes na base e topo. Gargalo elíptico com faixas estilizadas gravadas rematado por faixa de perlado e botão da tampa em forma de urna. Marca de contraste de Lisboa (L-31), em uso de c.1790 a 1804, e marca de ourives DMS (L-204), não identificado, datável de c.1770 a c.1822. Sinais de uso e gastos na gravação.
Peso aprox.: 311 gr.; Alt.: 16 x 9 cm.

Tea box, Portuguese silver, 18th/ 19th century

Esta peça tem uma marcada influência inglesa, o que a torna rara na ourivesaria portuguesa. Neste leilão temos duas peças da mesma época e ourives com os lotes 124 e 126, sendo uma um bule e outra um açucareiro.

€ 2.000 / € 2.000

126

Importante bule em prata portuguesa D. Maria, trabalho do final do séc. XVIII/XIX, corpo de forma elíptica com tampa embutida e charneira oculta, decoração gravada de motivos florais e vegetalistas, grinaldas, laços e faixas de perlado no bordo do pé, do bojo, do bocal e na urna que serve de botão da tampa. Invulgar trabalho de entalhador na asa em madeira, com frizo de perlado e folha de acanto. Bico liso e direito partindo da base do corpo e com decoração gravada de motivos florais. Marca de contraste de Lisboa (L-31ou L-32) em uso de 1770 a c. 1804, marca de ourives DMS, (L- 204), não identificado, activo entre c. 1770 e c. 1822. Remarcado com três cabeças de velho, duas no corpo e outra na tampa. Sinais de uso, restauros no corpo e na asa.
Alt.: 18 cm. Peso aprox.: 870 gr.

Important Portuguese silver teapot, 18/19th century.

Esta mesma peça vem reproduzida em "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 99 e 100, foto 112, na época pertencia à importante colecção de D. Berta Mendia de Guimarães (antiga colecção de Alfredo de Guimarães). Nesta obra a peça vem com a indicação "...sem marca de ourives."

Proveniência: Colecção Particular de Alfredo Guimarães.

€ 4.000 / € 6.000

127

Invulgar e importante lavanda e gomil em prata portuguesa de António Firmo da Costa, trabalho do inicio do séc. XIX. A lavanda de formato elíptico desenvolve-se a partir de um fundo liso, em três níveis de caneluras côncavas, com aba plana subdividida em elementos quadrangulares simulando fita ondulada, rematada por bordo finamente moldurado. Ao centro do fundo ostenta o brasão esquartelado com as armas; I e IV Pereira, II Faria, III Almeida e timbre Pereira, gravado e envolto em motivos florais. Gomil de formato muito invulgar, com bico largo, bordo com faixa estriada, bojo marcado por três caneluras côncavas e a faixa de elementos quadrangulares, semelhantes às da lavanda, parte inferior do corpo decorada com motivos vegetalistas unidos ao centro por um botão em forma de ovo. A asa e os quatro pés são em forma de golfinhos, de vulto perfeito, com o corpo coberto de escamas, estes últimos pousando sobre elementos decorativos em forma de gota invertida e canelada. No bojo abaixo do bico ostenta o mesmo brasão gravado e envolto em motivos florais. Só na lavanda, marca de contraste de Lisboa, (L-35) em uso de 1804 a 1810, marca de ourives AFC (L-78) de António Firmo da Costa, activo de 1795 a 1824. Gomil sem marcas. Pequenos sinais de uso, ligeira amolgadela no fundo da lavanda, marcas muito gastas.
Comp.: 41.5 cm. Alt.: 30.8 cm. Peso aprox.: 2217 gr.

Important basin & ewer by Antonio Firmo da Costa, portuguese silver, early 19 th century.

António Firmo da Costa deve ser considerado como o melhor ourives português do final do séc. XVIII/XIX. "O singular percurso deste ourives ao longo de trinta e um anos de activa produção, reflecte de forma por vezes surpreendente a sua evolução na contexto da época. Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e funcionalidade da sua utilização. Não as grandes obras de aparato, mas as peças comuns, executadas com grande sobriedade, fruto de um conhecimento profundo da função utilitária do objecto, do equilíbrio e da harmonia da forma depurada que enaltece o material de que é feita. Estamos perante um mestre curiosamente interessado avant la lettre, no design, entendido no sentido actual do termo, ou seja, na adequação estética de um objecto à sua função." Leonor D'Orey in "António Firmo da Costa, Um ourives de Lisboa Através da Sua Obra", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000. Até ao momento só foi possível encontrar lavandas deste ourives com este formato e decoração, ver op. cit, pág.140, item 121.

Quanto ao modelo do gomil não nos foi possível até ao momento encontrar algo de semelhante, no entanto o tipo de asa aparece em alguns gomis da época. Uma influência pode no entanto surgir de outro campo, o conjunto de mobiliário chamado dos Golfinhos ou da nau "Príncipe Real", foi realizado no final do séc. XVIII e mobilou esta nau quando a Corte viajou para o Brasil, em 1807, aquando das invasões francesas. Esta mobília faz parte do acervo do Palácio Nacional da Ajuda e está exposta na "Sala do retrato da rainha D. Maria Pia". É conhecido o apoio de António Firmo da Costa, à família real portuguesa, através das suas contribuições para eventos como Te-Deum, e festas. Em 1801 o ourives é recebido, junto com uma delegação da Confraria de S. Eloi, pelo Príncipe Regente D. João, no Palácio da Ajuda, de notar que AFC, nesse momento não tinha qualquer cargo na Confraria e só a sua importância justifica a presença.

Brasão de armas da família Pereira Palha, usadas por José Pereira Palha de Faria Guião (1788-1854), Desembargador do Paço, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, etc. exactamente as mesmas que se encontram no cunhal do Palácio Pancas-Palha em St.ª Apolónia e nas "casas pequenas" do mesmo palácio. Estão também representadas na Quinta da Maruja, ou de S. José do Rio, no Dafundo, onde funciona o colégio do Instituto Espanhol. Para uma peça com o mesmo brasão ver "Pratas em colecções do Douro", D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Lello Editores, Lamego, 2001, pág. 194, n.º 43.

€ 10.000 / € 20.000

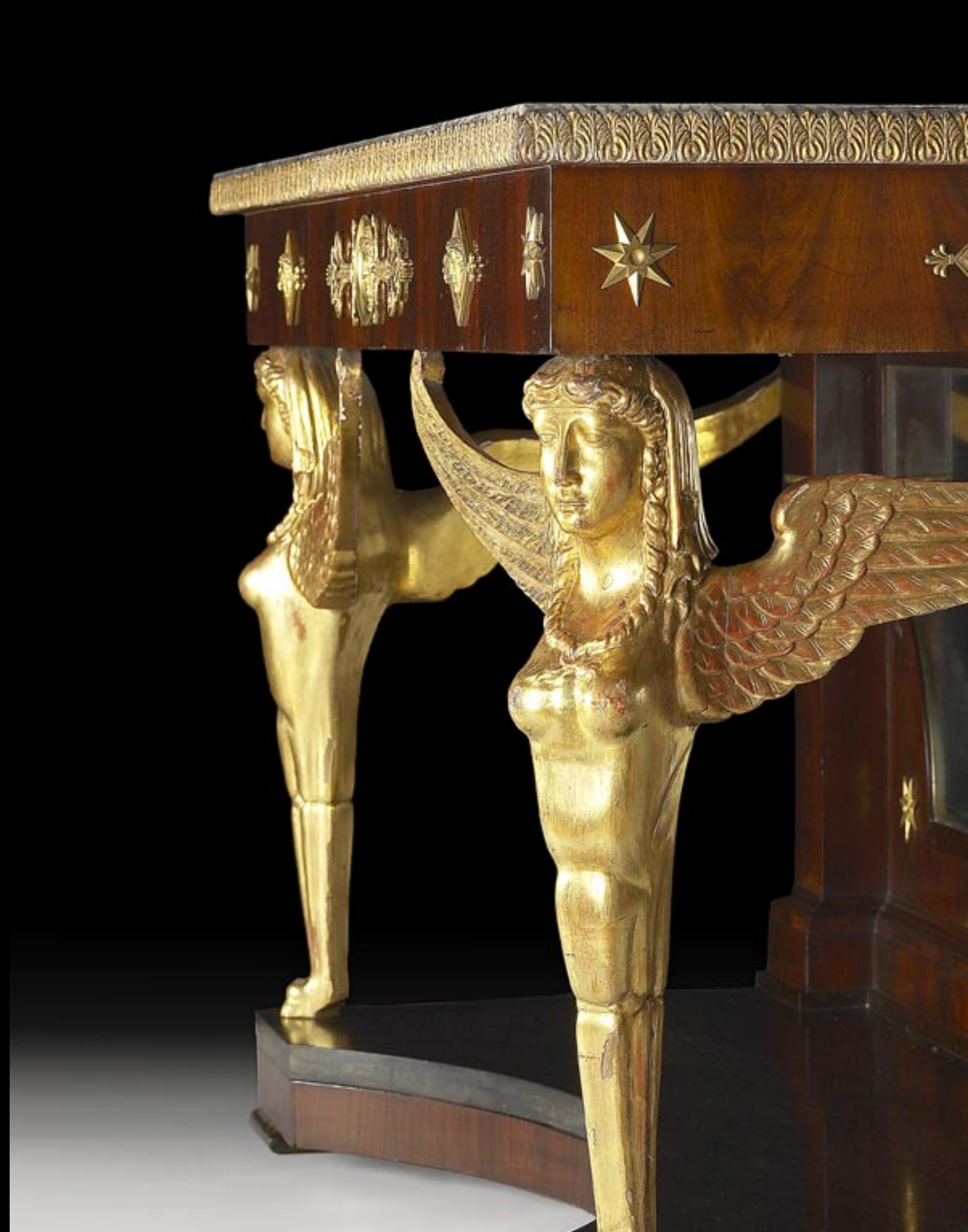
128

Importante e invulgar bule em prata portuguesa, D. José, trabalho do séc. XVIII, Corpo em forma de pêra invertida, assente sobre base moldada, desenvolvendo-se em diversos níveis. Bico em colo de cisne, surgindo de uma faixa de canelado largo, decorado com concheados e folha de acanto junto ao topo, zona inferior com um registo liso envolto por concheados. Bojo e colo do corpo com decoração de motivos florais gravada. Junção do corpo e da tampa com gravação de concheados estilizados, ondas e volutas em C, interrompida por registos de treliça, tampa à face, com dobradiça embutida, centro da tampa decorado com desenho de motivos vegetalistas desenvolvendo-se em espiral, tendo ao centro o botão em madeira torneada. Asa em forma de S estilizado em madeira entalhada, unindo ao corpo, no topo por concha estilizada. Marca de contraste de Lisboa, (L-31), em uso de cerca de 1770 a 1804, sem marca de ourives.
Alt.: 18 cm. Peso aprox.: 1179 gr.

Portuguese silver teapot, late 18th century.

Para uma peça de modelo muito semelhante, na decoração e no bico ver, "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 98, item 109, para uma outra com semelhanças na base, e no botão da tampa, ver, op. cit. pág. 110, item 130.

Proveniência: Família Perestrello de Vasconcelos.

€ 20.000 / € 30.000

129

Mesa de centro Império, do séc. XIX, em mogno faixeado, madeira entalhada e dourada e bronze dourado. Tampo em pedra mármore cinzenta com veios brancos, envolta em friso de palmetas em madeira entalhada e dourada. Decoração de bronzes dourados dispersos pela cintura figurando estrelas e losangos com carrancas, sendo as centrais com composição mais elaborada de carranca e motivos vegetalistas, volutas e enrolamentos estilizados. Pernas em forma de esfinges aladas, esculturas de vulto perfeito em madeira dourada, colocadas de canto e com as asas cruzadas. Base recortada, com tampo em pedra de basalto (?), ornado ao centro com espelho elíptico emoldurado por friso de perlado. Assente sobre quatro pés em forma de bolacha quadradas. Falhas no friso do tampo e pequenos restauros e defeitos nas esfinges.
Alt.: 82,5 cm.; Comp.: 163 cm.; Fundo: 83 cm.

Center table, Empire, 19th century, mahogany and gilt bronze mounts.

Proveniência: Pertenceu à Antiga Colecção Ricardo Espiríto Santo Silva

€ 8.000 / € 12.000

130

Conjunto de seis cadeiras de braços Império, do séc. XIX, em mogno faixeado, madeira entalhada e dourada e bronze dourado. Espaldar "en bateau" com curva suave terminando nos pés traseiros. Braços em forma de esfinges aladas com duas garras e caudas terminando em enrolamentos, esculturas de vulto perfeito em madeira dourada. Cintura de curva suave, assente sobre as duas pernas frontais em forma de garra. Algumas com marcas incisas "NR" e "ID".
Alt.: 88,5 cm.

Six chairs, Empire, 19th century, mahogany and gilt wood.

Proveniência: Pertenceram à Antiga Colecção Ricardo Espírito Santo Silva

€ 20.000 / € 40.000

131

Canapé Império do séc. XIX, em mogno faixeado, madeira entalhada e dourada e bronze dourado. Espaldar "en bateau" e base decorada com bronzes dourados dispersos, figurando estrelas e losangos com carrancas, sendo a central com composição mais elaborada de carranca e motivos vegetalistas, volutas e enrolamentos estilizados. Ilhargas ornadas com duas palmetas em madeira entalhada e carranca em bronze. Braços em forma de esfinges aladas com caudas terminando em enrolamentos, esculturas de vulto perfeito em madeira dourada. Pernas frontais em forma de cilindros projectados para fora e semi-embutidos, servindo de base às garras das esfinges. Estofo em tecido em tons de amarelo. Pequenos defeitos.
Alt.: 109 cm.; Comp.: 151 cm.; Fundo: 94 cm.

Canapé Empire, 19th century, mahogany and gilt bronze mounts.

Proveniência: Pertenceu à Antiga Colecção Ricardo Espiríto Santo Silva

€ 4.000 / € 8.000

132

Par de tremós Império, do séc. XIX, em mogno faixeado, madeira entalhada e dourada e bronze dourado. De estrutura e forma arquitectónicas, os espelhos encontram-se rematados por cimalha com feixe de plumas flanqueada por dois grifos afrontados, representados segurando panejamento na boca e longas caudas enroladas. Entablamento decorado com invulgar pedra mármore embutida com decoração gravada representando Deus alado egípcio; e placa de espelho ladeada por duas pilastras com capitéis e bases em bronze dourado. Decoração de bronzes dourados dispersos pela moldura do espelho figurando estrelas e losangos com carrancas e restante decoração entalhada e dourada na forma de frisos clássicos como óvulos, túlipas imbricadas e pérolas. Tampo da base em pedra mármore cinzenta com veios brancos, envolta em friso de palmetas em madeira entalhada e dourada. Aro com decoração semelhante à moldura do espelho com estrelas e carrancas, apresentando ao centro composição mais elaborada de carranca e motivos vegetalistas, volutas e enrolamentos estilizados. Pernas dianteiras em forma de esfinges aladas, esculturas de vulto perfeito em madeira dourada, colocadas de canto. Fundo da base com espelho e pedra de basalto (?). Assente sobre quatro pés em forma de bolacha quadradas. Verso dos tampos com vestígios de etiquetas antigas de armazenista. Falta da ponta da asa de um grifo e algumas falhas e pequenos defeitos.
Alt. Aprox.: 250 cm.; Larg.: 154,5 cm.; Fundo: 68,5 cm.

Pair of Empire mirror and console table, 19th century, mahogany and gilt bronze mounts.

Proveniência: Pertenceram à Antiga Colecção Ricardo Espiríto Santo Silva

€ 20.000 / € 30.000

133

Par de cantoneiras Império, do séc. XIX, em mogno faixeado, madeira entalhada e dourada e bronze dourado. Tampo em pedra mármore cinzenta com veios brancos, envolta em friso de palmetas em madeira entalhada e dourada. Decoração de bronzes dourados dispersos pela cintura figurando estrelas. Pernas em forma de esfinges aladas, esculturas de vulto perfeito em madeira dourada, colocadas de canto. Base recortada, com tampo em pedra de basalto (?), e espelhos no fundo. Falhas no friso do tampo e pequenos defeitos.
Alt.: 94,5 cm.; Comp.: 87 cm.; Fundo: 83 cm.

Pair of corner tables Empire, 19th century, mahogany and gilt bronze mounts.

Proveniência: Pertenceram à Antiga Colecção Ricardo Espiríto Santo Silva

€ 6.000 / € 10.000

134

MISSALE // ROMANUM // Ex decreto sacrosanti // Concilii Tridentini Restitutum // PII V. PONT. MAX. ISSU EDITUM,// ET CLEMENTIS// AUCTORITATE RECOGNITUM. // In quo Missae propriae de SANCTIS omnes ad longum positae // sunt ad maiorem celebrantium commoditatem. // (gravura alegórica aberta a buril, em chapa de cobre). // ANTUERPIAE, // Ex Officina Platiniara // Balthasaris Moreti. // 1661.//.

In-fólio de XXXIV fls. prels. inums.; 648 págs.; CXVII - II; uma fl. com a marca do impressor, gravada a vermelho. Segue-se no mesmo volume, com frontispícios próprios: // MISSAE PROPRIAE // FESTORUM // DIOCESIS // ULYSSIPONENSIS, // Ex consuetudine antiqua, // & concessione Xysti v. // in tota Dioecesi celebrari solitae // ... // ... // (xoligravura representando a Última Ceia). // Ulyssipone // Extipographia Joannis Galram. // 1683. // In-fólio de (22) págs. // Segue-se: // MISSAE NOVAE // IN MISSALI // ROMANO // ... // ... // (gravura aberta em madeira, representando a Crucificação). // ULYSSIPONE OCCIDENTALI, // Typis Emmanuelis Fernandes a' Costa, // Sancti Officii Typographi. // 1739. // In-fólio de 39 - (3) págs.; Até final do volume, decorre: // MISSAE SANCTORUM // NOVAE, ET PROPRIAE // OLISIPONE // EX Typographia Regia. Anno 1771. // In-fólio de (30) - (2) - (8) - (2) - (8) págs. Impresso a vermelho e preto, sobre papel muito encorpado, com óptima sonoridade. Todas as fls. regradas, estando as primeiras fls. prels. levemente amarfanhadas junto do corte vertical. Miolo em óptimo estado. Ornado com centenas de vinhetas, letras iniciais de desenho de fantasia e belas gravuras abertas a buril, assinadas: « C. Gallo». Remates elaborados de fantasia. Pontual remarginação de algumas fls. Magnífica encadernação da época em veludo carmesim, com mais cansaço na pasta anterior do que na posterior. Pastas com aplicações em prata lavrada e dourada, ostentando ao centro o super-libros, com o escudo d'armas reais portuguesas, encimado por corôa real envolto por lourel, tudo em prata dourada e dos lados ornamentos vegetalistas com a cabeça de dois anjos afrontados em cada canto. Guardas em papel marmoreado. Corte da folhas cinzelado e brunido a ouro fino. Nestas condições, peça de colecção muito valiosa.
Dim.: 35 x 25 cm.

Royal latin prayer book

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

135

Espelho de toilette com moldura em prata francesa de 1886, presente de casamento para a princesa D. Amélia por ocasião do seu casamento com o príncipe D. Carlos. Espelho biselado com moldura em prata recortada, repuxada e cinzelada, decorada com enrolamentos, motivos vegetalistas e elementos florais, encimada por medalhão gravado com as armas reais de Portugal e França, decorado por concheado e flores. No centro da base, um elemento concheado circundado por flores e folhagens "rocaille", ladeado por duas grinaldas de flores e dois pés em enrolamentos. Reverso em madeira com suporte central em metal prateado com inscrição "A Son A.R. Mme. La Princesse Amélie/ Les Dames de Saône & Loire/ 22 Maio de 1886". Marcas de garantia francesas, Paris, séc. XIX/ XX e marca de ourives de Boin Taburet.
Alt.: 55 cm.

Mirror, French silver, 1886.

Junto com estojo moderno em madeira para transporte.

Boin Taburet é um dos mais importantes ourives franceses do final do séc. XIX/XX. Fornecedor das casas reais europeias, vai continuar a trabalhar com grande sucesso durante o período Art Deco. A princesa D. Amélia de Orleans (1865-1951), filha do Principe Louis Philippe d'Orléans, de França, casa com o Príncipe D. Carlos (1863-1908) de Portugal, futuro rei D. Carlos I.

Proveniência: Antiga colecção particular de S.M. Rainha D. Amélia de Orleans e Bragança e por descendência para seu filho S.M. El Rei D. Manuel II, Leilão Sothebys em 16 de Maio de 1991 Lote.484, Genebra Suiça.

€ 4.000 / € 6.000

136

Raro par de cómodas D. João V/D. José, c.1740-1760, em madeira de caixa e outras, decoradas com motivos entalhados e com pintura acharoada a negro e dourado, com realces a vermelho, verde e castanho. Tampos salientes decorados com rebaixo, acompanham a movimentação da caixa. Caixas onduladas nas ilhargas e frentes, com um gavetão e duas gavetas com pilastras projectadas, semicirculares e com decoração simulando hastes de bambu. Saiais frontais e laterais salientes, recortados e moldurados, decorados com elementos "rocaille" de disposição assimétrica, volutas e enrolamentos vegetalistas, sendo os frontais mais desenvolvidos. Pernas galbadas, de saída brusca, decorados com volutas e enrolamentos vegetalistas, terminando em pés de garra e bola. Decoração acharoada de inspiração oriental, representando na frente das gavetas e gavetões cenas do quotidiano chinês com jardins, pagodes, pavilhões e figuras. Ilhargas representando decoração semelhante, incluindo barcaça com figuras e uma exótica figura montando avestruz. Espelhos das fechaduras originais, são recortados e vazados, representando motivo de inspiração oriental. Tampos decorados com motivos florais, de pintura posterior. Pequenos restauros.

Dim.: 80 x 112,5 x 53,5 cm.

Rare D. João V/D. José, circa 1740-1760 pair of chest of drawers with "chinoiseries".

€ 30.000 / € 50.000

Em nossa opinião, estas peças são da mesma oficina de uma cómoda pertencente à Casa-Museu Anastácio Gonçalves, CMAG 670, ilustrada in: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 59 e 60, cat. 10, esta última de fabrico mais elaborado que este par, sendo, porém, em tudo semelhantes: forma; estrutura; técnicas e repertório decorativos. Segundo o José António Proença, referindo-se à peça da Casa-Museu, considera: "Por outro lado, a ornamentação deixa transparecer um maior exotismo pela representação de fauna de outras paragens, como a avestruz, que transporta uma personagem, (...) A decoração da peça inspira-se, pois, na decoração oriental, designadamente do repertório ornamental chinês, presente, tanto nas peças lacadas que chegavam da China, como nas magníficas porcelanas (...) Estruturalmente a peça apresenta vincadas características do reinado de D. João V, com caixa de ondulação acentuada, saiais ainda muito desenvolvidos, pernas de saída brusca com joelhos volumosos. No entanto, a talha, ainda com sulcos assaz profundos, apresenta já assimetria e estilização, características do inicio do rococó, surgido no nosso país pelos meados do século, e que se acentuarão com a decoração do "rocaille", plenamente desenvolvido no reinado de D. José. A talha profunda e extremamente agitada apresenta características da decoração "rocaille" do Norte do País, divulgada, nos meados do século XVIII, pelos álbuns de estampas editados em Augsburg. Esta teve grande aceitação na cidade de Braga, de onde irradiou para o resto do país, (...) inicialmente presente no mobiliário religioso e estendendo-se posteriormente às restantes peças de mobiliário.(...). Op. cit. pág. 60.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

137

Par de candelabros "torchères" franceses, do séc. XIX, em bronze dourado. Representam figuras clássicas aladas em pé, vestindo túnicas plissadas, com penteados elaborados ornados com grinaldas de flores, segurando, numa mão, candelabros de cinco braços decorados com cabeças de cisnes e elementos vegetalistas com enrolamentos, e na outra, plumas, sobrepujando meias esferas assentes sobre plinto de formato quadrangular, decorados com troféus de guerra e coroas de louro.
Alt.: 86 e 89 cm.; Base: 20 x 20 cm.

Pair of French "torchères" in fine 19th century gilt bronze.

€ 10.000 / € 15.000

138

Escola Europeia do séc. XIX

Czar Alexandre I da Russia (1777-1825)

Óleo sobre tela

Com moldura original

Dim.: 86 x 66 cm.

European school, 19th century, oil on canvas.

Alexandre I, czar da Rússia (1801 a 1825), rei da Polónia (1815 a 1825). Nasceu em S. Petersburgo em 1777 e morre em Taganrog em 1825. Neto de Catarina II, a Grande, filho de Paulo I (assassinado em 1801 por apoiantes de Alexandre). O seu reinado foi sobretudo marcado por uma politica exterior flutuante, participa na 3ª Coligação contra Napoleão, é derrotado por este em Austerlitz (1805), em Eylau e Friedland (1807). Depois assina com Napoleão o Tratado de Tilsit, declara guerra a Inglaterra e adere ao Bloco Continental. Mais tarde altera a sua politica e combate o Imperador dos franceses, depois da campanha da Rússia, desastrosa para os franceses, Alexandre participa na 6a Coligação (1813) e apoia o regresso dos Bourbons. Em 1815, inspira a criação da Santa Aliança, coligação da Rússia, Áustria e Prússia, na realidade dominada pelo chanceler Metternich, de cariz marcadamente conservador, que se opunha à Europa ocidental liderada pela Inglaterra, muito mais liberal. No plano interno fez poucas reformas do sistema de sua avó, encorajando no entanto algum desenvolvimento comercial depois da destruição provocada pelas guerras. Neste quadro o czar ostenta as seguintes insígnias, de Cavaleiro da Ordem de São Jorge e a Estrela de Cavaleiro da Ordem de Santo André.

Proveniência: Antiga Colecção dos Condes de Valenças e Nova Goa.

€ 8.000 / € 12.000

139

Cómoda francesa Luís XV, do séc. XVIII, faixeada a pau-santo, pau-rosa, buxo e espinheiro representando "marqueterie" floral, com dois gavetões integrados e tampo em mármore cor de rosa. Tampo decorado com rebaixo moldurado, acompanhando as linhas da caixa. Caixa adaulada e saiais recortados e ondulados. Frente com composição de "marqueterie" representando grande cartela de concheados e treliça, tendo ao centro dragão de boca aberta de onde saem ramos de flores de representação naturalista, com papagaio pousado num ramo e borboleta a voar. Dois destes ramos ultrapassam os limites da cartela, entrelaçando-a, e espalhando ramos de flores para o restante espaço. Molduras laterais decoradas com escamas estilizadas, sobrepostas. Gavetas de limites dissimulados na composição. Ilhargas com cartela de escamas estilizadas e ramagens semelhantes à frente, mas saindo de elementos estilizados. Ferragens "rocaille" em bronze dourado, aplicadas nos cantos, saiais, espelhos das fechaduras e puxadores. Olho do papagaio em madrepérola. Pequenos restauros e faltas.

Alt.: 83 cm.; Larg.: 142 cm.; Fundo: 63,5 cm.

Louis XV chest-of-drawers, 18th century, in exotic woods and bronze mounts.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 10.000 / € 15.000

140

Importante terrina com tampa em faiança portuguesa, fabrico de Lisboa, Fábrica de Cerâmica Constância, da autoria de Wenceslau Cifka, séc. XIX. Decoração policroma, com parte em relevo, em tons de azul, verde, amarelo, ocre e vinoso sobre esmalte estanífero branco representando na base friso com elementos vegetalistas, pássaros e papagaios, pegas da base em relevo com forma de cabeças de leões, tampa com decoração pintada com friso de "putti" nadando com golfinhos, folhagens em relevo e pega em forma de figuras feminina e masculina segurando sobre as cabeças um búzio, aba com friso de flores. Marca de fabrico na base e datada de 1879. Tampa com pequena falha no bordo e ligeiro cabelo restaurado, base com pequena falha em dois dentes da pegas da base, consolidadas.
Comp.: 63 cm.; Alt.: 41 cm.;

Important tureen and cover in portuguese ceramic, 19th century.

Para marcas semelhantes ver "Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelana Portuguesas", Editora Estar, marcas nos 99 a 101, pág.44. Wenceslau Cifka (1811-1883), natural da Boémia, nobre de ascendência, veio para Portugal na corte de S.M. El- Rei D. Fernando II. Sob a égide dos monarcas, Cifka lecciona pintura e desenho na corte lisboeta. Em 1863 dedica-se à feitura de faiança na Fábrica de Cerâmica Constância. Nas suas peças, exuberantes na forma e coloração retratava cenas da corte, episódios históricos e motivos da fauna e flora. Algumas das peças mais requintadas da sua produção são os violinos, as cabaças e pratos decorados em relevo. A quase totalidade das suas peças são marcadas com as suas iniciais e muitas datadas e com referências sobre a época ou a peça executada.

Existe numa colecção particular de Lisboa uma peça idêntica à apresentada.

€ 20.000 / € 30.000

141

Cão, escultura em tamanho natural de cão de água da região de Poveira, em faiança portuguesa, fabrico do Porto, fábrica de Santo António, séc. XIX. Decoração realista em tons de vinoso, azul e amarelo, o animal está sentado sobre as patas traseiras, tem a cauda comprida enrolada e o focinho olhando para o lado direito. Assente sobre base rectangular com cantos cortados, decorada com simulação de mármore e com inscrição "Fábrica de Stº. António Porto". Pequenas falhas no vidrado e pequenos restauros na base.
Alt.: 77 cm.; Comp.: 65,5 cm.;

Dog, sculpture in faience, 19th century

Invulgar uma escultura em faiança desta dimensão sendo normalmente executadas para decoração de jardins, galerias ou entrada de casa.

€ 10.000 / € 20.000

142

Taça de pingos em prata portuguesa de António Firmo da Costa, trabalho do início do séc. XIX. Corpo liso em forma de meia esfera, decorado no bordo com friso de gregas e na base com friso de elementos fitomórficos e ondeados estilizados. Assente sobre base circular em canelado largo. Marca de contraste de Lisboa (variante de L-36), em uso de c.1810 a c.1822, marca de ourives AFC (L-78), de António Firmo da Costa, datável de 1793 a 1824, remarcado com duas cabeças de velho. Sinais de uso.
Peso aprox.: 378 gr.;
Diam.: 16 cm.; Alt.: 8 cm.

Portuguese silver bowl, early 19th century.

€ 800 / € 1.200

Esta peça é semelhante a duas reproduzidas no catálogo de "António Firmo da Costa, Um ourives de Lisboa Através da Sua Obra", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000, p. 36/39. António Firmo da Costa deve ser considerado como o melhor ourives português do final do séc. XVIII/XIX. "O singular percurso deste ourives ao longo de trinta e um anos de activa produção, reflecte de forma por vezes surpreendente a sua evolução na contexto da época. Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e funcionalidade da sua utilização. Não as grandes obras de aparato, mas as peças comuns, executadas com grande sobriedade, fruto de um conhecimento profundo da função utilitária do objecto, do equilíbrio e da harmonia da forma depurada que enaltece o material de que é feita. Estamos perante um mestre curiosamente interessado avant la lettre, no design, entendido no sentido actual do termo, ou seja, na adequação estética de um objecto à sua função." Leonor D'Orey in op. cit.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

143

Bule em prata portuguesa de António Firmo da Costa, trabalho do séc. XIX. Corpo liso e bojudo sublinhado por decoração gravada com cercaduras de gregas e de elementos fitomórficos e ondeados estilizados, assente sobre base elíptica. Bico de secção triangular, decorado por friso de motivos estilizado, rematado em chaveta. Asa e botão da tampa em ébano, sendo o botão torneado em bolacha e rematado por espigão em prata. Marca de contraste de Lisboa (variante de L-36), em uso de c.1810 a c.1822, marca de ourives AFC (L-78), de António Firmo da Costa, datável de 1793 a 1824, remarcado com duas cabeças de velho. Sinais de uso.
Peso aprox.: 1030 gr.; Alt.: 20 cm.

Portuguese silver tea pot, early 19th century.

€ 2.500 / € 3.500

Esta peça é semelhante, sendo diferente no botão da tampa e no remate da asa, a uma reproduzida no catálogo de "António Firmo da Costa, Um ourives de Lisboa Através da Sua Obra", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000, p. 38/39. António Firmo da Costa deve ser considerado como o melhor ourives português do final do séc. XVIII/XIX. "O singular percurso deste ourives ao longo de trinta e um anos de activa produção, reflecte de forma por vezes surpreendente a sua evolução na contexto da época. Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e funcionalidade da sua utilização. Não as grandes obras de aparato, mas as peças comuns, executadas com grande sobriedade, fruto de um conhecimento profundo da função utilitária do objecto, do equilíbrio e da harmonia da forma depurada que enaltece o material de que é feita. Estamos perante um mestre curiosamente interessado avant la lettre, no design, entendido no sentido actual do termo, ou seja, na adequação estética de um objecto à sua função." Leonor D'Orey in op. cit.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

144

Açucareiro em prata portuguesa de António Firmo da Costa, trabalho do séc. XIX. Corpo liso e bojudo sublinhado por decoração gravada com cercaduras de gregas e de elementos fitomórficos e ondeados estilizados, assente sobre base elíptica. Botão da tampa em madeira escurecida e torneada e duas asas esquinadas em prata. Marca de contraste do Lisboa (variante de L-36), em uso de c.1810 a c.1822, marca de ourives AFC (L-78), de António Firmo da Costa, datável de 1793 a 1824, remarcado com duas cabeças de velho. Sinais de uso.
Peso aprox.: 628 gr; Alt.: 18 cm.

Portuguese silver sugar bowl, early 19th century.

€ 1.000 / € 2.000

Esta peça é semelhante, sendo diferente no botão da tampa, a uma reproduzida no catálogo de "António Firmo da Costa, Um ourives de Lisboa Através da Sua Obra", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000, p. 38/39. António Firmo da Costa deve ser considerado como o melhor ourives português do final do séc. XVIII/XIX. "O singular percurso deste ourives ao longo de trinta e um anos de activa produção, reflecte de forma por vezes surpreendente a sua evolução na contexto da época. Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e funcionalidade da sua utilização. Não as grandes obras de aparato, mas as peças comuns, executadas com grande sobriedade, fruto de um conhecimento profundo da função utilitária do objecto, do equilíbrio e da harmonia da forma depurada que enaltece o material de que é feita. Estamos perante um mestre curiosamente interessado avant la lettre, no design, entendido no sentido actual do termo, ou seja, na adequação estética de um objecto à sua função." Leonor D'Orey in op. cit.

145

Bule em prata portuguesa de António Firmo da Costa, trabalho do séc. XIX. Corpo liso e bojudo sublinhado por decoração gravada com cercaduras de gregas e de elementos fitomórficos e ondeados estilizados, assente sobre base elíptica. Bico de secção triangular, decorado por friso de motivos estilizado, rematado em chaveta. Asa e botão da tampa em madeira escurecida, sendo o botão torneado. Marca de contraste de Lisboa (variante de L-36), em uso de c.1810 a c.1822, marca de ourives AFC (L-78), de António Firmo da Costa, datável de 1793 a 1824, remarcado com duas cabeças de velho. Sinais de uso.
Peso aprox.: 949 gr; Alt.: 21 cm.

Portuguese silver tea pot, early 19th century.

€ 2.500 / € 3.500

Esta peça é semelhante, sendo diferente no botão da tampa, na madeira e remate da asa, a uma reproduzida no catálogo de "António Firmo da Costa, Um ourives de Lisboa Através da Sua Obra", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000, p. 38/39. António Firmo da Costa deve ser considerado como o melhor ourives português do final do séc. XVIII/XIX. "O singular percurso deste ourives ao longo de trinta e um anos de activa produção, reflecte de forma por vezes surpreendente a sua evolução na contexto da época. Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e funcionalidade da sua utilização. Não as grandes obras de aparato, mas as peças comuns, executadas com grande sobriedade, fruto de um conhecimento profundo da função utilitária do objecto, do equilíbrio e da harmonia da forma depurada que enaltece o material de que é feita. Estamos perante um mestre curiosamente interessado avant la lettre, no design, entendido no sentido actual do termo, ou seja, na adequação estética de um objecto à sua função." Leonor D'Orey in op. cit.

146

Importante cafeteira em prata portuguesa, D. José, trabalho do séc. XVIII. Corpo em forma de pêra alta decorado com elementos arquitectónicos, florais e vegetalistas, enrolamentos, concheados e volutas, repuxados, gravados e cinzelados, bico em colo de cisne, surgindo de uma moldura de concheados, de motivos florais e de um mascarão, decorado nos lados com volutas caneladas que acompanham o movimento da peça, remate superior em parte enrolado. Tampa com charneira saliente ligada ao topo da asa, decorada com motivos vegetalistas repuxados e cinzelados, botão em forma de pinha. Assenta sobre base circular recortada, fundida, gravada e cinzelada com motivos florais, enrolamentos e concheados em relevo. Asa em pau-santo entalhado decorada com folha estilizada. Marca de contraste do Porto (P-13), em uso de c. 1768 a c. 1784, marca de ourives TGS (P-296), de Tomé Gomes da Silva, activo de c. 1785 a c. 1797. Sinais de uso.
Peso Aprox.: 1200 gr.; Alt.: 28 cm.

Important Portuguese silver coffeepot, 18th century.

Para uma peça muito semelhante e com a mesma marca de contraste, ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 84.

Proveniência: Família Casal Ribeiro, Ameixoeira.

€ 15.000 / € 25.000

147

Importante cafeteira em prata portuguesa, D. José, trabalho do séc. XVIII. Corpo em forma de pêra alta decorado com elementos arquitectónicos, florais e vegetalistas, enrolamentos, concheados e volutas, repuxados, gravados e cinzelados, bico em colo de cisne, surgindo de uma moldura de concheados, decorado nos lados com volutas caneladas que acompanham o movimento da peça, remate superior com folha em parte enrolada. Tampa com charneira saliente ligada ao topo da asa, decorada com motivos vegetalistas repuxados e cinzelados, botão em forma de urna torneada. Assenta sobre base circular recortada, fundida, gravada e cinzelada com motivos florais, enrolamentos e concheados em relevo. Asa em pau-santo entalhado decorada com os mesmos motivos. Marca de contraste do Porto (P-13), em uso de c. 1768 a c. 1784, marca de ourives IRC (P-361), de João Rodrigues da Costa Negreiros, activo de c. 1758 a c. 1810. Sinais de uso.
Peso Aprox.: 1213 gr. Alt.: 30,5 cm.

Important portuguese, cofee pot, 18 th century

Peça de excepcional qualidade de desenho e execução, características da obra deste apreciado ourives portuense. Para uma peça muito semelhante ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 84.

€ 30.000 / € 40.000

148

Importante par de mesas de encostar D. José, do séc. XVIII, em pau-santo entalhado, com duas gavetas cada. Tampo com rebaixo e recortado, acompanha a ondulação da caixa na frente e ilhargas. Caixa abaulada com linhas suaves e sinuosas. Frente das gavetas lisas, decoradas com friso emoldurado. Decoração de fina talha "rocaille" assimétrica, representando concheados, enrolamentos estilizados e volutas, com especial desenvolvimento no saial frontal e nas paredes das ilhargas. Caixa e pernas percorridas a toda a volta, no recorte inferior, por friso moldurado representando volutas alongadas e pontualmente quebradas, terminando em enrolamentos nos pés dianteiros. Pernas de suave encurvamento, decoradas em todos os joelhos com motivos "rocaille" e terminando em pés de cachimbo, igualmente ornados com motivos "rocaillescos". Ferragens em bronze recortado, ostentando decoração "rocaille". Sistema de fecho nas pernas anteriores para união de ambas as mesas. Falta de um dos fechos e pequenas faltas e defeitos. Pequenos restauros. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 81 cm.; Larg.: 127,5 cm.; Fundo: 64,8 cm.

Important pair of side-tables, Portuguese 18th century, D. José, in carved kingwood.

Pernas cortadas no tardoz e recorte no tampo para encaixe, formando, quando unidas, uma fabulosa mesa de centro. A decoração dos joelhos anteriores foi também criada a pensar na união de ambas as peças, resultando numa composição "rocaille" una e complementar. Segundo a opinião de alguns a origem do nome de mesas de encostar ou de encosto, não provém do encosto à parede mas sim do encosto uma à outra. Para peças semelhantes consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, págs. 89 a 95.

Interior de uma gaveta em ambas as mesas, com estampilhas: "Uma das mesas de encostar de meiados do seculo XVIII, pertencente ao Capitão-Mór da cidade de São Paulo, Francisco Salles ou Chico Salles, como é chamado. (As duas mezas unidas formam uma de centro)". Fundo de uma das mesas com estampilha de colecção: "92 Mesa (2 gavetas) Octales".

€ 200.000 / € 300.000

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto destas mesas de encostar, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento.

No caso deste par de mesas de encostar destacamos a qualidade da talha, executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Ao observar estas peças, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras que são majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-as de um carácter intelectual e cuidado.

Proveniência: Antiga Colecção Octales Marcondes Ferreira, São Paulo – Brasil e Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

149

Raro par de terrinas com tampa em forma de galo em faiança portuguesa, fabrico de Lisboa, Fábrica de Cerâmica Constância, da autoria de Wenceslau Cifka, séc. XIX. Decoração realista policroma em tons de rosa, amarelo, verde, vinoso, preto e ocre sobre esmalte estanífero branco. Ambas as peças marcadas na base sendo uma a azul e outra a vinoso. Ambas as peças com pequenos restauros nas pontas das cristas e um com pequeno restauro na ponta da cauda.
Alt.: 39,7 cm.; Comp.: 43,5 cm.

Cock modelled pair of tureens with cover in portuguese ceramic, 19th century.

Para marcas semelhantes ver "Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelana Portuguesas", Editora Estar, marcas nos 99 a 101, pág.44. Um par de peças idênticas pertencentes ao espólio da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva figuraram na exposição "Cifka Obra Cerâmica", Museu Nacional do Azulejo, 1993-1994, e encontram-se ilustradas no respectivo catálogo com o nº 7, págs. 46; as mesmas peças também figuram no catálogo "Fundação Ricardo do Espírito Santo", Lisboa 1999, págs. 182-183. Estas peças eram do espólio de S.M. El-Rei D. Fernando, integraram o leilão dos bens mobiliários provenientes da herança de D. Fernando, 1892, foram oferecidas pela Condessa de Farrobo à Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva.

Proveniência: Antiga colecção dos Condes de Sabrosa.

€ 30.000 / € 50.000

150

SALINAS, Juan Pablo Salinas (1871-1946)

Mercado de rua
Óleo sobre madeira
Assinado e com indicação de Antiroti Corrado Roma
Dim.: 25 x 33 cm.

Juan Pablo Salinas, 19/20th century, oil on board.

€ 30.000 / € 50.000

Juan Pablo Salinas Teruel, passou a maior parte da sua juventude e adolescência em Madrid, onde estudou na Escola de Belas Artes San Fernando. Em 1886 partiu para Roma, indo juntar-se ao seu irmão Augustin Salinas, que também era pintor, Juan acabaria por viver praticamente toda a sua vida na capital italiana. Ambos fizeram parte da colónia de artistas espanhóis a viver em Itália. Juan estudou no Circulo Internacional de Belas Artes e na Academia Chigi. Em 1887 os irmãos enviaram trabalhos para Exposição Nacional em Madrid. Juan também expôs nos Salões Roger em Paris. O trabalho de Juan Pablo era imensamente popular entre os coleccionadores e os comerciantes e em 1892 a revista "Illustration Artística", reproduziu uma das suas obras intitulada Primavera. Juan Pablo Salinas pintou cenas de género, à maneira do séc. XVIII, em ambientes luxuosos, interiores de igrejas e cenas da vida popular, espanhola e italiana. Era particularmente admirado pelo seu rico colorido, minucioso detalhe e trabalho de pincel. Ao longo da sua vida foi um ávido coleccionador de mobiliário e antiguidades, que usava como elemento decorativo dos seus trabalhos. Em muitas ocasiões as suas duas filhas, Leila e Consuelo, actuaram como modelos. Veio a morrer em Roma em 1946.

151

Molheira em forma de elmo invertido em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com ricos esmaltes em tons de lilás e da familia rosa representando duas reservas com cena galante de figuras europeias segundo gravura francesa de Cl.Duflos denominada "La troupe des Grâces vous suit et le tendre Amour vous conduit. Heureux couple d'Amants, avec leur assistance vous trouverez bientot l'isle de jouissance", pequenos arranjos florais envolvendo as reservas. Reinado de Qianlong cerca de 1770.
Alt.: 14 cm.

Chinese export famille rose milk jug, Qianlong period, circa 1770

Um prato com a mesma decoração encontra-se ilustrado em "La Porcelaine des Compagnies des Indes a décor Occidental" de François et Nicole Hervoüet e Yves Bruneau, pág. 161, fig. 7.57 bem como um covilhete e a respectiva gravura francesa, pertencentes à colecção Ricardo Espirito Santo Silva, encontram-se ilustrados em "Porcelana da China ao gosto europeu" de Ricardo Espirito Santo Silva, J.A. Lloyd Hyde e Eduardo Malta, págs. 38 e 39 .

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 400 / € 600

152

Rara escultura de galo em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração realista com ricos esmaltes em tons de "rouge de fer" , lilás, castanho, dourado, preto e da familia rosa, galináceo de pé com a cabeça virada para o lado esquerdo e a pata direita encolhida sobre uma rocha em tons de azul e castanho, penas da cauda levemente incisas e com rica policromia, crista e barbelas em relevo, pupilas dos olhos a negro. Reinado de Qianlong cerca de 1730-1750. Pequeno restauro na crista.
Alt.: 15,8 cm.

Cockerel, export porcelain modelled figure, Qianlong Period, circa 1730-1750

As esculturas de animais em porcelana, nomeadamente de pássaros, no séc. XVIII eram muito procuradas, sendo as suas características muito ao gosto europeu. Procurava-se uma reprodução realista dos animais tentando obter o tamanho real, este de reduzidas dimensões é bastante raro por isso. Peças semelhantes mas com dimensões superiores, encontram-se ilustradas em publicações estrangeiras como "China for the West" de David S. Howard e John Ayers, vol. II, pág. 584, fig. 606, "Copeland Collection - Oriental Porcelain Frivolities", pág. 174 proveniente da colecção dos Duques de Palmela.

€ 4.000 / € 6.000

153

Importante lavanda e gomil em prata brasileira, trabalho da 1.ª metade do séc. XVIII. Lavanda de formato elíptico com gravação de motivos "rocaille", concheados, enrolamentos e motivos vegetalistas, aba com os mesmos motivos repuxados e cinzelados. Gomil reproduzindo os mesmos motivos da lavanda, com bico largo e mascarão aplicado na parte inferior, bordo recortado e asa perdida em C. Marca de contraste do ensaiador do Rio de Janeiro (BR-33) em uso na 1ª metade do séc. XVIII e possivelmente ainda finais do séc. XVII. Marca de ourives C.I.D. (BR-88) em uso na 1ª metade do séc. XVIII. Sinais de uso.
Comp. lavanda: 56 cm.; Alt. gomil: 32 cm.; Peso: 4020 grs.

Important basin and ewer in brasilian silver, early 18 th. century.

Para peças com o mesmo modelo e decoração semelhante, ver "O ofício da prata no Brasil, Rio de Janeiro" Studio HMF, Franceschi, Humberto M., Rio de Janeiro, 1988, pág. 183 a 185.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 25.000 / € 35.000

154

Importante mesa pé-de-galo D. José, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado. Tampo de forma circular, de rebater, com fundo plano e rebordo recortado, moldurado e entalhado, ornado com volutas em forma de "C" ondulado. Este elemento é intercalado por elaborada composição de elementos vegetalistas e concheados e por elemento concheado mais simples, ligados entre si por grinaldas de flores. Esta decoração segue o modelo da decoração repuxada e gravada dos grandes tabuleiros e salvas em prata da mesma época. Assenta sobre coluna central torneada lisa, decorada no remate inferior com motivos vegetalistas e volutas, terminado em três pernas galbadas, equidistantes, decoradas nos joelhos com motivos "rocaille" e nos pés com palmetas. Restauro num pé. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 70 cm.; Diam.: 73,5 cm.

Important tilt top table, 18th century D. João V/D. José in carved kingwood.

Em nossa opinião trata-se de um dos melhores exemplares em qualidade artística, para este tipo de mesa, por nós observado. Para peças semelhantes, embora não tendo uma decoração tão elaborada, consultar: Museu Nacional de Arte Antiga, inv. 808 Mov.; Museu de Lamego, inv. 491; PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 98, cat. 31; Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga, séc. XV/XVIII, Lisboa, 1979, pág. 100, cat. 60. O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta mesa pé-de-galo, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. No caso desta peça, destacamos a talha de elevada qualidade, executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Ao observar esta peça, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras em tudo majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-a de um carácter intelectual e cuidado. Por outro lado, é interessante notar que esta tipologia nasceu e desenvolveu-se a par das exigências criadas pelo aumento de consumo de chá.

€ 30.000 / € 50.000

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta cómoda-papeleira, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. No caso desta cómoda-papeleira destacamos a sua talha baixa e fina, por muitos intitulada "talha de ourivesaria" ou de "ourives", executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Mais chamamos a atenção para a forma reduzida em escala, de uma cómoda-papeleira de tamanho real, em contraste com a maioria deste tipo de móveis miniatura que nem sempre reproduzem as proporções certas das peças que pretendem reduzir. Ao observar esta peça, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras que, apesar da escala, são majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-a de um carácter intelectual e cuidado.

155

Rara e importante Prova de Exame, miniatura de cómoda-papeleira D. José, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado, com três gavetões a toda a largura e tampo de rebater. Caixa com frente ondulada no plano horizontal, interrompida por duas quebraduras. Ilhargas com curvatura subtil, abrindo na direcção do tardoz. Cantos dianteiros chanfrados, terminando em pés cantonais espatulados. Escritório ligeiramente recuado em relação à caixa, com tampo rematado em três faces por moldurado. Fábrica com três gavetas encimadas por quatro escaninhos possuindo, ao centro, nicho finamente recortado e entalhado com a denominada "talha de ourivesaria" ou de "ourives", representando motivos "rocaille", volutas e elementos vegetalistas estilizados. Frente ondulada, animada por duas quebraduras verticais que interrompem a curvatura, e com três gavetões de altura crescente em direcção à base, decorados com painéis almofadados, fortemente moldurados. Exterior do tampo decorado ao centro por exuberante talha fina representando composição "rocaille" formada por concheados, volutas e elementos vegetalistas estilizados, envolto por duas molduras, sendo a interior decorada nos quatro cantos por elemento "rocaillesco" e a exterior lisa. Ilhargas com painéis almofadados, sendo os cantos em quarto de círculo, ornamentados com motivos "rocaille" em talha fina. O remate da ilharga a toda a altura é formado por outras almofadas muito salientes e estreitas. Cantos dianteiros decorados com pilastras vazadas, em forma de volutas protuberantes, rematadas por florões "rocaille" e enrolamentos vegetalistas estilizados em talha fina, terminando em pés enrolados na extremidade, com "asas" recortadas, ornamentados com motivos "rocaille". Base é moldurada, ondulada e recortada, tal como o rebordo do tampo da cómoda, que constitui o corpo inferior. Ferragens em bronze dourado, de fabrico posterior, sendo os espelhos das fechadura e dos puxadores (fixos) recortados e ornamentados com motivos "rocaille"; nas gavetas da fábrica, pequenos puxadores em madeira torneada. Alguns restauros. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 72,5 cm.; Larg.: 90 cm.; Fundo: 43 cm.

Rare and very important D. José Portuguese miniature chest of drawers/writing desk, 18th century, in carved jacarandá/kingwood.

€ 40.000 / € 60.000

Em nossa opinião, esta peça poderá tratar-se de uma prova de exame. Este tipo raro de peças surgem porque os ofícios estavam regulamentados com regras rígidas e bem definidas e, se um oficial pretendesse passar a mestre, trabalhar por conta de obra e treinar aprendizes e, eventualmente, vir a empregar oficiais teria de, segundo o Regimento do Ofício de "Carpinteiro de Móveis e Sambragem" de 1767, prestar prova de merecimento e aptidão profissional executando uma miniatura de um móvel. As instituições museológicas que possuem os exemplos semelhantes que citaremos em seguida, também consideram essa hipótese para as suas peças. O Museu Nacional de Arte Antiga possui no seu acervo uma cómoda miniatura, (Inv. 1492 Mov.), proveniente da antiga Colecção Barros, Porto, vindo ilustrada in: Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 92, cat. 82. Para duas peças semelhantes, igualmente miniaturas, consultar: FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 130 a 133.

156

Rara cadeira de criança nobre ou "de principezinho", João V, do séc. XVIII, em madeira entalhada, com pintura de fingimento e dourada. Cadeira de braços de espaldar alto com os lados encurvando a partir da inserção com o assento. Espaldar em forma de violino, de cantos arredondados; cachaço entalhado e alteado ao centro; e tabela central cheia, muito recortada e entalhada. Braços abrindo ligeiramente a acompanharem a curva do aro, de extremidades enroladas em voluta, ultrapassando os seus apoios curvos, recuados e recortados, adossando lateralmente. Assento trapezoidal, com aro ondulado, cantos arredondados e com saiais recortados e entalhados, sendo o frontal especialmente desenvolvido. As quatro pernas curvas, de saída brusca, salientando-se logo abaixo do aro do assento. Joelhos largos de lados recortados, projectados na diagonal, adelgaçando em direcção aos pés e terminando em garra e bola. A peça apresenta-se profusamente decorada com talha alta e baixa introduzindo ligeiro movimento "rocaille", realçada a dourado, que aviva as arestas do espaldar, os perímetros superiores e inferiores do aro e prolongando-se pelos ângulos das pernas. Cantos do cachaço decorados com motivos florais e volutas; ao centro, feixe de plumas elaborado e vazado, de pontas enrolando em voluta e cartela com fundo estriado, enrolamentos vegetalistas e florais; tabela decorada ao centro com flor estilizada, moldurados curvos, flanqueada, em cima e em baixo, por dois remates em flor; base da tabela rematada por enrolamentos vegetalistas; linha interior do espaldar ornada em paldar, apresenta concheados.

Nas extremidades dos braços, apontamentos de folhagem e apoio dos braços curvos, em forma de "S", que se insere à estrutura do aro. Saiais laterais ornados com enrolamentos vegetalistas e saial frontal apresentando grande elemento concheado assimétrico ao centro. Aba decorada com friso de volutas em "C" e "S" que acompanham e sublinham o seu recorte, prolongando-se pelas pernas. Joelhos decorados com elemento vegetalista estilizado. Cadeira decorada também com interessante pintura de fingimento, simulando as madeiras exóticas escuras, de veios negros. Assento estofado a veludo em tons de verde. Espaldar reforçado no verso por elementos metálicos. Pequenos restauros.
Alt.: 109,5 cm.; Larg.: 45 cm.; Fundo: 42 cm.

Rare miniature chair, 18th century D. João V in carved, painted and gilt wood.

Em nossa opinião esta cadeira poderá ter sido executada para uma criança de casa nobre, normalmente denominadas de cadeiras "de principezinho". Para cadeira de dimensões normais mas com forma e decoração semelhantes, consultar: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 64; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Assento e Repouso, vol.I, FRESS, Lisboa, 2002, págs. 70, 80-81, 84-85; Triunfo do Barroco, Fundação das Descobertas/CCB, Lisboa, 1993, pág. 212, cat. II-9; Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 76, cats. 51 e 52.

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. Em relação a esta cadeira, interessa-nos o início destas transformações, com a estética do barroco joanino. A primeira metade do séc. XVIII assistiu a um crescente de exuberância tanto na forma como na decoração dos móveis, reflectindo um desejo de exuberância, aparência de riqueza e sumptuosidade. Tal traduziu-se num aumento da escala e do volume dos elementos esculpidos, muitas vezes realçados a ouro, aliado a um equilíbrio estético de cheios e vazios e no contraste de claro/escuro. Assim, apesar dessa exuberância, o móvel D. João V não deixa de ser equilibrado e original na sua abordagem estética.

Proveniência: Antiga Colecção do Comandante Ernesto Vilhena

€ 15.000 / € 25.000

157

Rara e importante bilha em prata, portuguesa, trabalho do séc. XVII. Corpo, segundo o modelo de faiança, liso com nervura em torno do bojo, ombro marcado por pequena diferença de nível, bocal largo, com moldura igual à que circunda a base, tampa em forma de cúpula achatada, com botão em pingo, unido por forte corrente a argola no topo da asa, esta é composta por dois elementos em forma de CC opostos. Marcada com "cabeça de velho", sem marcas de contraste ou ourives, mas atribuível a trabalho provavelmente português do séc. XVII. Sinais de uso e restauros antigos.
Alt.: 41.5 cm. Peso Aprox.: 2640 gr.

"Bilha" portuguese silver 17th. century.

É muito importante referir a raridade destas peças do séc. XVII, sendo o exemplar mais conhecido o que pertence à colecção Palmela (ver "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 119, item 140) e que se apresenta datado de 1682. Algumas semelhanças surgem entre estas duas peças, o botão da tampa, a corrente de segurança, o desenho do bocal e a forma do pescoço, para a nervura em torno do bojo, ver "Exposição de Arte Portuguesa em Londres, 800-1800, Royal Academy of Arts, Londres, 1955/1956, estampa K, onde surge uma peça portuguesa, da colecção da Sé de Évora, com a nervura em torno do bojo. Esta bilha é bem representativa do vigor e da inovação da ourivesaria portuguesa da época, como refere José Monterroso Teixeira, "A forma (da bilha) retoma, ..., um modelo de olaria popular que já no séc. XVI tinha igualmente contaminado a ourivesaria, fazendo aparecer o "cântaro dourado a cintas", in "Triunfo do Barroco", Fundação das Descobertas/Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1991, pág. 148. É curioso referir que nos inventários das igrejas só começam a surgir as Bilhas e as Bacias de Lava-pés, no séc. XVIII, quando o desenvolvimento do cerimonial litúrgico, faz surgir a produção de objectos indispensáveis ao serviço religioso. (JMT in op.cit. pág.148).

€ 50.000 / € 80.000

158

Importante par de tocheiros em prata portuguesa, trabalho do séc. XVIII. Corpo com base e fuste de secção triangular com motivos vegetalistas, volutas, folhas de acanto e concheados, o fundo de todas as secções é decorado a ponteado fino e grosso, fazendo um contraste mate/brilhante que realça a decoração. Assenta em três pés, sobre sapata, com enrolamentos e folhas de acanto, o espaço triangular entre os pés está preenchido com um medalhão liso envolto em enrolamentos e motivos vegetalistas. Base encimada por elemento arquitectónico semelhante a um "telhado", idêntico ao que aparece na Custódia da Bemposta pertencente à Sé de Lisboa, atribuída a João Frederico Ludovice (1670-1752) e que terá influenciado este ourives, tendo esta ao centro três folhas. O fuste, dividido em dois elementos principais, repete os motivos decorativos da base e é rematado por uma invulgar arandela, que partindo de um friso de folhas no topo do fuste, vai terminar num bordo de motivos vegetalistas e ferros de lança, ao centro surge o copo da vela envolto em outro friso de folhas. Marca de contraste de Lisboa (L-34) em uso de 1790 a 1795, marca de ourives .S./RJ (L-495) de Ricardo José de Sousa, activo de c. 1750 a c. 1804, interior com espigão e porca em ferro com soco em madeira. Sinais de uso, fissuras, soldaduras e restauros antigos.
Peso total da prata aprox.: 7620 gr.; Alt.: 71 cm.

Important pair of 18th century portuguese silver torcheres.

Para um par de tocheiros da mesma época e fabrico português ver "O oficio da prata no Brasil, Rio de Janeiro" Studio HMF, Franceschi, Humberto M., Rio de Janeiro, 1988, pág. 112 e 113.

€ 40.000 / € 60.000

159

Excepcional e raro tríptico em baixo relevo, representando Calvário Sino-português, do séc. XVI/XVII, em marfim, com caixilho integrado. Placa central representa cena de Jesus Cristo crucificado, a ser trespassado pela lança por um soldado romano; flanqueado por dois anjos que, assentes sobre nuvens, recolhem em três taças o sangue que jorra abundantemente das chagas de Jesus. De ambos os lados, estão representados os dois ladrões que foram crucificados com Ele. Na base da cruz, encontram-se Nossa Senhora, Maria Madalena e S. João Evangelista. Base com gruta, ostentando taça com tampa para os perfumes funerários e caveira. Ao fundo, representação de igreja e no céu, nuvens esculpidas à maneira chinesa tendo nos dois cantos, a representação do Sol e da Lua. Painel do lado esquerdo representando o Anjo e o Tobias, com demónio a seus pés. Painel do lado direito, com o Arcanjo S. Miguel, espetando a lança e espezinhando o demónio, segurando com a mão esquerda a Balança. Painéis laterais com representação de igrejas ao fundo e ambas as figuras encontram-se posicionadas ladeando árvores, representadas com ramos de folhas frondosas. Caixilho recortado e ondulado, decorado com moldurado de filetes duplos, gravados. Articulações de engonço em ouro e fecho em prata dourada, apresentando desgaste no dourado. Painel do lado esquerdo com pequena falha colada; falta de parte da lança do Arcanjo S. Miguel; e falta dos remates originais que ornariam a parte superior do tríptico.
Dim.: 19 x 10,5 cm.; Larg. Max.: 21,2 cm.

Exceptional, rare and unusual Sino-Portuguese triptych, in ivory, representing Christ crucified.

*Para placas do mesmo tipo, consultar: A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, págs. 132 a 135; TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Colecção presenças da imagem * Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, págs. 126 a 131; DIAS, Pedro, A Arte do Marfim, Pedro Bourbon de Aguiar Branco - V.O.C. Antiguidades, Porto, 2004, págs. 80-81 e 130-131; Da Flandres e do Oriente - Escultura Importada, Colecção Miguel Pinto, Casa-Museu Anastácio Gonçalves, Ministério da Cultura/IPM/FEDER/POC, 2002, págs. 174-175 Em nossa opinião, esta peça é baseada numa gravura flamenga, tendo sido reproduzida com grande fidelidade da fonte. Entre os muitos pontos de análise possível desta peça, chamamos a atenção para a sua qualidade escultórica, onde destacamos: a profundidade da escultura em que a composição ganha volume e expressão; o cuidado anatómico das figuras e expressões faciais; a invulgar representação das nuvens, esculpidas em discos justapostos para acentuar a ilusão de volume e de influência marcadamente chinesa; a representação naturalista dos jorros de sangue e das folhas das árvores. (16) Então entregou-lho para ser crucificado. Levaram, pois, consigo Jesus. (17) E, carregando às costas a cruz, saiu para o lugar chamado Crânio, que em hebraico se diz "Gólgota", (18) onde O crucificaram, e, com Ele, mais dois: Um de cada lado e Jesus no meio. (19) Pilatos escreveu também um letreiro e pô-lo no cimo da cruz. Nele estava escrito: "Jesus Nazareno, rei dos judeus". (20) Muitos dos judeus leram esse letreiro, porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade e o letreiro estava escrito em hebraico, grego e latim. (21) Disseram então os príncipes dos sacerdotes a Pilatos: "Não escrevas: "O rei dos judeus, mas Ele disse: "Eu sou o rei dos Judeus". (22) Pilatos respondeu: "O que escrevi, está escrito". (23) Tendo os soldados crucificado Jesus, tomaram as Suas vestes - de que fizeram quatro partes uma para cada soldado - e também a túnica. A túnica, toda tecida de alto a baixo, não tinha costura. (24) Disseram uns aos outros: "Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será". Assim se cumpriu a Escritura: "Repartiram entre si as Minhas vestes e sobre Minha túnica deitaram sortes". Assim fizeram, pois, os soldados. (S. João 19, 16-24).*

€ 30.000 / € 50.000

160

Par de consolas com raras pernas em forma de figuras masculinas, Indo-portuguesas, em ébano, teca, marfim ou osso, e outros materiais, provenientes de um contador Indo-português do séc. XVII. As figuras representam homens selvagens, apresentando-se de pé, de braços levantados em posição de sustentar o tampo, cobertos na cintura por folhas, de pés descobertos e assentes sobre plintos quadrangulares. Caras em marfim ostentando longas barbas, e corpos cobertos de quadrifólios bicolores em marfim e teca. Tampos do séc. XIX, com decoração inspirada nas pernas. Pequenos defeitos.
Alt.: 77,1 cm.; Larg.: 112,2 cm.; Fundo: 31,5 cm.

Pair of console tables with rare Indo-Portuguese 17th century figure shaped legs.

O Palácio do Correio Velho vendeu em Abril de 1992 um contador com pernas semelhantes (lote 137). Para peça com suportes semelhantes, consultar: Colecção Abel de Lacerda, Museu do Caramulo/Fundação Abel de Lacerda, Caramulo, 2003, pág. 158 - 161.

€ 8.000 / € 12.000

161

Seguidor de Quentin Metsys, oficina anónima de Antuérpia, 2º quartel do séc. XVI
Deposição de Cristo no Túmulo
Óleo sobre carvalho
Dim.: 46.5 x 73 cm.

Follower of Quentin Metsys, anonimous workshop in Antwerp, 2 quarter 16th century.

Este tipo de composição e representação revela influências da obra de Quentin Metsys ou da sua oficina. Esta obra pode dividir-se em três cenas ou núcleos, o central e mais importante representa o momento da deposição de Cristo morto no túmulo, as figuras representadas são; Cristo morto, João de Arimateia, S. João Evangelista, Nossa Senhora, o arcanjo S. Miguel, uma Santa Mulher, o arcanjo S. Gabriel, outra Santa Mulher, o arcanjo S. Rafael, Nicodemos, outra Santa Mulher, e S. Maria Madalena, em primeiro plano surge a coroa de espinhos, instrumento da Paixão. No núcleo do lado direito surge a representação fantasiosa de Jerusalém, sendo reconhecível a cúpula do Templo, os rochedos em fundo são comuns nas pinturas da época. O núcleo do lado esquerdo é talvez o mais invulgar pois apresenta uma procissão de anjos no monte do Calvário, passando pelas três cruzes e encaminhando-se para a cena central, liderada por dois anjos agitando turíbulos. Os arcanjos estão identificados através de inscrições na fímbria dos seus mantos. Moldura em carvalho entalhado e pintado. Etiqueta antiga colada no verso. O Palácio do Correio Velho agradece a colaboração do Dr. José Alberto Seabra, na catalogação deste lote.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 8.000 / € 12.000

162

Rara salva em prata dourada portuguesa, trabalho do final do séc. XV, D. João II/D. Manuel I. Corpo com decoração repuxada e cinzelada de motivos vegetalistas, preenchendo o centro e a aba, separados por faixa de meia cana lisa, rematada por perlados, que se repete no bordo, o medalhão central é totalmente preenchido por uma planta florida. Vestígios no verso de ter tido um pé central. Marcas de contraste do Porto (P-02) em uso na 2ª metade do séc. XV, marca do Juiz do ofício da prata e marca de ourives. Remarcado com a marca de importação francesa, "cabeça de Minerva" batido sobre bigorna gravada, em uso no séc. XIX/XX. N.º 11 gravado no exterior do bordo. Sinais de uso, gastos no dourado, pequenas fissuras no corpo e no bordo.
Peso Aprox.: 475 gr. Diam.: 24.7 cm.

Rare silvergilt 15th century Portuguese salver.

É de realçar a excepcional qualidade de repuxado e cinzelado desta peça que apresenta características de decoração tardo-medievais, anteriores às influências dos Descobrimentos Portugueses. O facto de só apresentar elementos vegetalistas torna-a extremamente rara. Até ao momento não nos foi possível localizar outra salva idêntica na sua totalidade, esta peça só é comparável com zonas de outras, para comparação, ver; "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 129, item 155; op. cit. pág. 212, item 289. Por outro lado o Palácio do Correio Velho, vendeu em Novembro de 2004 uma salva de Lisboa da mesma época com uma decoração de motivos vegetalistas e animais.

No séc. XV e devido à pratica de fraudes e falsificações a confraria de ourives requer a D. Afonso V a criação de um sistema de verificação de qualidade das peças de prata comercializadas no reino, assim em Novembro de 1460, é criado o sistema inicial de contrastarias, que ordenava que quem "...prata nova lavrar, de qualquer maneira e lavor que seja, em que haja esmalte e vasas, que faça e ponha as ditas vasas de prata de onze dinheiros e as faça marcar da marca da dita Cidade". Neste sistema as peças são verificadas por representantes das cidades onde as peças são executadas, o ensaiador ou contraste da cidade, verifica a qualidade da liga em que a peça é feita, e o Juiz do Ofício, representante dos ourives que controla a qualidade de execução do objecto, de acordo com as normas da confraria. As peças apresentam três marcas, pois além dos verificadores atrás referidos também o ourives batia a sua marca, sendo o primeiro a colocá-la.

€ 100.000 / € 150.000

163

Importante bule em prata espanhola, trabalho do final do séc. XVIII. Corpo em forma de pêra invertida, inteiramente decorado com canelados largos, que se prolongam desde a tampa até ao fundo, assente sobre três pés de sapata, com concheados e volutas. Bico com os mesmos canelados e enrolamentos, botão da tampa em forma de pinha, asa em madeira entalhada. Executado em Madrid no final do séc. XVIII, sem marca de cidade, marca de ourives ALCO/LEA, de Martin de Alcolea, de Madrid activo apartir de 1790. Remarcado com marcas de garantia e ourives portuguesas do Porto (P-45 ou variante) em uso 1853 a 1861, marca de ourives APC (P-166) da mesma época, possivelmente por motivo de reparação. Sinais de uso, fissura na tampa, restauro antigo junto à charneira.
Alt.: 19 cm. Peso Aprox.: 1075 gr.

Spanish, late 18 th century silver teapot.

Bibliografia sobre as marcas de ourives "Enciclopédia de la Plata Española y Virreinal Americana", Alejandro Fernández et al., Edición de los Autores, Madrid, 1984, pág. 274.

€ 3.500 / € 5.000

164

Importante cafeteira em prata espanhola, trabalho do final do séc. XVIII. Corpo em forma de pêra alta, inteiramente decorado com canelados largos, que se prolongam desde a tampa em forma de cúpula, até ao centro do fundo, assente sobre três pés com enrolamentos, concheados e volutas. Bico com os mesmos canelados e enrolamentos. Botão da tampa em forma de pinha em madeira entalhada. Asa com primoroso trabalho de talha. Executado em Madrid no final do séc. XVIII, sem marca de cidade, marca de ourives ALCO/LEA, de Martin de Alcolea, de Madrid activo apartir de 1790. Sinais de uso.
Alt.: 31 cm. Peso Aprox.: 1440 gr.

Spanish, late 18 th century silver coffeepot..

Bibliografia sobre as marcas de ourives "Enciclopédia de la Plata Española y Virreinal Americana", Alejandro Fernández et al., Edición de los Autores, Madrid, 1984, pág. 274.

€ 5.000 / € 8.000

165

Terrina com tampa e travessa em porcelana chinesa da Companhia Indias. Decoração com esmaltes em tons de azul, "rouge de fer" e dourado representando paisagem com casas, castelo com ameias e árvore de frutos, aba com friso de folhagem pintada a ouro, 3º serviço do Conde de Itamaraty. Reinado de Xianfeng. Algum desgate no dourado, falhas minímas no vidrado do bordo da travessa e pequena falha no bordo do botão da tampa.
Travessa - Comp.: 38 cm.; Terrina - Comp.: 35,5 cm.; Alt.: 28,5 cm.

Chinese export armorial tureen with cover and stand with brazilian coat of arms - Xianfeng period (1851-1861).

Conde de Itamaraty, Francisco José da Rocha, 2º Barão, Visconde e Conde de Itamaraty no Brasil, por decretos de 25 de Março de 1854, 17 de Julho de 1872 e 17 de Outubro de 1882, nasceu em São Pedro de Miragaia, Portugal, em 12 de Fevereiro de 1806 e morreu no Rio de Janeiro em Julho de 1883, filho do 1º Barão de Itamaraty. Foi negociante na corte, grande capitalista e proprietário, desempenhou diversas funções junto da Família Imperial sendo por isso agraciado com as honras de Moço da Imperial Câmara, Fidalgo-Cavaleiro da Casa Imperial e Veador Honorário da Casa Imperial. Casou com Maria Romana Bernardes da Rocha, filha do Comendador Pedro José Bernardes. Depois de viúva a Condessa de Itamaraty foi elevada a Marquesa por decreto de Junho de 1887. Peças do mesmo serviço encontram-se ilustradas em "A Porcelana da Companhia das Índias nas colecções particulares brasileiras" de Jorge Getulio Veiga, págs. 229-232.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

€ 4.000 / € 8.000

166

Par de travessas ovais em porcelana chinesa da Companhia Indias. Decoração com esmaltes em tons de azul, "rouge de fer" e dourado representando paisagem com casas, castelo com ameias e árvore de frutos, aba com friso de folhagem pintada a ouro, 3º serviço do Conde de Itamaraty. Reinado de Xianfeng. Uma com gastos no dourado do friso da aba e a outra com total falta de dourado na decoração da aba.
Comp.: 41,3 cm.;

Pair of Chinese export armorial oval dishes with brazilian coat of arms - Xianfeng period (1851-1861).

Conde de Itamaraty, Francisco José da Rocha, 2º Barão, Visconde e Conde de Itamaraty no Brasil, por decretos de 25 de Março de 1854, 17 de Julho de 1872 e 17 de Outubro de 1882, nasceu em São Pedro de Miragaia, Portugal, em 12 de Fevereiro de 1806 e morreu no Rio de Janeiro em Julho de 1883, filho do 1º Barão de Itamaraty. Foi negociante na corte, grande capitalista e proprietário, desempenhou diversas funções junto da Família Imperial sendo por isso agraciado com as honras de Moço da Imperial Câmara, Fidalgo-Cavaleiro da Casa Imperial e Veador Honorário da Casa Imperial. Casou com Maria Romana Bernardes da Rocha, filha do Comendador Pedro José Bernardes. Depois de viúva a Condessa de Itamaraty foi elevada a Marquesa por decreto de Junho de 1887. Peças do mesmo serviço encontram-se ilustradas em "A Porcelana da Companhia das Índias nas colecções particulares brasileiras" de Jorge Getulio Veiga, págs. 229-232.

€ 1.000 / € 2.000

167

Par de travessas peixeiras, ovais, sendo uma com grelha, em porcelana chinesa da Companhia Indias. Decoração com esmaltes em tons de azul, "rouge de fer" e dourado representando paisagem com casas, castelo com ameias e árvore de frutos, aba com friso de folhagem pintada a ouro, 3º serviço do Conde de Itamaraty. Reinado de Xianfeng. Uma travessa com falta de decoração dourada na aba, uma travessa com cabelos e falta de dourado na aba, grelha com falta da decoração a dourado.
Travessa - Comp.: 41,6 cm.; Grelha - Comp.: 33,3 cm.;

Pair of Chinese export armorial «poissoniére» dishes with brazilian coat of arms - Xianfeng period (1851-1861).

Conde de Itamaraty, Francisco José da Rocha, 2º Barão, Visconde e Conde de Itamaraty no Brasil, por decretos de 25 de Março de 1854, 17 de Julho de 1872 e 17 de Outubro de 1882, nasceu em São Pedro de Miragaia, Portugal, em 12 de Fevereiro de 1806 e morreu no Rio de Janeiro em Julho de 1883, filho do 1º Barão de Itamaraty. Foi negociante na corte, grande capitalista e proprietário, desempenhou diversas funções junto da Família Imperial sendo por isso agraciado com as honras de Moço da Imperial Câmara, Fidalgo-Cavaleiro da Casa Imperial e Veador Honorário da Casa Imperial. Casou com Maria Romana Bernardes da Rocha, filha do Comendador Pedro José Bernardes. Depois de viúva a Condessa de Itamaraty foi elevada a Marquesa por decreto de Junho de 1887. Peças do mesmo serviço encontram-se ilustradas em "A Porcelana da Companhia das Índias nas colecções particulares brasileiras" de Jorge Getulio Veiga, págs. 229-232.

€ 1.000 / € 2.000

168

Escultura em basalto representando cadela, do séc. XVIII/XIX. A figura encontra-se na posição de sentada, ligeiramente inclinada sobre o lado direito. Assente sobre base moldada de formato rectangular.
Alt.: 44 cm.; Comp.: 55 cm.

Dog figure, 18/19th century, basalt sculpture.

€ 10.000 / € 15.000

169
Raro prato em faiança portuguesa, fabrico de Lisboa, 1º quartel do séc. XVII. Decoração a azul com inspiração na porcelana chinesa dinastia Ming, Reinado de Wanli, tendo ao centro vista de jardim com dois leões correndo numa paisagem exótica, aba com profusa decoração seccionada em oito reservas decoradas alternadamente com arranjos florais e leques, separadas entre si por colunelos com flores e contas. Tardoz decorado com pequenas flores. Pequenas falhas no vidrado do bordo, cabelos consolidados e falha no frete.
Diam.: 39,8 cm.

Plate in blue and white faience, 17th century

Para peças com o mesmo tipo de decoração ver o catálogo "A Influência Oriental na Cerâmica portuguesa do séc. XVII", Museu Nacional do Azulejo, Lisboa Capital Europeia da Cultura - 94, pág. 61, peça 7 e pág. 107, fig. 60.

€ 8.000 / € 12.000

170
Raro prato em faiança portuguesa, fabrico de Lisboa, 2º quartel do séc. XVII. Decoração a azul com inspiração na porcelana chinesa dinastia Ming, Reinado de Wanli, tendo ao centro composição com vista de jardim com cerca, rochedo, gazela e elementos vegetalistas, aba com profusa decoração seccionada em oito reservas alternadas de elementos vegetalistas e leques separadas. Tardoz decorado com filetes e contas. Cabelos e pequenas falhas no bordo consolidadas.
Diam.: 37,2 cm.

Plate in blue and white faience, 17th century

Um prato idêntico encontra-se ilustrado no catálogo "La faïence européenne au XVIIéme siécle - Le triomphe de Delft", Musée Nacional de Céramique, Sévres, 20 Nov. 2003-16 Fev. 2004, pág. 133, cat. 20, para outras peças com o mesmo tipo de decoração ver o catálogo "A Influência Oriental na Cerâmica portuguesa do séc. XVII", Museu Nacional do Azulejo, Lisboa Capital Europeia da Cultura - 94, pág. 61, peça 7.

€ 8.000 / € 12.000

171

Raríssimo aquamanil com forma de sereia em faiança portuguesa, primeira metade do séc. XVII. Profusa decoração em tons de azul representando elementos vegetalistas, "escamas", enrolamentos, contas, estrelas e duas carrancas, tudo isto simulando a vestimenta estilizada da figura. Peça moldada e modelada, forma de sereia com seios femininos, cabeça de cão e cauda de peixe enrolada terminando junto à cabeça formando a pega.
Alt.: 24,5 cm.

Extremely rare aquamanil siren in polychrome faience, 1st half 17th century.

No verso Ex-Libris da colecção Conde de Ameal.

Os Aquamanis, tipologia inspirada no renascimento italiano, são reproduzidos em faiança portuguesa durante o segundo quartel do séc. XVII, sendo conhecidos alguns com policromia em tons de azul e amarelo, ver o catálogo da exposição "A Influência Oriental na Cerâmica portuguesa do séc. XVII", Museu Nacional do Azulejo, Lisboa Capital Europeia da Cultura - 94, pág. 106, fig.: 59, e também "Faiança Portuguesa da Fundação Carmona e Costa" de Alexandre Nobre Pais e João Pedro Monteiro, págs. 56 a 61. A função de um aquamanil poderá corresponder à mesma de um gomil. O facto de ter um tamanho reduzido e portanto pouca capacidade para armazenar o liquido, indicará que o mesmo a ser guardado seria precioso e raro, a forma de animal fantástico ou de cão poderá indicar a sua preciosidade sendo necessário ser "guardado" por um «animal de guarda».

Proveniência: Colecção dos Condes do Ameal

€ 40.000 / € 60.000

172

Raro prato em faiança portuguesa, fabrico do 3º quartel do séc. XVII. Decoração do tipo aranhões em tons de azul e vinoso tendo ao centro vista de jardim com plantas exóticas e figura de cavaleiro da época trajando calções, capa, chapéu de abas. Aba decorada com motivos de "aranhões" alternados com arranjos florais com pêssegos. Pequenos cabelos.
Diam.: 40,5 cm.;

Rare plate in polychrome faience, 17th century

No verso Ex-Libris da colecção do Conde de Ameal, etiqueta antiga da colecção Ernesto Vilhena e com o nº 0704 da colecção Maldonado Freitas. Para peças semelhantes ver o catálogo "A Influência Oriental na Cerâmica portuguesa do séc. XVII", Museu Nacional do Azulejo, Lisboa Capital Europeia da Cultura - 94, pág. 139, fig.: 105, o catálogo "La faïence européenne au XVIIéme siécle - Le triomphe de Delft", Musée Nacional de Céramique, Sévres, 20 Nov. 2003-16 Fev. 2004, pág. 135, fig.: 88, bem como o catálogo "Faiança portuguesa da colecção Carmona e Costa" de Alexandre Nobre Pais e João Pedro Monteiro, págs.: 80 a 95, peças 14 a 19.

€ 6.000 / € 10.000

173

Conjunto de seis miniaturas sobre cobre, do final do séc. XVII, representando figuras femininas e masculinas trajando à época. Representando membros da Familia Manoel, família dos Condes de Atalaya, antepassados dos Marqueses de Tancos. Repintes. (6)
Dim.: 5 x 4 cm. (cada)

Six miniatures, oil on copper, late 17th century, Portuguese.

Familia Manoel, Condes de Atalaya, antepassados dos Marqueses de Tancos, 5° Conde de Atalaia D. Pedro Manoel de Ataíde (1646-1722), 6° Conde de Atalaia e 1° Marquês de Tancos, D. João Manoel de Noronha, (1679-1761).

Com molduras modernas.

Proveniência: Colecção dos Condes de Atalaya e dos Marqueses de Tancos

€ 3.000 / € 5.000

174

Importante mesa de encostar D. José, do séc. XVIII, em pau-santo entalhado, com duas gavetas. Tampo recortado e emoldurado, acompanhando a ondulação da caixa na frente e ilhargas, com duas quebraduras na frente. Frente das gavetas lisas, decoradas com friso emoldurado. Decoração de fina talha "rocaille" representando enrolamentos vegetalistas estilizados e volutas, com especial relevo no pequeno saial frontal e nas paredes das ilhargas, sendo estes rematados por frisos de volutas. Pernas de suave encurvamento, terminando em pés de cachimbo. Ferragens recortadas e vazadas, com decoração "rocaille". Fecharias substituídas. Pequenas faltas e defeitos. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 82 cm.; Larg.: 113,5 cm.; Fundo: 57 cm.

Important side-table, Portuguese 18th century, D. José, in carved kingwood.

€ 50.000 / € 80.000

Pernas cortadas no tardoz e recorte no tampo para encaixe do par desta mesa, que formariam, quando unidas, uma mesa de centro. Para peças semelhantes consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, págs. 89 a 95.

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta mesa de encostar, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. No caso desta mesa de encostar destacamos a qualidade da talha, executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Ao observar esta peça, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras que são majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-a de um carácter intelectual e cuidado.

175

Raro e excepcional conjunto de seis cadeiras D. José, do séc. XVIII, em pau-santo entalhado, com assentos em couro lavrado. Espaldares de influência inglesa, do tipo "violoné", moldurado, de lados reentrantes e cantos arredondados, com cachaço recortado e entalhado. Tabela central, cheia, recortada em forma de balaústre. Assento trapezoidal; aro com frente e ilhargas onduladas e recortadas; e pernas curvas, terminando em pés de cachimbo. Decoração de motivos "rocaille" finamente entalhados, de expressão mais ou menos profunda, representando volutas e enrolamentos vegetalistas estilizados contrapostos, formando frontão onde se insere motivo de feixe de plumas muito estilizado. Aba de recorte pronunciado ao centro, representa motivo "rocaille", concheados e elementos vegetalistas estilizados. Cintura e pernas percorridas a toda a volta, no recorte inferior, por friso moldurado representando volutas alongadas e pontualmente quebradas, terminando em enrolamentos nos pés dianteiros. Joelhos lisos, percorridos por friso cantonal relevado, com galbo pronunciado, salientando-se, logo após a linha da cintura, afilando e terminando no pé. Couros lavrados, representando cartela central preenchida por motivo de losangos de textura alternada, envolto por volutas em "C", "S", cocheados, elementos vegetalistas estilizados, sobre fundo de treliça. Travamento em forma de X ondulado. Peças em excepcional estado de conservação tanto estrutural como a nível dos couros, apresentando pequenos defeitos. Bonita vergada da madeira e boa patine antiga.
Alt.: 108,5 cm.; Larg.: 60 cm.; Fundo: 46 cm.

Rare and exceptional D. José, 18th century, set of six chairs in carved jacaranda/kingwood and fine leather.

Para peças semelhantes consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 81, cat. 21; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Assento e Repouso, vol.I, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 95 e 104; catálogo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 68- Inv. 82.

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto deste conjunto de cadeiras, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. Neste caso destacamos a qualidade da talha de grande finura e expressão, executada com mestria e arte, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Mais chamamos a atenção para a forma das cadeiras, claramente de excepcional equilíbrio e desenho. Ao observar estas peças é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das linhas mestras que transformam a matéria rígida do pau-santo, em algo de grande leveza e suavidade, bem como no carácter vivo e plástico da talha, dotando-as de um carácter quase orgânico, vivo e palpitante.

€ 50.000 / € 80.000

176

Importante e invulgar cómoda D. José, do séc, XVIII, em pau-santo entalhado, embutidos em pau-rosa e buxo, com duas gavetas e um gavetão. Tampo recortado, acompanhando as linhas da caixa, decorado a toda a volta com friso embutido em forma de espinha e com rebaixo. Caixa com frente animada por ondulação quebrada verticalmente em dois pontos, formada por vincos profundos e atravessando todas as superfícies desde o tampo, frente das gavetas e saial. Forma das frentes das gavetas acompanham a curvatura da caixa e são decoradas com o motivo embutido do tampo. Saiais decorados ao centro por composição "rocaille" com concheados e volutas e rematados por frisos terminando em enrolamentos. Cantoneiras ornadas com elementos florais e joelhos com cartela "rocaille", flores e volutas, terminando em pés de cachimbo rematados por elementos vegetalistas. Ilhargas abauladas, repetindo o moldurado em espinha do tampo e das frentes das gavetas, tendo ao centro embutido representando motivos vegetalistas amarrados por laço. Ferragens com motivos "rocaille", substituídas. Alguns restauros, faltas e pequenos defeitos.
Alt.: 98 cm.; Larg.: 126 cm.; Fundo: 70 cm.

Important and unusual chest-of-drawers, Portuguese, D. José, 18th century, in carved kingwood.

Esta peça vem ilustrada in: NÓBREGA, José Claudino da, Memórias de um Viajante Antiquário, Raízes, São Paulo - Brasil, 1984, págs. 34 e 35.

Proveniência: Antiga Colecção Octales Marcondes Ferreira, São Paulo – Brasil e Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 200.000 / € 300.000

177

Escola Chinesa - Macau, do séc. XVIII

Raro e invulgar retrato do 1º Marquês de Pombal - Sebastião José de Carvalho e Melo
Segundo original de Louis Michel van Loo (1707-1771) de 1766
Pintura policromada e dourada sob vidro
Não assinado
Dim.: 62,5 x 78 cm.

Chinese export under glass painting for the Portuguese market, 18th century, Portrait of the first Marquês of Pombal - Sebastião José de Carvalho e Melo.

Esta obra foi realizada na China a partir da gravura aberta a buril de J. Beauvarlet (1731-1797), executada em 1772, segundo o óleo sobre tela de autoria de Louis Michel van Loo (1707-1771), datado de 1766. Em relação ao original existem pequenas diferenças a nível das cores, sendo perfeitamente natural pois nem sempre as gravuras eram coloridas e, mesmo quando o eram, podiam não ser fieis em relação ao original; e na interpretação dos caracteres do alfabeto romano nas inscrições dos mapas representados na cena. Para além de ser uma interpretação de uma obra emblemática portuguesa, esta obra torna-se ainda mais interessante por transmitir um certo carácter chinês dessa leitura, presente, por exemplo, no tratamento das feições do Marquês de Pombal. Para reprodução do óleo sobre tela de van Loo, consultar: Triunfo do Barroco, Fundação das Descobertas/CCB, Lisboa, 1993, III-1.

€ 50.000 / € 80.000

178

HOLLAND, James (1800-1870), Escola Inglesa do séc. XIX

Vista do Porto tirada do convento da Serra do Pilar, em Gaia
Óleo sobre tela
Assinado e datado de 1838
Dim.: 38 x 53,4 cm.

James Holland, oil on canvas, signed

Verso da grade com três etiquetas, sendo duas indicativas do autor, nome da obra, assinatura e data de execução. Uma das etiquetas está marcada com o número 16, sugerindo tratar-se de uma etiqueta de exposição. Na terceira etiqueta com a inscrição: "THO.S AGNEW & SONS, LDT. // No. 26428 // LONDON // 43, Old Bond Street, // Piccadilly, W", by appointment to the late King George V. A obra de W. H Harrison, "The Tourist in Portugal - Jennings Landscape Annual", encontra-se ricamente ilustrada com gravuras coloridas, abertas a buril em chapa de aço, os originais de James Holland, onde se pode encontrar, entre outras, A Vista da Serra do Convento do Pilar - Porto (pág. 65). A reprodução deste quadro, é uma gravura sobre aço, gravada por James B. Allen. Alt. 108mm. X Larg.147mm. que vem ilustrada no: " ÁLBUM COMEMORATIVO da Exposição de Estampas Antigas Sobre Portugal por Artistas Estrangeiros dos séculos XVI a XIX", realizada nos Museus Nacionais de Arte Antiga, de Lisboa, e de Soares Reis, do Porto, no ano de 1994 (Estampa LIV). O quadro mostra, em grande pormenor, uma vista da cidade do Porto, onde se identificam edifícios históricos, como a Sé-Catedral, a Torre dos Clérigos, e o Paço Episcopal, despontando entre o casario mais humilde da invicta cidade. Do lado direito da composição, em grande plano, podemos ver o Convento da Serra do Pilar, em estado de algum abandono, devido às recentes contendas entre liberais e miguelistas, e a consequente alienação dos bens da Igreja pela Coroa. Vêem-se nos terrenos circundantes, entre vegetação ressequida, grupos de campónios e animais típicos das cenas bucólicas deste período. As linhas de perspectiva conduzem o nosso olhar na direcção do casario do Porto, dando relevo à grandiosidade do Convento, reproduzido com forte cromatismo, numa luz diáfana envolvente que abrange toda a composição, e em que todos os elementos aparecem pintados, dos tons mais escuros até à paleta mais acinzentada e de cores violetas, criando uma perfeita e total harmonia. Esta pintura de James Holland constitui um importante documento histórico, testemunho da conturbada época política que se seguiu à sangrenta guerra civil portuguesa, que terminara com o triunfo da facção liberal e a assinatura da Convenção de Évora- Monte, em 1834, determinando a partida da D. Miguel para o exílio, em Viena de Áustria.

€ 40.000 / € 60.000

179

JOÃO PEDROSO, João Gomes da Silva Pedroso (1825-1890)

Par de vistas marinhas, Praia de Valadares e Praia do Tejo ao Poço do Bispo

Par de óleos sobre tela

Assinadas, uma Pedrozo outra JP, cerca de 1867

Dim.: 24.5 x 31.5 cm.

Pair of Lisbon Coast views, oil on canvas, signed

Especializado em pintura de marinhas e em vistas de estuário do Tejo repleto de embarcações, o autor produziu grande número de minuciosas reconstituições que representam importantes documentos. As obras de Pedroso, tendo-se concentrado principalmente nas marinhas, apresentam por vezes em segundo plano vistas de locais conhecidos embora, por vezes, muito alterados por obras posteriores à pintura, é o que sucede com um destes quadros. Adaptação das notas a estas obras no livro Santos, Paulo "A Marinha Lisboa e o Tejo, na obra de João Pedroso, (1825-1890)", Edições Inapa, Lisboa, 2004, onde vem reproduzidas nas pág. 71 e 72.

€ 15.000 / € 25.000

1.º - "Pitoresca e elegante pintura da Praia de Valadares ao Poço do Bispo em Lisboa, numa pequena composição muito semelhante a uma gravura com o mesmo tema (Gravura "Praia de Valadares, ao Poço do Bispo") Ambos os trabalhos poderão ser datados de 1867 ou de 1868, anos em que João Pedroso expôs várias pinturas com este tema no 6.º e 7.º Salões da Sociedade Promotora de Belas-Artes de Lisboa. Em primeiro plano, um bote com pescadores a praticar um tipo de pesca de arrasto. Em segundo plano, o pormenor de um "Varino", barco tradicional do Tejo, com um volumoso frete de palha. Ao fundo e do lado esquerdo do quadro, figuram à beira Tejo o antigo Palácio e a Quinta de Valadares, substituídos em princípios da década de 1870, na zona do Poço do Bispo, por fábricas e armazéns industriais. Ao largo, no estuário do Tejo, desenha-se o velame de outras embarcações típicas do Tejo.

2.º - Quadro que poderá ter sido pintado na mesma zona de Lisboa ribeirinha, ao Poço do Bispo. Em primeiro plano, frente à praia, do lado esquerdo do quadro, o pintor coloca uma falua encostada a um varino. É particularmente interessante o pormenor das grandes varas utilizadas pelas tripulações dos dois barcos para ajudar a propulsão em águas pouco profundas, em esteiros ou nas margens do rio Tejo. Do lado direito várias piteiras e um casario antigo, no toque da praia fluvial."

180
Escola Portuguesa do séc. XIX
Vista do Tejo com a Torre de Belém
Óleo sobre tela
Não assinado
Dim.: 69 x 103 cm.

Portuguese school, 19th century, oil on canvas.

Esta peça pode ser datável do terceiro quartel do séc. XIX, devido à presença do barco a vapor que navega no rio Tejo.

€ 10.000 / € 15.000

181
NOËL, Alexandre-Jean Noël (1752-1834)
"Capriccio", com a Torre de Belém, o Castelo de S. Jorge e o Palácio dos Condes de Óbidos (?), navios em reparação e figuras populares.
Aguarela sobre papel
Assinado
Dim.: 33 x 40,8 cm.

Alexandre-Jean Noël, 19/20th century, watercolour on paper.

€ 15.000 / € 25.000

Alexandre-Jean Noël (1752 - 1834) foi um dos pintores que mais se notabilizou no assinalável elenco de artistas-viajantes estrangeiros em actividade no território português em final de Setecentos e inícios do séc. XIX. De nacionalidade francesa (Brie-Compte-Robert 1752 - Paris 1834), Noël teve como mestres Nicholas-Charles Silvestre (1700-1767), Jacques-Augustin Silvestre (1719-1809) e Claude-Joseph Vernet (1714-1789). Seria aos trinta e dois anos o regresso à aventura do artista-viajante desta vez atraído a Portugal. Já, então, Noël era identificado com "peintre de marine" como prova o sobrescrito que integra o álbum de desenhos conservados no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Este conjunto que reúne 47 espécimes constitui a primeira referência segura da sua primeira passagem por Portugal. Os desenhos são executados na maioria dos casos a lápis, havendo também exemplares a crayon, sanguínea e aguarela. O acervo do álbum do Museu das Janelas Verdes permite ainda antever as temáticas predilectas ao olhar de Noël na sua primeira passagem entre nós. Destaque para as marinhas que incluem estudos de embarcações, vistas da costa ou fluviais, para os motivos monumentais, com realce para as grandes construções medievais (Alcobaça, Batalha, Óbidos, Tomar, alguns em contexto topográfico), aspectos do Palácio-Convento de Mafra, da Igreja do Pópulo das Caldas da Rainha, apontamentos "ruinístas" e paisagísticos de Sintra, etc. A segunda estadia de Noël em Portugal revelar-se-ia, porém, mais produtiva que a primeira. Pertencem a este segundo período - cujas datas limites se situam entre 1789 e 1794 - a maior parte das obras conhecidas realizadas em Portugal. Os "países", e particularmente as marinhas, mantiveram-se como o género da sua preferência. Nesses trabalhos assistimos à convergência do sentimento pré-romântico e da frieza do documentalismo topográfico. Vejam-se como exemplos do primeiro caso o óleo "Vista do Tejo e Belém" ou o "Naufrágio na Nazaré" e do segundo o "Aspecto oriental de Lisboa", estas obras pertencem à colecção da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. A figuração ganha algum protagonismo nesse paisagismo, humanizando os ambientes, sem que no entanto, tenha ascendido a tema central. Em 1794 já se encontrava de novo em Paris onde começaria a expor regularmente no "Salon" ali exibindo "Vue de Lisbonne" em 1810." Miguel Faria in "Jean Pillement e o paisagismo em Portugal no séc. XVIII" catalogo da exposição realizada na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa, 1996, pág. 203 e ss. São também conhecidos da sua autoria uma série de "Capricci", em que junta elementos fantasiosos ou representações imaginativas de edifícios ou monumentos, com elementos reais de paisagens portuguesas, núcleo de que esta obra faz parte. Alguns retoques na pintura e pequenos restauros de trabalho de bicho.

Lote 182:

182

Importante salva de pé em prata portuguesa, D. João V, trabalho da 1ª metade do séc. XVIII. Salva com o centro liso, orla decorada com gravação de motivos estilizados de influência Berain, ainda do final do séc. XVII, e que se repetem com grande qualidade de gravação no pé. Aba e bordo moldurados com profusa decoração repuxada e cinzelada de motivos vegetalistas e perlados, decoração que se repete no bordo do pé e nos quatro pés da salva, estes fundidos e finamente cinzelados. Marca de contraste de Lisboa (L-24) em uso de c. 1720 a c. 1750, marca de ourives .F./M.R (L-249) de Manuel Roque Ferrão, activo de c. 1720 a c. 1770. Sinais de uso.
Peso aprox.: 1975 gr. Alt.: 19 cm. Diam.: 35 cm.

Portuguese Salver on stand, silver, c. 1720 to c. 1750.

€ 15.000 / € 25.000

Lote 183

Nota Lote 182:
São muito pouco frequentes as salvas de pé com a qualidade artística e técnica desta peça, a essas características vem juntar-se a importância do ourives Manuel Roque Ferrão, justamente considerado como um dos melhores do século XVIII. As salvas de pé, comummente designadas por salvas bilheteiras, tinham na realidade uma utilização bem diferente. No séc. XVII e XVIII, destinavam-se a apresentar os copos com vinho aos comensais à mesa, pois nessa época o normal não era que os copos estivessem pousados na mesa, mas sim que fossem servidos e consumidos de uma vez e quando necessário o criado trazia outro sobre uma salva. Existem inúmeras representações em quadros e gravuras representando esta etiqueta. A designação de salva bilheteira surge no séc. XIX, com o aparecimento dos cartões de visita, e as salvas passaram a servir para o visitante colocar o seu cartão que depois o funcionário levava ao dono da casa identificando assim o visitante.

183

Invulgar salva elíptica em prata portuguesa, D. João V/D. José I, trabalho do séc. XVIII. Corpo com profusa decoração repuxada e cinzelada de motivos vegetalistas e florais, canelados largos, volutas e concheados, medalhão central elevado com os mesmos motivos decorativos e treliça ao centro. Marca de contraste de Lisboa (L-26) em uso de c. 1750 a c. 1770, marca de ourives C/J.R, (L-179) activo de c. de 1750 a c. 1770. Sinais de uso e pequenos defeitos no bordo.
Dim.: 37.5 x 29 cm. Peso Aprox.: 742 gr.

Portuguese 18 th century silver salver.

Até ao momento só nos foi possível localizar uma peça semelhante, com o mesmo modelo decorativo e da mesma época, ver "Ourivesaria e Iluminura, século XIV ao século XX", Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, pág. 33, item 18, Inv. Nº: Or 0633.

€ 10.000 / € 20.000

184

Invulgar paliteiro de grandes dimensões em prata portuguesa, trabalho do séc. XIX. Corpo em forma de guerreiro subindo a um monte, empunhando uma espada e um escudo e trajando à romano. Base sugerindo um pequeno monte com tratamento realista do terreno e furação para os palitos, conjunto assente sobre quatro pés esféricos. Marca de contraste do Porto, séc. XIX(P-49A ou variante) em uso de 1861 a 1867 e marca de ourives ABR, (P-100), de ourives do Porto, não identificado, mas conhecido na mesma época. Sinais de uso.
Peso aprox.: 698 gr. Alt.: 30.5 cm.

Unusual ToothPick Holder, modeled as a warrior, portuguese silver, 1861/1867.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 1.500 / € 2.000

185

Importante par de tocheiros em prata portuguesa, trabalho do séc. XVIII. Corpo de secção triangular com profusa decoração de motivos vegetalistas e enrolamentos. Composto por base com pés de sapata, elementos arquitéctonicos, secção de ligação ao fuste em forma de pirâmide. Fuste com duplo nó com o mesmo tipo de decoração, rematado por arandela alta com desenho semelhante à base e decoração de motivos de enrolamentos, topo liso com o copo da vela ao centro, com decoração de motivos vegetalistas. Centro dos lados da base com um registo, com inscrição gravada "SA, E/ CAR/MO". Sem marcas mas atribuiveis a trabalho português do séc. XVIII. No interior espigão e porca em ferro.
Alt.: 64.5 cm. Peso Total Aprox.: 6400 gr.

Important pair of torches, Portuguese silver, 18th century.

Esta peça vem reproduzida in Nobrega, José Claudino da, "Memórias de um viajante antiquário", Raízes, 1984, p.57, fig.331. Para um par de tocheiros de um modelo semelhante ver "O oficio da prata no Brasil, Rio de Janeiro" Studio HMF, Franceschi, Humberto M., Rio de Janeiro, 1988, pág. 113.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 20.000 / € 30.000

186

Invulgar crucifixo de altar em prata, trabalho do séc. XVIII. Cruz lisa com remates de motivos vegetalistas e enrolamentos, bordo decorado com motivos vegetalistas estilizados. Base de secção triangular, com enrolamentos nas arestas, concheados, elementos em Cc e motivos vegetalistas, repuxados e cinzelados, fundo decorado com motivo de ponteado, criando uma noção de claro-escuro e pés de enrolamento. Ligação da base com a cruz em forma de flor estilizada. Sem marcas mas atribuível a trabalho europeu do séc. XVIII. Sinais de uso.
Alt.: 38.5 cm. Peso Aprox.: 476 gr.

Crucifix, european silver, 18th century.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 2.000 / € 3.000

187

Invulgar salva de pé em prata portuguesa D. João V, trabalho do início do séc. XVIII. Corpo com medalhão ao centro com motivos vegetalistas estilizados e gravados, motivo que repete na orla, aba com faixas estriadas em diferentes níveis, bordo repuxado com godrões terminando em meia esfera. Três pés de enrolamento, vazados e folha, pé central com nó em forma de balaústre gomado, base em vários níveis com folhas de acanto, godrões e meias esferas, repuxadas e cinzeladas. Sem marcas, mas atribuível ao início do séc. XVIII. No verso apresenta marca de posse gravada. Sinais de uso, pequeno defeito na junção da base ao fuste.
Peso aprox.: 744 gr. ;Diam.: 27.4 cm. Alt.: 15.5 cm.

Unusual standing salver, portuguese silver, early 18th century.

As salvas de pé, comummente designadas por salvas bilheteiras, tinham na realidade uma utilização bem diferente. No séc. XVII e XVIII, destinavam-se a apresentar os copos com vinho aos comensais à mesa, pois nessa época o normal não era que os copos estivessem pousados na mesa, mas sim que fossem servidos e consumidos de uma vez e quando necessário o criado trazia outro sobre uma salva. Existem inúmeras representações em quadros, paineis de azulejos e gravuras representando esta etiqueta. A designação de salva bilheteira surge no séc. XIX, com o aparecimento dos cartões de visita, e as salvas passaram a servir para o visitante colocar o seu cartão que depois o funcionário levava ao dono da casa identificando assim o visitante. A designação comum no Brasil de Salva Esmoleira, refere-se ao uso destas peças durante a celebração da missa, na recolha da esmola.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 4.000 / € 6.000

188

Importante cómoda-papeleira D. José, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado, com três gavetões a toda a largura, duas gavetas e tampo de rebater. Caixa com ilhargas planas e frente ondulada. Cantos dianteiros chanfrados, terminando em pés cantonais espatulados. Escritório ligeiramente recuado em relação à caixa, apresenta fábrica com portinhola central removível decorada nas duas portas com flores entalhadas, flanqueada por três escaninhos encimados por gavetas onduladas e recortadas; e na base duas ordens de seis gavetas, de frente ondulada, descrevem curvas e contracurvas pronunciadas. Caixa apresenta duas gavetas e três gavetões de altura crescente em direcção à base, decorados com painéis almofadados e moldurados. Exterior do tampo ornado com moldura interrompida ao centro por exuberante flor de girassol ladeada por ramos de flores. Ilhargas com painéis almofadados com molduras decoradas nos cantos com motivo "rocaille". Cantos dianteiros decorados com pilastras em forma de volutas protuberantes, rematadas com elementos "rocaille", concheados e enrolamentos vegetalistas estilizados. Pés enrolados na extremidade, com "asas" recortadas, igualmente ornamentados com motivos "rocaille" e volutas. Base é moldurada e ondulada, tal como o rebordo do tampo da cómoda. Ferragens em bronze decoradas com duas aves. Falta de três fecharias e as outras substituídas. Alguns restauros, faltas e falhas.
Alt.: 111 cm.; Larg.: 126 cm.; Fundo: 66 cm.

Important D. José Portuguese chest of drawers/writing desk, 18th century, in carved kingwood.

Esta peça vem ilustrada in: NÓBREGA, José Claudino da, Memórias de um Viajante Antiquário, Raízes, São Paulo - Brasil, 1984, pág. 27. Para peças com decoração entalhada semelhante consultar: CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil, FRESS/AGIR, Lisboa, 1999, cats. 232, 234, 235. Para peças da mesma época consultar: Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 93, cat. 83; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, págs. 80-81, 84-85; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, págs. 122-123; PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, págs. 109 a 111, cats. 38 e 39.

No caso desta cómoda-papeleira destacamos a talha de elevada qualidade, executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Ao observar esta peça, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras em tudo majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-a de um carácter intelectual e cuidado.

Proveniência: Antiga Colecção Octales Marcondes Ferreira, São Paulo – Brasil e Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 80.000 / € 120.000

189

Importante oratório D. José, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado. Secção rectangular, de estrutura arquitectónica, apresenta-se com duas portas e frontão quebrado curvo, e interior com espaço para oratório. A cimalha, moldurada, é rematada ao centro por uma frondosa pluma ladeada por volutas, concheados e motivos florais; a flanquear, nos dois cantos projectados na diagonal, encontram-se cestos encanastrados e ornados com arranjos florais. Portas e ilhargas almofadadas por moldurados e decoradas ao centro por exuberante flor de girassol, ladeada por ramos de flores. Arestas apresentam-se chanfradas e salientes formando pilastras decoradas com: pequenos cestos encanastrados com flores, repetindo o motivo da cimalha; girassóis e outros elementos florais; moldurados de volutas; e enrolamentos vegetalistas. Interior decorado com moldura entalhada e vazada, representando flores e elementos vegetalistas. Fundo forrado a veludo em tons de vermelho. Base com estirador para assentar as alfaias religiosas. Falta de um espelho de fechadura, pequenos restauros e defeitos.
Alt.: 187,5 cm.; Larg.: 118 cm.; Fundo: 40 cm.

Important D. José Portuguese 18th century schrine, in carved kingwood.

Em nossa opinião esta peça foi executada na mesma oficina que a cómoda-papeleira do lote anterior, pois apresenta a mesma linguagem decorativa e elementos formais. Para peças com decoração entalhada semelhante consultar: CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil, FRESS/AGIR, Lisboa, 1999, cats. 232, 234, 235.

Proveniência: Antiga Colecção Octales Marcondes Ferreira, São Paulo – Brasil e Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 20.000 / € 30.000

190

Cadeira D. José, do séc. XVIII, em pau-santo entalhado com assento em couro lavrado. Espaldar de influência inglesa, do tipo "violoné", moldurado, de lados reentrantes e cantos arredondados, com cachaço recortado e entalhado. Tabela central vazada e recortada. Assento trapezoidal; aro com frente e ilhargas onduladas e recortadas; e pernas curvas, terminando à frente em pés de enrolamento e a trás em sapata. Espaldar decorado com moldurado de profundidade gradualmente acentuada à medida que se aproxima do assento. Cachaço e saial frontal decorado com motivos "rocaille" finamente entalhados, de expressão mais ou menos profunda, representando volutas e enrolamentos vegetalistas estilizados. Cintura e pernas percorridas a toda a volta, no recorte inferior, por friso moldurado representando volutas alongadas e pontualmente quebradas, terminando em enrolamentos nos pés dianteiros. Joelhos lisos, com galbo pronunciado, salientando-se logo após a linha da cintura, afilando e terminando no pé. Pés rematados com motivo "rocaille". Pernas ligadas por travessas em forma de "H" curvo e recortado. Assento estofado a couro lavrado representando cartela e motivos florais e vegetalistas. Pequenos defeitos. Bonita vergada de pau-santo e boa patine antiga.
Alt.: 105 cm.

D. José chair, 18th century, in carved kingwood.

Para peças semelhantes consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 81, cat. 21; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Assento e Repouso, vol.I, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 95 e 104; catálogo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 68- Inv. 82.

Proveniência: Antiga Colecção Octales Marcondes Ferreira, São Paulo – Brasil e Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 3.000 / € 4.000

191

Invulgar mesa de encostar D. José/D. Maria do séc. XVIII, em pau-santo, com duas gavetas. Tampo decorado com rebaixo. Frente e ilhargas onduladas. Saiais frontal e laterais recortados, decorados com arranjos florais e vegetalistas, rematados por volutas em forma de "S" e "C" que se prolongam pelas pernas, terminando e dando forma aos pés. Fecharia e ferragens substituídas. Restauro num pé e sinais de uso. Boa patine antiga e bonita vergada de pau-santo.
Alt.: 77 cm.; Larg.: 87 cm.; Fundo: 45 cm.

Unusual side-table, Portuguese 18th century D. José/D. Maria, in carved kingwood.

Esta peça denota já simetria e simplificação a nível decorativo, que nos faz remeter estilisticamente para o período de transição D. José/D. Maria, pois ainda mantém a forma das mesas de encostar D. José. Para peça decorada com arranjos de flores de representação ainda do estilo D. José, consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág. 89, cat. 26. Ao compararmos ambos arranjos florais, percebemos que no período áureo do estilo D. José, as flores dispõem-se de forma livre e assimétrica, enquanto que ao caminharmos para o estilo D. Maria este mesmo motivo decorativo ganha simetria e rigidez já presentes neste móvel. De facto, os estilos não mudam repentinamente, existindo um período de transição. Durante esse espaço de tempo de adopção de uma nova estética, começam a surgir alterações primeiro a nível da linguagem decorativa, passando mais tarde para a forma.

€ 20.000 / € 30.000

192

Atribuível a Hendrik Maertensz Sorgh (c. 1611-1670)

Marinha

Óleo sobre carvalho

Não assinado

Dim.: 48 x 63,5 cm.

Attributable to Sorgh, oil on oak

€ 15.000 / € 25.000

193

T. DESSOULAVY - Escola Inglesa do séc. XIX

Paisagem nas imediações do Tivoli - Itália

Óleo sobre tela

Assinado e datado de 1846

Dim.: 52 x 78 cm.

T. DESSOULAVY, oil on canvas, signed

€ 8.000 / € 12.000

194

Par de anjos candelários do séc. XVII, em madeira entalhada pintada e dourada. As figuras estão representadas de pé envergando longas vestes verdes e douradas com decoração de motivos vegetalistas, sobre estas vestem túnicas curtas, apanhadas na cintura, vermelhas e douradas, com os mesmos motivos, com mangas curtas com folhos. Seguram cornucópias douradas que servem de castiçal. Estão assentes sobre nuvens douradas e com as asas abertas. Falhas, faltas de policromia e restauros antigos.
Alt.: 96 cm.

Pair of angels, 17th century, wood sculptures.

€ 15.000 / € 25.000

195

Notável e importante oratório D. Maria, do séc. XVIII, em madeira entalhada, pintada e dourada, com Calvário no interior representando Jesus Cristo crucificado, Nossa Senhora, S. João Evangelista e Maria Madalena, esculturas portuguesas do séc. XVIII, em madeira policromada. Oratório de estrutura arquitectónica de secção trapezoidal, cantos frontais chanfrados, encimado por cúpula e com ilhargas e porta envidraçadas. Topo ricamente decorado em talha vazada e dourada a ouro fino ostentando nos remates frontal e laterais, composições de arranjos florais e de folhas, de representação encrespada e naturalista. Remates dos cantos decorados com urnas cobertas por folhas de louro e frisos de perlados. Topo da cúpula elevado, ornado por urna neoclássica. Contornos e molduras das portas decorados com frisos neoclássicos representando fitas enroladas, perlados e diversos motivos vegetalistas. Cantos decorados com folhas de acanto, florão e friso de túlipas frisadas imbricadas. Base ornada com grinaldas de flores e frisos, assente sobre pés cobertos por folhas de louro. Interior com fundo ricamente estofado, representando arranjos de flores e enrolamentos vegetalistas, sobre fundo de padrão com losangos, emoldurado por barra dourada puncionada com friso de parras e por friso em talha apresentando motivos florais, encimado por composição floral. Jesus Cristo com representação jancenista, encontra-se crucificado com os pés justapostos; em cruz decorada com pintura de fingimento e terminais neoclássicos ricamente entalhados e resplendor dourado com representação de nuvens. Resplendor de Jesus Cristo em prata, tendo o triângulo e o olho ao centro. Na base rochosa, encontram-se Nossa Senhora de pé e Maria Madalena ajoelhada à esquerda e S. João em pé à direita. Figuras representadas com grande naturalismo e qualidade escultórica, envergando rica indumentária estofada. Resplendores e legenda "INRI" em prata. Ilhargas com falta das grinaldas.
Oratório: Alt.: 214 cm.;
Larg.: 88,5 cm.; Fundo: 53 cm.

Important schrine, 18th century D. Maria in carved and gilt wood, with Calvary sculptures.

Chamamos a atenção para a excepcional qualidade da talha desta peça de carácter vibrante, naturalista e profundidade escultóricas; para o fundo ricamente estofado e para a composição do Calvário, dotando o conjunto de dramatismo e imponência. Para peça semelhante consultar: Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga, séc. XV-XVIII, Lisboa, 1979, pág. 117, cat. 76.

€ 20.000 / € 40.000

196

Invulgar Jesus Cristo crucificado, escultura Cingalo-portuguesa, do séc. XVII, em marfim. A figura está representada morta, desnudo, coberto apenas por cendal pregueado de ponta pendente. Expressão facial delicada, com nariz afilado e boca entreaberta, deixando entrever fileira de dentes. Cabelos e barba esculpidos quase lisos, com estrias muito finas, sendo que a madeixa pendente do lado direito apresenta frisado parcial. Oito dedos das mãos e um dedo do pé, restaurados com elementos em madeira. Cendal de fabrico posterior.
Alt.: 48 cm.

Unusual Jesus Christ crucified, Cingalo-Portuguese, 17th century ivory sculpture.

A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. A par dos interesses comerciais, a coroa portuguesa empenhou-se na cristianização dos povos, levantando-a como um dos estandartes erigidos para justificar a expansão. Esta catequese cristã provocou uma prolífera produção e circulação de imaginária entre os continentes onde Portugal mantinha as suas colónias e influência, oriundas da Índia e do Ceilão, pela mão das ordens religiosas, dos emigrantes e dos comerciantes. Este esforço cristão foi forçado a uma adaptação às culturas indígenas para melhor comunicar com elas, afim de passar a mensagem de Deus. O resultado foi uma interessante fusão de culturas, onde os cristãos por vezes alteraram a iconografia e a linguagem e onde as culturas indígenas introduziram o seu cunho no tratamento dos pormenores das esculturas. O domínio português no Ceilão teve início em 1505 mas foi entre 1560 e o domínio dos Filipes, cerca de 100 anos depois, que se sentiu uma maior expansão. As figuras religiosas Cíngalo-portuguesas definem-se na generalidade por um maior cuidado e delicadeza e da influência chinesa, presente, por exemplo, no tratamento dos olhos, das nuvens e da arquitectura dos templos. As mãos possuem dedos longos e os cabelos, ao contrário dos Indo-portugueses, apresentam estrias finas e são justapostos. A indumentária representa-se caindo em pregas paralelas, decorados com orlas de perlados, tal como se pode observar nesta escultura.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

€ 10.000 / € 15.000

197

Conjunto de capuz e duas faixas, de paramento, bordados, trabalho peninsular do séc. XVI. Bordado a seda e fio de prata dourada com motivos vegetalistas e enrolamentos, envolvendo medalhões representando várias figuras da Igreja, entre elas, no capuz, S. Pedro, nas faixas, S. Tiago, S. Francisco recebendo os estigmas, Santo Bispo, S. João Baptista, S. Jerónimo e outro Santo não identificado. Sinais de uso, falhas e faltas nos fios, descoloração generalizada.
Capuz; Alt.: 54 larg. 50 cm.; Faixas; Alt.: 142 cm.; Larg. 24,4 cm.

Fragments of Liturgical Vestments, Peninsular, 16th century

€ 800 / € 1.200

198

Raro e importante ostensório em prata portuguesa, branca e dourada, trabalho de Braga do final do séc. XVII/XVIII. Base de secção oitavada desenvolvendo-se em vários níveis, cada um com motivos decorativos diversos, godrões, folhas de acanto e outros motivos vegetalistas, separados por friso de ondulado miúdo e aletas em Cc adoçadas, nos cantos, nível superior da base decorado com pássaros de asas abertas segurando uma flor no bico. Num dos lados da base surge a inscrição "ANTONNIUS VELLOSIUS FECIT BRACH". Fuste composto por vários níveis decorados com godrões, folhas de acanto e motivos vegetalistas, sendo o inferior sustentado por oito putti, nó saliente e aletas em Ss adoçadas. Corpo superior em forma de resplendor com raios direitos e ondulados, alternados, conjunto sustentado por anjo de asas e braços abertos, tendo ao centro hosteário circular com moldura de anjos e elementos vegetalistas. Elementos decorativos com enrolamentos e folhas de acanto e cachos de uvas em vidro, com falhas e faltas. Remate superior em forma de estrela de oito pontas. Marca de contraste de Braga, (B-1) em uso de final do séc. XVII/XVIII, marca de ourives AFV (B-18) de António F. Veloso, da mesma época. Sinais de uso, restauros antigos, falhas e faltas. Elementos de ligação interiores e pequenos elementos do corpo em latão e ferro.
Alt.: 95 cm. Peso Aprox.: 8300 gr.

Rare and important monstrance, Portuguese silver and gild silver, end of 17th century/ beginning of 18th century.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 3.000 / € 5.000

A peça vem reproduzida in Nobrega, José Claudino da, "Memórias de um viajante antiquário", Raízes, 1984, p.57, fig.31. Para uma peça com uma base e fuste identicos ver, uma custódia do século XVII, da colecção do Museu Nacional de Soares dos Reis, ilustrada em, "Exposição da Ourivesaria Portuguesa, dos séculos XII a XVII", Catalogo-Guia, Coimbra, Junho de 1940, est. CIX.

199

Importante Menino Jesus Salvador do Mundo, escultura Hispano-filipina do séc. XVII, em marfim. A figura está representada de pé, desnuda, segurando a Bola do Mundo com a mão esquerda e abençoando com a mão direita, ostentando um corpo esculpido com grande rigor anatómico. Usa cabeça coberta por farta cabeleira de caracóis revoltos e profundos, trabalhados minuciosamente e de expressão naturalista. Apresenta testa ampla, com os arcos ciliares altos e com olhos protuberantes; nariz recto, sorriso quase imperceptível mostrando estreita fileira de dentes e covinhas nas bochechas. Assente sobre peanha do séc. XVII, em madeira entalhada, dourada a ouro fino e marmoreada, representando: frisos de perlado e elementos clássicos, volutas vazadas; e plataformas com pintura de fingimento marmoreada em tons de verde e vermelho, de grande qualidade pictórica. Bola do Mundo com Cruz em prata gravada. Vestígios de policromia nos olhos e peanha com falhas e pequenos defeitos.
Alt. Marfim.: 39 cm.; Alt. Total: 62 cm.

Important Infant Jesus, 17th century, Hispano-Filipina sculture, in ivory.

€ 40.000 / € 60.000

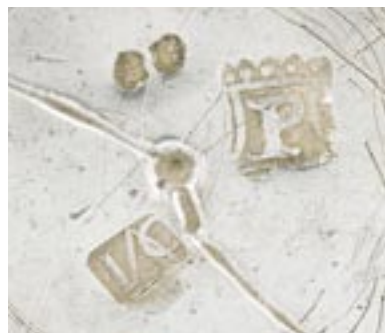
Chamamos a atenção para a elevada qualidade escultórica desta peça, sobretudo no rigor e expressão anatómicos. Para peças semelhantes consultar: MARCOS, Margarita Mercedes Estella, Marfiles de las Procincias Ultramarinas Orientales de España y Portugal, Moterrey, 1997, págs. 88 a 92, cats. 33, 34 e 35. Segundo esta autora estas esculturas de Menino Jesus assemelham-se ao Menino Jesus do Museu de Santa María, em Medina de Rioseco e correspondem iconograficamente a um tipo definido da escola andaluz, cuja escultura mais representativa é o "Niño del Sagrario" de Juan Martínez Montañés, conhecido nas ilhas Filipinas por o "Niño de Ternate", passado pela circulação de gravuras.

200

Importantes e raros, bule e cafeteira em prata portuguesa, neo-clássicos, reinado de D. João VI, trabalho do início do séc. XIX. Corpos decorados, segundo os modelos neo-clássicos, com motivos vegetalistas estilizados, coroas e faixas de folhas de louro, motivos arquitectónicos e palmetas repuxados e cinzelados. Bico em prata dourada, em forma de pescoço e cabeça de leão, com representação realista, cinzelada, do pêlo do animal. Asas em forma de corpo de serpente em madeira e remates em prata dourada, com a forma da cabeça e cauda, entalhados e cinzelados reproduzindo as escamas e outras características do animal. Botões das tampas em forma de "bouquet" de flores, ligação da tampa ao corpo através de correntes. Interior do bocal elevado e da peça em prata dourada. Marca de contraste do Porto, (P-23) em uso de 1810 a 1818, marca de ourives IOC (P-345), atribuível a José de Oliveira Coitinho, datável de c. 1790 a c. 1818. Sinais de uso, alguns gastos no dourado, falta de parte de uma das correntes, bule com iniciais gravadas no bojo.
Cafeteira; Alt.: 28 cm. Peso Aprox.: 1406 gr.
Bule; Alt.: 18 cm. Peso Aprox.: 1000 gr.

Important and rare teapot and coffeepot in portuguese silver, Porto, 1810-1818.

Estas invulgares peças são, com toda a certeza, baseadas em peças muito semelhantes e executadas em biscuit inglês, "black basalt", fabricadas por Wedgewood e outras fábricas da época e que fizeram parte de uma série de objectos de homenagem ao Duque de Wellington e ao império britânico, aqui sugerido pela cabeça do leão. Este tipo de encomenda a um ourives português da cidade do Porto, é perfeitamente compreensível numa cidade com uma tão importante comunidade inglesa, cujos gostos influênciavam fortemente a burguesia portuense.

€ 2.500 / € 3.500

201

Rara e importante cafeteira D. Maria em prata portuguesa, trabalho do séc. XVIII. Corpo em forma de pêra com decoração gravada em grinaldas de folhagens e flores, laços e frisos, com bico em forma de colo de cisne, asa posterior em madeira entalhada com elemento vegetalista estilizado e botão da tampa em forma de pinha. Marca de contraste do Porto (P-15), em uso de c.1784 a c.1790, marca de ourives LAC (P-425), atribuível a Luís António Teixeira Coelho, e datável de 1784 a 1810, remarcada com cabeças de velho. Sinais de uso.
Peso aprox.: 1600 gr.; Alt.: 35 cm.

Portuguese silver coffeepot, late 18th century

Gravado na base o número 652. Para peça semelhante ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 84-85.

€ 15.000 / € 25.000

202

Invulgar grande samovar em prata portuguesa D. Maria, trabalho do final do séc. XVIII. Corpo em forma de urna, com canelado largo, faixas de perlados, motivos vegetalistas, grinaldas, laços e escudetes delicadamente gravados, duas asas altas com faixas de perlado, tampa alta com canelados e faixas de perlado, botão da tampa, posterior, de formato esférico em madeira torneada. Assenta sobre base recortada e moldurada com canelados e quatro pés esféricos. Torneira saliente em forma de tubo canelado com manipulo em madeira entalhada em forma de leque. Aparentemente sem marcas, mas atribuível a trabalho português do final do séc. XVIII.
Peso total aprox.: 4200 gr; Alt.: 74,5 cm.

Unusual large Samovar, portuguese silver, late 18th. century.

Peça muito semelhante na forma e decoração e a única localizada até ao momento vem reproduzida em "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 90/92, foto 99, esta peça apresenta marcas de ourives e da contrastaria do Porto de c. 1790 a 1810.

€ 15.000 / € 25.000

203

Par de castiçais em prata portuguesa de António Firmo da Costa, *trabalho do final do séc. XVIII/inicio do séc. XIX. Corpo de secção circular e fuste em forma de balaustre, desenvolvendo-se em vários níveis, marcados por faixas estriadas, decoração gravada de motivos vegetalistas, grinaldas e laços à maneira neo-clássica. Marca de contraste de Lisboa (L-31) em uso de 1795 a 1804, marca de ourives AFC de António Firmo da Costa (L-78), activo de 1793 a 1824. Sinais de uso.*
Alt.: 18 cm. Peso Aprox.: 570 gr.

Pair of silver candlesticks by António Firmo da Costa, late 18th early 19th century.

António Firmo da Costa deve ser considerado como o melhor ourives português do final do séc. XVIII/XIX. "O singular percurso deste ourives ao longo de trinta e um anos de activa produção, reflecte de forma por vezes surpreendente a sua evolução no contexto da época. Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e funcionalidade da sua utilização. Não as grandes obras de aparato, mas as peças comuns, executadas com grande sobriedade, fruto de um conhecimento profundo da função utilitária do objecto, do equilíbrio e da harmonia da forma depurada que enaltece o material de que é feita. Estamos perante um mestre curiosamente interessado avant la lettre, no design, entendido no sentido actual do termo, ou seja, na adequação estética de um objecto à sua função." Leonor D'Orey in "António Firmo da Costa, Um ourives de Lisboa Através da Sua Obra", Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000. Para um par de candelabros com um modelo muito semelhante ver, Op. Cit. pág. 84 item. 52.

€ 1.500 / € 2.000

204

Cafeteira em prata portuguesa, trabalho do séc. XVIII, corpo em forma de pêra com bico alto em colo de cisne, corpo em parte canelado e com decoração gravada de motivos vegetalistas e reserva com monograma, faixas de perlado na base, no bico e no bordo do bocal. Botão da tampa em forma de urna estilizada. Asa em madeira entalhada com sinais de uso e vestígios de pintura. Contraste do Porto (P-16) em uso de 1790 a 1804, marca de ourives MMC (P-484) em uso de cerca de 1784 a 1836. Sinais de uso.
Alt.: 32 cm.; Peso: 1220 grs.

Coffeepot, portuguese silver late 18 th century.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

Na parte inferior do fundo esta peça apresenta diversas numerações, que tanto podem referir-se a inventários antigos como a indicações de peso. Para peça semelhante e da mesma época ver "Pratas Portuguesas em Colecções Particulares, séc. XV ao séc. XX ", D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Porto, 1998, pág. 176.

205

Importante cómoda-papeleira D. José, do séc. XVIII, em pau-santo finamente entalhado, com três gavetões a toda a largura, duas gavetas e tampo de rebater. Caixa com topo, tampo de rebater e ilhargas planos, com frente ondulada no plano horizontal. Cantos dianteiros chanfrados, terminando em pés cantonais espatulados. Escritório ligeiramente recuado em relação à caixa apresenta na fábrica portinhola central removível, escondendo compartimento secreto. A flanquear, oito escaninhos encimados por gavetas onduladas e recortadas, estão separados por entrepanos verticais tornando-se mais elaborados ao representar volutas progressivamente mais recortadas à medida que se afastam do centro, sendo que dois apresentam gavetas. Rebordo do tampo da cómoda deslizante, escondendo compartimentos/secretos para documentos. Na base, uma ordem de quatro gavetas, simulando seis, de frente ondulada, descrevendo curvas e contracurvas pronunciadas. Caixa com frente ondulada, apresenta duas gavetas e três gavetões de altura crescente em direcção à base, decorados com painéis almofadados, fortemente moldurados e ornados nas extremidades por composições "rocaille" assimétricas e diferentes, representando sendo lavras diferentes de gaveta a gaveta e gavetão a gavetão. Molduras das duas gavetas interrompidas por voluta em "C", afim de acompanhar a linha do espelho da fechadura. Exterior do tampo ornado com moldura interrompida ao centro por corte em chaveta rematando exuberante composição em talha representando composição "rocaille" formada por concheado, e nos cantos por elementos vegetalistas, concheados e volutas em "C" e "S". Ilhargas com painéis almofadados com molduras duplas, de recortes ondulados em chavetas e volutas, ornados nos cantos com motivos "rocaille". Cantos dianteiros decorados com pilastras, em forma de volutas protuberantes, rematadas por florões "rocaille", concheados e enrolamentos vegetalistas estilizados, terminando em pés enrolados na extremidade, com "asas" recortadas, ornamentados com motivos "rocaille". Base é moldurada e ondulada, tal como o rebordo do tampo da cómoda. Ferragens em bronze dourado, sendo os espelhos das fechadura e dos puxadores recortados e ornamentados com motivos "rocaille", volutas, concheados e folhas encrespadas; nas gavetas da fábrica, pequenos puxadores em metal. Pequenos restauros e faltas das fecharias das gavetas e gavetões.
Alt.: 119 cm.; Larg.: 138 cm.; Fundo: 73 cm.

Very important D. José Portuguese chest of drawers/writing desk, 18th century, in carved kingwood.

Para peças semelhantes consultar: Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 93, cat. 83; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, págs. 80-81, 84-85; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, págs. 122-123; PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, págs. 109 a 111, cats. 38 e 39. O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta cómoda-papeleira, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. No caso desta cómoda-papeleira destacamos a talha de elevada qualidade, executada com mestria e arte, presente sobretudo na sua finura e detalhe, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande excelência de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento. Ao observar esta peça, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras em tudo majestosas; como na moderação e distribuição entre vazios e cheios, dotando-a de um carácter intelectual e cuidado.

Proveniênicia: Antiga Colecção da Familia Vaz Pinto, Solar da Boa Vista - Ponte de Lima e Quinta do Convento da Trindade, Sintra

€ 160.000 / € 250.000

206

Escola Europeia, seguidor de Sebastião Vrancx (1573-1647)

Paisagem com cena de caça

Óleo sobre cobre

Dim.: 38,5 x 47 cm.

Follower of Sebastian Vrancx, Hunting Scene, oil on panel.

Pequenos restauros nas margens, na zona do céu e nas montanhas ao centro.

€ 3.000 / € 5.000

207

Importante cómoda portuguesa D. José, do séc. XVIII, em pau-santo, com duas gavetas e um gavetão. Tampo de formato rectangular saliente, recortado e decorado com rebaixo, acompanha a movimentação da caixa e tem os cantos dianteiros arredondados, projectando-se diagonalmente para cobrir as cantoneiras da caixa. Frente e ilhargas onduladas, nos planos vertical e horizontal. Frente das gavetas emolduradas. Saial frontal profusamente recortado, descrevendo curvas e contracurvas, percorridas por friso que se prolonga pelas pernas e terminando em duas volutas nos pés; e decorado com concheados, volutas e elementos "rocaille". Saiais das ilhargas semelhantes ao frontal no recorte e no moldurado, embora de disposição assimétrica. Sensivelmente ao centro, um dos elementos em curva "C", destaca-se no sentido do interior do pano da ilharga, estabelecendo ligação com a excepcional composição "rocaille" que a decora. Nos ângulos dianteiros, as cantoneiras são de secção semicircular. Pernas galbadas, decoradas nos joelhos por motivo "rocaille", terminando em pés de cachimbo, decorados com elementos vegetalistas e assente em pequenos socos. Pernas anteriores cortadas para permitir encosto perfeito à parede, sendo decoradas apenas na parte posterior. Ferragens em bronze dourado, representando concheados, motivos florais e no topo uma ave de asas abertas. Pequenos restauros e argola de um puxador substituída. Bonita vergada da madeira em tom mel e boa patine antiga.
Alt.: 89 cm.; Larg.: 132 cm.; Fundo: 67 cm.

Important Portuguese D. José chest of drawers, 18th century, in carved jacaranda/kingwood.

Para peça de forma semelhante, consultar: FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 112 e 113; PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, pág, 63, cat. 12 - (transição D. João V/D. José), pág. 103, cat. 34; Para ferragens semelhantes, consultar: FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002, pág. 100; para desenho de ferragens semelhantes, consultar: GUIMARÃES, Alfredo, Mobiliário Artístico Português - Guimarães, Edições Pátria, Vila Nova de Gaia, 1935, pág. 175. O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta cómoda, apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento. Ao observar esta cómoda, é possível sintetizar a essência do estilo D. José, tanto no lançamento sinuoso das suas linhas mestras que, apesar de suaves são majestosas; como no contraponto do vazio e do cheio, dotando-a de um carácter intelectual e cuidado; e sobretudo na exuberância da talha, sendo de excepcional equilíbrio e desenho, de grande finura de execução, resultando em composições de qualidade plástica vibrante e plenas de movimento.

Proveniência: Quinta do Convento da Trindade, Sintra

€ 100.000 / € 150.000

208

Lavanda e gomil em prata portuguesa D. Maria, trabalho do séc. XVIII/XIX. Lavanda com fundo liso, orla com canelado largo, bordo moldurado e decorado em relevo com perlados, flores e motivos vegetalistas, gomil com o mesmo tipo de decoração e ainda com canelados no bojo e no pé, faixas de perlado no pé, nó, bojo, bocal e na asa em forma de S com motivos vegetalistas. Marca de contraste do Porto, (P-16) em uso de c. 1790 a c. 1804, marca de ourives ADS, (P-145) não identificado, activo de c. de 1790 a c. de 1810. Sinais de uso.
Comp. 52 cm. Alt.: 33 cm. Peso total aprox.: 2530 gr.

Basin and ewer, portuguese silver c. 1790/1804.

Para um gomil muito semelhante ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 162, para um gomil praticamente identico ver "Pratas Portuguesas em Colecções Particulares", D. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Porto, 1998, pág. 172, item 69.

€ 10.000 / € 20.000

209

Invulgar lavanda e gomil em prata portuguesa, D. José, trabalho do séc. XVIII. Lavanda com centro do fundo liso, orla com canelado largo, aba com motivos vegetalistas e concheados gravados e bordo moldurado com decoração repuxada e cinzelada com concheados, motivos vegetalistas e enrolamentos. Gomil com a mesma decoração sobre faixas de canelados largos com ligeiro movimento em espiral, bico largo com moldura e medalhão na face inferior, nó em forma de bolacha lisa com frisos, pé circular recortado com canelados e frisos de flores com movimento de espiral. Asa em forma de Cc opostos, com folhas de acanto e outros elementos florais. Sem marcas, mas atribuível ao reinado de D. José. Sinais de uso, pequenas falhas e restauros antigos.
Alt.: 27 cm Comp.: 40 cm. Peso Total aprox.: 1590 gr.

Ewer and basin portuguese silver late 18th. Century.

Esta lavanda e este gomil são invulgares e especialmente raros pelas suas dimensões, pois são mais pequenos, destinando-se possivelmente a ser transportados num estojo de viagem, (para um estojo de viagem com os seus pertences ver "A Colecção de Ourivesaria da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva", D'Orey, Leonor, Lisboa, 1998, pág. 170 e ss.) Para peças muito semelhantes ver "Exposição de Ourivesaria", Maio Florido, Porto, 1964, item 31, e também "Colecção da Fundação Abel de Lacerda, Museu do Caramulo, Caramulo 2003, pág. 183, cat. 346, e também em prata dourada colecção do "Museu da Sé de Lisboa, Tesouro", Lisboa, 1996, p. 37 e 40, item 94.

€ 8.000 / € 12.000

210

Tremó italiano do séc. XVIII, em madeira entalhada, vazada e dourada. Espelho decorado na parte superior com uma pintura a óleo sobre tela representando uma paisagem campestre. Talha de motivos "rocaille", vegetalistas e florais sobre fundo guilhochado sobre o dourado, representando motivo de treliça com flor ao centro. Consola em madeira entalhada, vazada e dourada, decorada com motivos "rocaille", vegetalistas e florais, representados em grande escala. Tampo em pedra em tons de amarelo, decorada com rebaixo. Placa de espelho posterior. Verso da pintura com inscrições e etiqueta pouco legíveis. Pequenos defeitos.
Dim.: 362 x 88 x 45 cm.

Italian console table and mirror, 18th century, carved and gilt wood.

€ 10.000 / € 15.000

211

Rara e importante mesa de secretária do tipo "bureau-plat" D. João V/D. José, em nogueira entalhada, com tampo forrado a carneira e duas gavetas. Tampo recortado e ondulado, acompanhando a linha da caixa, emoldurado a toda a volta e decorado com rebaixo. Caixa ondulada, decorada em todas as faces com frentes de gavetas, embora existam apenas duas funcionais colocadas na parte anterior. Estas são decoradas apenas com moldurado simples periférico. As restantes, encontram-se molduradas com friso saliente e decoradas com motivo de volutas e enrolamentos vegetalistas. Cantoneiras e joelhos entalhados com elementos "rocaille", terminando em pés de enrolamento protuberante, rematados por elemento vegetalista e sobre tacão elevado. Saiais frontal e laterais recortados, ornados com concheados, volutas, elementos vegetalistas e "rocaillescos". Arestas inferiores do móvel percorridas por friso de volutas. Lado funcional com espaço para albergar as pernas, decorada em ambos os lados por pequenos saiais representando volutas e elementos "rocaille" assimétricos. Ferragens em bronze dourado representando motivos "rocaille", substituídas. Possui um segundo tampo (opcional) em mármore cinzento do séc. XIX. Falta de uma fecharia e a outra foi substituída. Pequenos restauros.
Alt.: 81,5 cm.; Larg.: 162 cm.; Fundo: 88 cm.

Fine and rare library table, 18th century, D. JoãoV/D. José, in carved walnut.

€ 20.000 / € 30.000

Chamamos a atenção para a escala palaciana desta peça, bem como para o seu bom estado de conservação, tendo em conta que a nogueira, quando não é estimada e cuidada, é menos resistente que as madeiras exóticas.

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta mesa de secretária, interessa debruçarmo-nos na primeira metade do séc. XVIII, em que se assistiu a um crescente de exuberância tanto na forma como na decoração dos móveis, reflectindo um desejo de opulência, riqueza e sumptuosidade. Tal traduziu-se num aumento da escala e do volume dos elementos esculpidos, muitas vezes realçados a ouro, aliado a um equilíbrio estético de cheios e vazios. Por outro lado, a estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices, já se começa a sentir nos elementos decorativos entalhados desta peça, introduzindo ao de leve movimento e assimetria.

Proveniência: Espólio Dr. João Ulrich - Palacete da Cova da Moura.

212

Armário de dois corpos holandês, do séc. XVII, em carvalho entalhado, com quatro portas e duas gavetas. Cimalha saliente, assente sobre friso decorado com óvulos alongados, concâvos e convexos. Portas decoradas com almofadas ligeiramente salientes, frisos com fitas entrelaçadas e elementos verticais geométricos salientes, ladeados por colunas adossadas decoradas com motivos geométricos e pequenos elementos em ébano em forma de ponta de diamante. Frente das gavetas decoradas com motivos geométricos estilizados. Interiores com prateleiras. Puxadores em ferro.
Dim.: 193,2 x 176,5 x 62,5 cm.

Dutch oak cabinet, 17th century.

Para peça semelhante ver Catálogo da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, peças com os nso de inventário CMAG 797, CMAG 798 e catálogo do Museu Nacional de Soares dos Reis, peça com o no de inventário 365 Mob.

Proveniência: Casa de Santa Marta - Cascais Colecção Dr. António Pinheiro Espírito Santo Silva.

€ 4.000 / € 8.000

213

Armário de dois corpos holandês, do séc. XVII, em carvalho e outras madeiras entalhadas, com quatro portas e duas gavetas. Cimalha saliente, assente sobre friso liso, decorado com placas de formato rectangular em ébano embutido, com moldura saliente e três cabeças entalhadas sendo a central feminina. Portas decoradas com almofadas ligeiramente salientes e placas de ébano embutido, de formato rectangular. Escudetes das portas entalhados em forma de carrancas. Puxadores das gavetas torneados. Remate lateral das gavetas com cabeças de leão entalhadas. Pés torneados em forma de bola, ligeiramente achatada. Interior com prateleiras. Restauros.
Dim.: 196 x 177 x 62 cm.

Dutch oak cabinet, 17th century.

Para peça semelhante ver Catálogo da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, peças com os nso de inventário CMAG 797, CMAG 798 e catálogo do Museu Nacional de Soares dos Reis, peça com o no de inventário 365 Mob. Vestígios de caruncho.

Proveniência: Casa de Santa Marta - Cascais Colecção Dr. António Pinheiro Espírito Santo Silva.

€ 4.000 / € 8.000

214

Rara caixa escritório Indo-portuguesa - Goa, do séc. XVII, em teca, sissó - jacarandá da Índia, ébano e marfim, com uma tampa. Interior compartimentado para albergar um tinteiro, um areeiro e as penas e ainda espaço para guardar documentos. Apresenta decoração de embutidos em ébano, realçados com detalhes em marfim e cavilhas metálicas. No exterior da tampa, esta decoração figura uma exuberante composição de enrolamentos vegetalistas e florais estilizados terminando em forma de invulgares cabeças de dragão, ostensivamente representados de boca aberta e de língua de fora, que envolvem uma cartela decorada com realce a marfim, ostentando ao centro as insígnias jesuítas "IHS" e dois símbolos da Paixão de Cristo: a Cruz e três Cravos. Frente da caixa, decorada com composição semelhante ao tampo, figurando os mesmos arabescos e cabeças de dragão. Ilhargas ornadas com friso de enrolamentos vegetalistas e florais. Verso simplesmente emoldurado com filetes de marfim, aplicados sobre fundo de madeira escura. Interior da tampa não decorado. Ferragens de época posterior, em latão recortado e rendilhado. Frente e ilhargas com vestígios (restaurados) das ferragens originais e tampa com intervenções de restauro.
Alt.: 12,3 cm.; Larg.: 40,9 cm.; Fundo: 32 cm.

Rare Indo-portuguese writing desk, 17th century, in exotic woods and ivory.

Esta peça figurou na exposição Europália 91, vindo ilustrada e catalogada no respectivo catálogo: De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992, pág. 128 e 129. Esta peça foi vendida pelo Palácio do Correio Velho em Maio de 1991. Para peças com a mesma linguagem decorativa, consultar: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 52 e 53; FREIRE, Fernanda de Castro, Mobiliário - Móveis de Conter, Pousar e de Aparato, vol.II, FRESS, Lisboa, 2002; págs. 81 a 85; FREIRE, Fernanda de Castro, 50 Melhores Móveis Portugueses, Chaves Ferreira - Publicações S.A., Lisboa, 1995, pág. 52. Para outras peças com a mesma linguagem decorativa: CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, págs. 49, 51, 53, 55, 56, 57 e 61, figs. 26, 27, 29, 30, 31, 32 e 34. A designação de arte Indo-portuguesa, é usada para definir na generalidade os objectos artísticos oriundos da Índia, mas em rigor, servirá apenas para definir a produção de arte de oficinas da Costa Ocidental Sul da Índia - Costa do Malabar, com maior incidência em Goa e Cochim, tendo tido o seu início ainda durante o século XVI e com produção maciça nos séc. XVII e XVIII. A coroa portuguesa, a partir do século XV, iniciou uma política de expansão ultramarina estabelecendo um contacto contínuo e permanente com a Ásia. Para além do esforço de cristianização, um dos estandartes erigidos para justificar a expansão, os interesses comerciais pesaram neste movimento intercontinental. Os objectos laicos, para o uso do leigo e do quotidiano, tiveram um peso significativo nas encomendas realizadas pelos europeus, tais como os contadores, mesas, escritórios, ventós, armários, cadeiras, banquetas, cofres, caixas, almofarizes, jogos, e muitos mais. No caso do mobiliário, à semelhança de outras manifestações artísticas, verificou-se uma fusão cultural entre as várias religiões, raças, costumes e estéticas, num esforço de comunicação entre ambas as partes. O Ocidente contribuiu com a forma e com a função, introduzindo tipologias e morfologias desconhecidas daquelas paragens, quanto que a maior parte da linguagem iconográfica, da simbologia, densidade decorativa e materiais, são indianos. O resultado foi uma interessante interpenetração de culturas, onde os ocidentais adoptaram o entendimento decorativo e o gosto da matéria exótica, sendo possível perceber a coexistência de ambas as culturas num mesmo móvel.

Esta caixa escritório possui uma linguagem decorativa completamente diferente da mesa de centro que apresentamos neste catálogo, apesar de ambas terem sido produzidas na mesma região - Costa do Malabar. Aqui, chamamos a atenção para a presença invulgar da figura do Dragão, sobretudo para a forma como está representado e para os elementos florais estilizados de linhas graciosas. Ambos elementos foram conseguidos a partir do efeito de claro-escuro, especialmente realçado nos contornos e detalhes em marfim, como se pode observar, por exemplo, no contorno da linha da boca e do olho dos dragões. Esta intervenção pontual do marfim realça a peça, dotando-a de grande equilíbrio e dramatismo decorativos. Esta linguagem é claramente de influência Hindu e, segundo Maria Helena Mendes Pinto, "pretendiam transmitir a noção da escultura luxuriante hindu, plena de contrastes de sombra e luz por meio de um subterfúgio que consistia em recortar modelos vegetais e animais muito complicados em madeira escura e incrustá-los sobre um fundo de madeira clara. Ainda que o contraste claro-escuro fosse ao contrário da realidade, a ilusão de volume não era menos conseguida", in: catálogo da exposição Europália 91: PINTO, Maria Helena Mendes Pinto, Panorama histórico e artístico - De Goa a Lisboa: a Arte Indo-portuguesa dos Séculos XVI a XVIII, Instituto Português de Museus/Museu Machado de Castro, Coimbra, 1992.

€ 8.000 / € 12.000

215

Cadeira baixa de braços, em ébano entalhado e escurecido, trabalho indo-holandês do séc. XVII. Corpo entalhado e vazado, com decoração de motivos vegetalistas no cachaço e face humana ao centro. Apoio dos braços, pernas, pés, travessas, fusos na tabela e remates no cachaço, torneados. Assento em palhinha. Sinais de uso.
Alt.: 77 cm.; Larg.: 49 cm.; Prof.: 50 cm

Indo-Dutch arm-chair, carved ebony, 17th century.

A forma rectilínea desta cadeira é baseada em exemplos europeus do início do séc. XVII. As pernas torsas poderão ter-se inspirado nas colunas Salomónicas, utilizadas por Bernini no baldaquino da Catedral de S. Pedro em Roma (1623-1634), que se tornaram moda em toda a Europa durante o séc. XVII. A restante densa decoração de motivos vegetalistas e animais fantásticos é tipicamente oriental. Para peças semelhantes ver in Jaffer, Amin, "Furniture from British Índia and Cylon - A catalogue of the Collections in the Victoria anda Albert Museum and the Peabody Essex Museum", 2001, p. 134-137.

Proveniência: Leilão Christie's, do Castelo do Marquês de Bath (anos 80, séc. XX). Segundo tradição familiar foram levadas para Inglaterra pela rainha D.Catarina de Bragança, no séc. XVII.

€ 1.000 / € 2.000

216

Cadeira baixa de braços, em ébano entalhado e escurecido, trabalho da Costa de Coromandel, c. 1660-1680. Corpo profusamente entalhado e vazado em talha baixa, com decoração em todas as faces de motivos vegetalistas. Apoio dos braços, parte das pernas, pés e fusos na tabela, torneados. Remates do cachaço e pináculos em forma de flor de lótus estilizada. Assento em palhinha. Sinais de uso.
Alt.: 70 cm.; Larg.: 57 cm.; Prof.: 56 cm.

Arm-chair, work from the coast of Coromandel, carved ebony, 17th century.

A forma rectilínea desta cadeira é baseada em exemplos europeus do início do séc. XVII. As pernas torsas poderão ter-se inspirado nas colunas Salomónicas, utilizadas por Bernini no baldaquino da Catedral de S. Pedro em Roma (1623-1634), que se tornaram moda em toda a Europa durante o séc. XVII. A restante densa decoração de motivos vegetalistas e animais fantásticos é tipicamente oriental. Para peças semelhantes ver in Jaffer, Amin, "Furniture from British Índia and Cylon - A catalogue of the Collections in the Victoria anda Albert Museum and the Peabody Essex Museum", 2001, p. 134-137.

Proveniência: Leilão Christie's, do Castelo do Marquês de Bath (anos 80, séc. XX). Segundo tradição familiar foram levadas para Inglaterra pela rainha D.Catarina de Bragança, no séc. XVII.

€ 1.000 / € 2.000

217

Cadeira baixa de braços, em ébano entalhado e escurecido, trabalho indo-holandês do séc. XVII. Corpo profusamente entalhado e vazado em talha baixa, com decoração em todas as faces de motivos vegetalistas. Apoio dos braços, parte das pernas, pés e fusos na tabela, torneados. Remates do cachaço e pináculos em forma de flor de lótus estilizada. Saiais com talhada vazada decoradas com pássaros exóticos (fénix?) entrelaçados. Assento em palhinha. Sinais de uso.
Alt.: 74 cm.; Larg.: 53 cm.; Prof.: 53,5 cm.

Indo-Dutch arm-chair, carved ebony, 17th century.

A forma rectilínea desta cadeira é baseada em exemplos europeus do início do séc. XVII. As pernas torsas poderão ter-se inspirado nas colunas Salomónicas, utilizadas por Bernini no baldaquino da Catedral de S. Pedro em Roma (1623-1634), que se tornaram moda em toda a Europa durante o séc. XVII. A restante densa decoração de motivos vegetalistas e animais fantásticos é tipicamente oriental. Para peças semelhantes ver in Jaffer, Amin, "Furniture from British Índia and Cylon - A catalogue of the Collections in the Victoria anda Albert Museum and the Peabody Essex Museum", 2001, p. 134-137.

Proveniência: Leilão Christie's, do Castelo do Marquês de Bath (anos 80, séc. XX). Segundo tradição familiar foram levadas para Inglaterra pela rainha D.Catarina de Bragança, no séc. XVII.

€ 1.000 / € 2.000

218

Par de portas de oratório, Escola Peninsular do séc. XVII/ XVIII, em madeira acharoada, pintada e dourada, decoradas no interior com seis almofadas representando Cenas da Paixão de Cristo. Cenas emolduradas por pintura acharoada a vermelho e dourado, representando motivos vegetalistas e florais. Exterior a imitar escaiola a branco e negro representando composição de enrolamentos vegetalistas, com molduras a vermelho. Alguns gastos.
Dim.: 126 x 68 cm.

Pair of schreine doors, Peninsular School, 17th or 18th century, in painted and gilt wood.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.000 / € 5.000

219

Invulgar cruz Indo-portuguesa do séc. XVII, em ébano forrado a folha de cobre rendilhada, recortada e dourada, com Jesus Cristo crucificado, escultura Indo-portuguesa do séc. XVII, em marfim. Jesus Cristo está representado agonizante, com acuidade anatómica, usando cendal de ponta pendente, preso por corda, rematado por debrum de serrilha. Usa longos cabelos, caindo em madeixas onduladas pelos ombros e costas. Revestimento metálico finamente rendilhado da cruz, representando arabescos e enrolamentos estilizados; orla arrendada; terminais lobulados; resplendor a toda a altura da figura; legenda "INRI" gravada, no topo; e cabuchões coloridos aplicados pontualmente. Base/calvário, de estrutura de templete recortado em forma de frontão, decorado com volutas laterais, pés curtos integrados, tabuleiros de apoio, plintos e plataformas.

Corpo central saliente de secção semi-octogonal, com duas ordens alturas, decorado com seis nichos. Revestimento metálico da base com a mesma decoração da cruz, incluindo os colunelos torsos e anelados e gradeamento dos nichos. Ilhargas da base lisas, decoradas com pregaria. Interior dos nichos e dois plintos superiores, com oito pequenas esculturas Indo-portuguesas do séc. XVII, em marfim, algumas não originais, representando cenas da Paixão de Cristo, sendo: uma Pietá, um Jesus Cristo carregando a cruz, dois Jesus Cristo amarrados, três Maria Madalena, e uma figura de Santa (?) coroada. Falta de uma pedra de um cabuchão e de algumas cavilhas de fixação do revestimento metálico.
Alt Total: 106 cm.; Alt. Cristo: 31 cm.

Unusual 17th century Indo-portuguese cross in ebony and copper ou brass decoration and Jesus Christ and figures in ivory.

*Para peça muito semelhante consultar: TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e, Imaginária Luso-Oriental, Colecção presenças da imagem * Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1983, pág. 125, cat. 164; e para outras do mesmo tipo, consultar op. cit., pág. 117, cat. 154; págs. 122 a 124, cats. 161 a 163; A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, págs. 136 a 138 e 140 a 143, todas com vários exemplos semelhantes a este lote; De Goa a Lisboa, Europália 91, 1991, págs. 82-83, cat. 30.*

Chamamos a atenção para a qualidade desta peça, sobretudo no fino, delicado e complexo trabalho de metal rendilhado.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 4.000 / € 6.000

220

Raro oratório em forma de templete, Indo-português, do séc. XVII, em sissó e outras madeiras exóticas, entalhadas e torneadas. Templete formando meio octógono, de estrutura arquitectónica, em forma de templo indo muçulmano coberto por uma cúpula decorada com motivo em escamas estilizadas e folhas de acanto. Oratório vazado, decorado no entablamento por friso de flores estilizadas; formado por cinco arcos de volta perfeita ornados com perlados e flores, sustidos por colunas salomónicas com capitéis, fustes e bases de elementos vegetalistas; e com base apresentando composição floral e enrolamentos vegetalistas. Portas articuladas, fecham o oratório na totalidade, sendo que ao centro, a porta é de duas folhas. Interior das portas decoradas com albarradas de flores e enrolamentos vegetalistas estilizados saindo de vasos, em talha baixa de feitura típica Indo-portuguesa à semelhança dos trabalhos em prata, bordados, etc. Dobradiças recortadas e vazadas em metal dourado. Falta dos pináculos e falha na base.
Alt.: 125,5 cm.; Larg.: 67,5 cm.; Fundo: 42 cm.

Oratory, 17th century Indo-Portuguese in carved sissó and other exotic woods.

Para peças semelhantes, consultar: De Goa a Lisboa, Europália 91, 1991, págs. 120-121, cat. 53; A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, pág. 113, 193-194, cats. 284 e 563 e 569; CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, págs. 68, 69 e 205, e a caixa para hóstias em prata dourada da pág. 136, com o mesmo tipo de decoração entalhada do templete. Entre estes exemplos, destacamos o oratório da Igreja das Mercês, Museu de Arte Sacra de Évora e outros pertencentes à colecção do M.N.A.A. O Palácio do Correio Velho vendeu dois oratórios Indo-portugueses do mesmo tipo e forma, em Maio de 1991, com o lote 242 e em Abril de 1997, pertencente à Colecção do Eng.o Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, com o lote 195.

Proveniência: Colecção José Guedes Cardoso.

€ 3.000 / € 5.000

221
Par de garrafas com tampa, D. Maria, em vidro,formato quadrangular de cantos cortados, decoração gravada em sulcos representando flores e estrelas.Tampas com decoração identica. Séc. XVIII/XIX.
Alt.: 32,7 cm.

Pair of glass bottles, late 18th century, early 19th century

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 600 / € 800

222
Rarissimo cofre guarda-jóias Namban, trabalho do séc. XVII. Corpo em madeira de criptoméria, em forma de lisonja (losango), totalmente revestido no exterior de laca negra com decoração de filetes a dourado e embutidos de madrepérola, com diferentes padrões decorativos. Pega da tampa, botões, dobradiças e fechadura em cobre gravado e dourado. Interior lacado a negro. Sinais de uso, restauros, faltas de madrepérola e de lacado, gastos nos dourados, sem chave.
Dim.: 29 x 22 x 7.5 cm.

Extremely rare jewellery casket Japanese Namban, 17th century

Até ao momento não nos foi possível localizar qualquer outro cofre ou caixa com o mesmo formato, este indicia provavelmente uma encomenda para uma peça específica. Decoração com tarjas de embutidos de madrepérola e debruados a dourado. Este tipo de decoração seccionada em bandas ou fitas, é inspirada nas caixas e arcas de viagem ocidentais que os Japoneses viam desembarcar das naus. Para comparação de elementos decorativos ver, Pinto, Maria Helena Mendes, "Lacas Namban em Portugal" Edições INAPA, 1990, pág.: 58, 59, 62, 72, 77, 78, e 100. Maqui-é é a arte de aplicação de uma laca de alta qualidade desenvolvida no Japão a partir do séc. VIII. Esta assistiu ao seu maior desenvolvimento durante o final do séc. XVI e séc. XVII. Nesta época surgiu e desenvolveu-se o comércio com o Ocidente e a Cristianização de japoneses por missionários europeus. A arte Namban desenvolve-se neste cenário, respondendo às solicitações e gostos de clientes ocidentais e japoneses, as peças para exportação eram decoradas de acordo com as encomendas dos europeus, as peças para consumo interno apresentavam muitas vezes elementos decorativos derivados da influência europeia, muito apreciados pelos japoneses.

€ 4.000 / € 6.000

223

Raro oratório em forma de templete, Indo-português, do séc. XVII em ébano entalhado e torneado, com esculturas Indo-portuguesas, do séc. XVII, em marfim. Templete de estrutura arquitectónica, em forma de templo indo muçulmano coberto por uma cúpula nervada e facetada, rematada nos cantos e no topo da cúpula por cinco pináculos torneados. Base da cúpula toma a forma trapezoidal das faces, estrutura e base do oratório. Oratório vazado, de faces envidraçadas, formado por arcos de volta perfeita, sustidos por colunas salomónicas. Portas articuladas, fecham o oratório na totalidade, sendo que ao centro, a porta é de duas folhas. Assente sobre quatro pés torneados. Cúpula decorada com talha baixa de feitura típica Indo-portuguesa, representando motivos vegetalistas estilizados, à semelhança dos trabalhos em prata, bordados, etc. Arcos decorados com motivo em ponta de diamante e friso encordoado. Colunas encimadas por capiteis de motivos vegetalistas, fustes torsos ornados com friso de folhas e bases decoradas com motivos vegetalistas estilizados. Fundo do interior entalhado em relevo com nuvens pintadas em tons de vermelho, realçadas a dourado. Aplicadas sobre este fundo apresentam-se placas e esculturas de vulto, formando composição que representa a Nossa Senhora da Conceição coroada e a Santíssima Trindade, rodeados de cabeças de anjo aladas, todas esculturas Indo-portuguesas em marfim. A Nossa Senhora está representada de mãos postas; usando longos cabelos caindo em madeixas onduladas pelos ombros e costas; com túnica e manto decorados com debrum de serrilha; e assente sobre "plataforma" de nuvens, formada por saliência do fundo, apresentando na frente o Crescente de Lua com cabeça de anjo alada e dos lados duas cabeças de anjo aladas, todas em marfim. Placas em relevo representando Jesus Cristo Salvador do Mundo e o Pai do Céu, encimam e ladeiam a figura de Nossa Senhora, e a Pomba do Espírito Santo fecha a composição no topo. No Interior do oratório, à frente da composição descrita, encontram-se quatro figuras em marfim representando S. João Baptista, duas imagens de S. Francisco de Assis e Santo António com o Menino Jesus, assentes sobre peanhas em madeira entalhada, policromada e dourada. Verso com porta. Dobradiças das portas articuladas em metal recortado. Fechos da porta frontal e do verso, em forma gancho. Pequenas faltas e substituições.
Templete - Alt.: 44 cm.; Larg.: 22,7 cm.; Fundo: 14 cm.;
Nossa Senhora - Alt.: 12 cm.

Rare Schrine, 17th century Indo-portuguese in carved ebony with 17th century Indo-portuguese sculptures (inside).

Em nossa opinião este oratório é do mesmo centro de fabrico/artista de dois oratórios ilustrados in: A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, págs. 113 e 194, cats. 284 e 569. Para peças semelhantes, consultar: De Goa a Lisboa, Europália 91, 1991, págs. 120-121, cat. 53; A Expansão Portuguesa e a Arte do Marfim, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, pág. 193, cat. 563; CAGIGAL E SILVA, M.M. de, A Arte Indo-portuguesa, Edições Excelsior, Lisboa, 1966, págs. 68, 69 e 205, e a caixa para hóstias em prata dourada da pág. 136, com o mesmo tipo de decoração entalhada do templete. Entre estes exemplos, destacamos o oratório da Igreja das Mercês, Museu de Arte Sacra de Évora e outros pertencentes à colecção do M.N.A.A. O Palácio do Correio Velho vendeu dois oratórios Indo-portugueses do mesmo tipo e forma (embora de maiores dimensões), em Maio de 1991, com o lote 242 e em Abril de 1997, proveniente da Colecção do Eng.o Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, com o lote 195.

€ 8.000 / € 12.000

223A

Atribuído a SEQUEIRA, Domingos António de Sequeira (1768-1837)

Menina de Arroios

Óleo sobre tela

Dim.: 59 x 49 cm.

Attributable to Domingos Sequeira, 18/19th century, oil on canvas.

Pequenos restauros. Inscrição caligráfica a tinta no verso " Sequeira", que em nossa opinião se trata da assinatura do pintor. Segundo tradição familiar esta obra foi oferecida pelo pintor Domingos Sequeira na altura em que tratou o tema que deu origem à sua gravura mais famosa, conhecida como "A Sopa de Arroios", onde estão representadas inúmeras figuras populares.

Proveniência: Palácio dos Sousa Coutinho, Condes de Linhares em Arroios - Lisboa.

€ 8.000 / € 12.000

224

VISCONDE DE MENESES, Luís de Miranda Pereira Henriques de Meneses, 2º Visconde de Meneses (1817-1878)

"Hendrickje Stoffels au béret de velours" segundo obra original de Rembrandt,

Óleo sobre tela

Assinado e com inscrição na parte superior "L. Menezes copia de Rembrandt no Louvre 1874"

Dim.: 74 x 61 cm.

Visconde de Meneses, oil on canvas, 19th century

€ 4.000 / € 6.000

lote 225

Nota do lote 224 :

Acompanhado por relatório de restauro realizado em Março de 2005. O quadro é uma cópia da obra de Rembrandt "Hendrickje Stoffels au béret de velours" de 1654, da colecção do Museu do Louvre, proveniente da colecção do rei Luís XVI.

Pintor portuense que devido ao seu valor e prestígio, influenciou a pintura do seu tempo e abriu definitivamente caminho ao romantismo. Foi discípulo de António Manuel da Fonseca e frequentou a Academia Real de Belas Artes. Partiu para Roma em 1844 para continuar a sua aprendizagem em pintura, onde foi discípulo de Overbeck, chefe do grupo dos "Nazarenos". Neste período, viajou por toda a Itália, estudando em museus e academias. Em 1848 partiu para Paris, passando pela Bélgica e Holanda, cidade onde permaneceu até 1850. Depois do regresso a Portugal, participou em diversas exposições e foi, inclusive, um dos fundadores da Sociedade Promotora de Belas-Artes. Em Londres estudou os retratistas ingleses e os Pré-rafaelistas. Teve um protagonismo a nível internacional, ao ter exposto em Itália, Paris e Madrid e ao ter pertencido à Academia de Roma. Desde 1869, foi Académico de Mérito da Academia de Lisboa e foi ao longo dos anos, um activo participante das mais diversas exposições nacionais. Encontra-se representado no Museu do Chiado, Museu da Cidade de Lisboa, Col. Dr. Ricardo Espírito Santo Silva, etc.

225
Atribuido a SEQUEIRA, Domingos António de Sequeira (1768-1837)
Irene cuida das feridas de S. Sebastião, segundo obra original de Bartolomeo Schedoni
Óleo sobre tela
Não assinado
Dim.: 74,5 x 62,5 cm.

Attributed to Domingos Sequeira, oil on canvas, 18th 19th century.

Esta obra, atribuída a Domingos António Sequeira, esteve patente na exposição comemorativa dos 500 anos da Festa das Fogaceiras em Honra de São Sebastião, referenciado em catálogo de Moreira de Azevedo, Carlos A., "O Mártir: corpo ferido na árvore", Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2005, p.90 e 91, fig. 32. Segundo o mesmo a obra "Divulgada por Abel de Moura quando da sua passagem pelo Instituto de José de Figueiredo (...), trata-se da primeira pintura "romana" de Domingos Sequeira e é cópia de um original de Bartolomeu Schedoni (Modena, 1578 - 1615), hoje no Museu de Capodimonte, Nápoles" (op. cit. p.90). É através da correspondência trocada entre Lisboa e Roma, cidade onde o pintor Domingos Sequeira aprofundava os seus estudos, que podemos datar este trabalho do ano de 1789, sabendo que era sua intenção oferecê-lo à rainha D. Maria I, como agradecimento pela real pensão que sustentava o seu estágio italiano. Grande pintor dos sécs. XVIII e XIX (1768-1837), de seu nome verdadeiro Domingos António do Espírito Santo, adoptou em cerca de 1785, o apelido do padrinho. Em 1781 matriculou-se na Aula Régia de Desenho e Figura e, terminado o curso, trabalhou sob orientação do seu mestre Joaquim Manuel da Rocha, em obras de decoração dirigidas por este último. Mais tarde, protegido pelo Marquês de Marialva, obteve pensão de D. Maria I e seguiu para Roma, onde chegou em 1788. Aí, depois de ter estudado composição com Della Picola e pintura com António Cavalluci, conheceu os seus primeiros êxitos, alcançando o 2o lugar, entre dezenas de talentos rivais, nas provas de aptidão para a Academia do Nu, no Capitólio. De regresso a Lisboa, pinta em 1796, por encomenda do inglês William Beckford, a composição "Baco e Ariana". Por motivos que se desconhecem, pensou em fazer vida eremítica no Buçaco e como tal, ingressou na Cartuxa de Lavadeiras, onde esteve até 1802. São desse período, os quadros religiosos: "A Conversão de S. Bruno", "São Bruno em oração" e "Comunhão de São Onofre". Em 1802 é nomeado pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI, primeiro pintor de Câmara e Corte, encarregado de fazer pinturas decorativas para o Real Palácio da Ajuda. Cinco depois, Sequeira é designado director da Aula de Desenho da Academia de Comércio e Marinha do Porto. Em 1813 foi encarregado pelo Príncipe D. João, de fazer os esboços e dirigir a execução da monumental baixela destinada a ser oferecida ao Duque de Wellington, pelos altos serviços prestados por este a Portugal, durante as Guerras Peninsulares. Em 1823, após o movimento da Vila-Francada, que aboliu o regime vintista, segue para o exílio, na companhia de sua filha Maria Benedita, instalando-se em Paris, onde recebe os elogios de Stendhal, que a ele se refere entre os pintores "românticos", ao lado de Delacroix. De facto, Sequeira pode ser considerado o percursor do movimento romântico na arte portuguesa. A partir de 1826 e até 1932, já em Roma, executa um conjunto admirável de obras sacras, "Descida da Cruz", "Adoração dos Magos", "Ascensão do Senhor" e "Juízo final" (todos da colecção da Casa Palmela). Adoece em 1833, com uma série de ataques apopléticos, que lhe diminuíram as suas faculdades, tendo falecido na cidade Eterna, em 1837. Artista fecundo, por vezes desigual como pintor, deixou quadros excelentes, esboços admiráveis e uma série de óptimos desenhos. Além de abridor de gravuras, foi também o iniciador de litografia em Portugal.

€40.000 / € 60.000

226
Escola espanhola do séc. XVIII
Santa Maria de Guadalupe,
Óleo sobre cobre
Dim.: 26 x 19 cm .

Spanish School, oil on copper, 18th century

Nossa Senhora de Guadalupe, está representada com o caracteristico hábito de formato triangular, segurado o Menino de pé trajado de modo semelhante. A senhora empunha um ceptro e está coroada com coroa real, as suas vestes estão enriquecidas com jóias e com uma lunula, aplicada sobre a frente. Conjunto assente sobre uma peanha dourada, em vários niveis decorada com anjos musicos e uma cartela com a identificação, pousadas sobre o altar, estão duas jarras douradas com arranjos de flores. De ambos os lados da senhora dois anjos afastam cortinas vermelhas com franjas douradas. Moldura em prata antiga, decorada com motivos vegetalistas estilisados e rematada por figura de anjo sustentando um coração vazado que serve de argola de suspender.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 1.500 / € 2.000

227
Escola Espanhola
"Nuestra Signora de la Torre" - Nossa Senhora com o Menino Jesus e S. João Baptista
Óleo sobre madeira de casquinha, com moldura antiga
Dim. Moldura: 102 x 66 cm.;
Dim. Pintura: 58 x 45 cm.

Spanish School, oil on board

Pintura e moldura com restauros.

Esta obra apresenta uma zona relativamente extensa de restauros e de repintes que não nos permite uma atribuição segura a uma época. Boa moldura em madeira entalhada, pintada com marmoreados e dourada com motivos vegetalistas rematada no topo por um grande elemento em talha com laçaria e concha com flores.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 3.500 / € 5.000

228
Escola Veneziana do séc. XVI
Sonho de S. José
Óleo sobre madeira
Dim.: 71 x 46,5 cm.

Venetian School, oil on board, 16th century

Esta cena ilustra a seguinte passagem da Bíblia, "Depois de partirem, (os Reis Magos) um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, e disse-lhe: "levanta-te, toma o Menino e Sua Mãe, foge para o Egipto e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o Menino para O matar". E ele levantou-se, de noite, tomou o Menino e Sua Mãe e partiu para o Egipto, permanecendo ali até à morte de Herodes. Assim se cumpriu o que o Senhor anunciou pelo profeta: "Do Egipto chamei o Meu Filho" (S. Mateus 2, 13-15).

Pequenos restauros pontuais um pouco por todo o quadro.

€ 4.000 / € 6.000

229

Rara e importante Nossa Senhora, escultura portuguesa D. João V, da primeira metade do séc. XVIII, atribuível a Marceliano de Araújo (c. 1690-1769) ou à sua escola, em madeira policromada. A figura está representada de pé, com expressão de grande adoração ao encontrar-se na posição de segurar, com ambas as mãos, um manto onde estaria uma figura de Menino Jesus (inexistente). Enverga túnica comprida e peitoral cingido ao corpo, com manto de tecido túrgido e esvoaçante. Usa cabelos compridos caindo em madeixas onduladas, cobertos por toucado em tecido. Assente sobre base quadrangular, de cantos cortados, com decoração simulando rochas. Falhas de policromia e falta do Menino Jesus.
Alt.: 195 cm.

Important Madonna, 18th century Portuguese wood sculpture.

O Palácio do Correio Velho vendeu em Dezembro de 1998,um par de serafins (lote 223), atribuídos ao mesmo artista ou à sua escola. Notável exemplo de expressividade barroca e da teatralidade dos gestos, a peças que apresentamos julgamos integrar-se na segunda fase da obra do escultor Marceliano de Araújo (c.1690 - 1769). Este entalhador e escultor de Braga foi considerado em todo país como um mestre de grande valor. No inicio da sua

promissora carreira, integrou-se na chamada "escola nacional" revelando enormes potencialidades. Na década de trinta, adere ao estilo Joanino na fase áurea do Barroco português, realizando em 1734, para a Santa Casa da Misericórdia de Braga três retábulos (Mor e colaterais). Estes retábulos dão-nos uma visão da grandiosidade e aparato cénico que Marceliano de Araújo imprime às suas obras. Mais tarde, em 1737 e 1738, realizou as imaginativas e elaboradas caixas do órgão da Sé de Braga, além de ter participado na transformação da mesma Sé. Ainda hoje o Cabido da Sé de Braga possui duas esculturas alegóricas dedicadas à "Fortaleza" e à "Concórdia", que se assemelham bastante aos Serafins que apresentamos. O vigor que o escultor imprimiu às mãos, ao movimento dos cabelos e do vestuário, dissipam hesitações à atribuição as peças que apresentamos. In MONTERROSO TEIXEIRA, JOSÉ (coordenação), "O Triunfo do Barroco", Lisboa(?): CCB, Fundação das Descobertas, 1992, pág. 214 e 215, com ilustração de a "Fortaleza" e a "Concórdia"; PEREIRA, PAULO (coordenador), "Dicionário de Arte Barroca em Portugal". Lisboa, Editorial Presença, 1989, pág. 37 e 38.

€ 40.000 / € 60.000

lote 231

lote 230

lote 231

lote 231

230
Escola Portuguesa do séc. XVIII
Cupido brincando, numa paisagem com árvores e trecho de água
Óleo sobre tela
Dim.: 60.5 x 66.5 cm.

Portuguese School, 18th. century, oil on canvas

Tela ressequida e pequenas faltas de policromia.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 2.000 / € 3.000

231
Escola Portuguesa, séc. XVIII/XIX - Atribuído a Francisco Vieira Portuense
Cenas com cupido e "putti"
Três óleos sobre tela
Não assinados
Dim.: 74 x 71,5 cm; Dim.: 88 x 92 cm. Dim.: 74,5 x 71 cm.

Portuguese School, late 18/19th. century, three paintigs oil on canvas

Estas obras estiveram patentes na "Exposição de Antiguidades", no âmbito da "Exposição de Antiguidades e Colecções Particulares", da Assistência Nacional a Tuberculosos realizada no Salão Silva Porto, Porto 20 a 28 de Maio de 1939, com os n.o 211, 212 e 213, nesta mostra estavam atribuídos a Vieira Portuense.

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 15.000 / € 25.000

lote 232

232

Bracelete em ouro martelado a partir de um lingote fundido, trabalho pré-histórico, do I milénio AC (Bronze final). Corpo liso de secção circular. Sinais de uso e pequenos defeitos. Peso aprox.: 292 gr.

Gold bracelet, possibly first millenium BC.

Para peças semelhantes ver o "Inventário do Museu Nacional de Arqueologia, Colecção de Ourivesaria, 1º volume, do Calcolitico à Idade do Bronze", I.P.M., Lisboa, 1993, p. 106 a 115, item 46 a 55.

€ 10.000 / € 15.000

233

Alfinete em ouro possivelmente romano, decorado com figura de Eros (Cupido) alado com faixa em torno do tronco, assente sobre uma conta em forma de pipa, decorada com granulado formando motivos geométricos, espigão formado por fios torcidos. Trabalho da bacia do Mediterrâneo. Sinais de uso e faltas.

Gold pin, possibly roman, with Eros.

Para peças com elementos decorativos semelhantes ver: "Earrings, from antiquity to the present", Daniela Mascetti, Amanda Triossi, Thames & Hudson, London, 1999, pág.: 25 e 26.

€ 2.000 / € 3.000

lote 233

234

Par de brincos em ouro e cabochons de granada em forma de figura feminina, trabalho possivelmente Ibérico do período romano. Sinais de uso e defeitos.

Pair of earrings, gold granate cabochons, possibly Iberean, roman period.

€ 1.400 / € 2.000

235

Par de brincos em ouro com decoração em forma de rostos humanos e com contas de pasta vítrea. Período romano.Sinais de uso e defeitos.

Pair of gold earrings, with glass paste beads. Roman period.

€ 1.000 / € 1.500

236

Par de brincos em ouro e pasta vítrea, trabalho possivelmente romano. Decoração com disco com flor e duas ânforas com os corpos em pasta vítrea. Sinais de uso e pequenos defeitos.

Pair of gold and glass paste earrings.

€ 1.200 / € 1.800

lote 234

lote 235

lote 236

lote 237

237

Cordão em ouro entrançado, com fecho de "colchete". Trabalho romano do séc. III (d. c.). Em excelente estado de conservação.
Peso aprox.: 24 gr.

Gold chain. Roman 3 century AD.

€ 1.500 / € 2.000

238

Colar com contas de vidro colorido, prata trabalhada e placas de pasta vítrea forradas a ouro de um dos lados. Zona do Próximo Oriente, (Síria, Líbano, Egipto). Sinais de uso e defeitos.

Necklace, glass paste, gold leaf and silver. Middle East.

€ 800 / € 1.200

239

Cordão em malha de ouro com camafeu em cornalina, com gravação de uma figura de mulher guerreira segurando uma lança numa mão e uma palma na outra. Com fecho de "colchete". Trabalho da bacia do Mediterrâneo, período romano. Defeitos no camafeu.
Peso Aprox.: 14 gr.

Gold chain with cornalin cameo. Mediterranean basin, roman period.

€ 1.000 / € 1.500

240

Colar com contas de vidro e de obsidiana e oito placas de ouro moldadas com flor estilizada e perlados. Trabalho da bacia do Mediterrâneo, período romano. Sinais de uso e defeitos.

Necklace with glass and obsidian beads, gold plaques. Mediterranean Basin, roman period.

€ 800 / € 1.200

241

Dois anéis em ouro com cabochons em pasta vítrea, decoração em relevo com contas (granulado). Período romano. Sinais de uso e defeitos.

Two gold rings with glass paste cabochons.

€ 700 / € 1.000

242

Pulseira em ouro com cabochons de turquesas e contas em pasta vitrea e obsidiana, trabalho da bacia do Mediterraneo, periodo romano. Sinais de uso, faltas e reaproveitamento.

Gold bracelet, with turquoise cabochons and glass paste.

€ 800 / € 1.200

lote 238

lote 239

lote 240

lote 241

lote 242

lote 241

243

Pistola espanhola, de caça, da primeira metade do séc. XVIII, de pederneira e carregamento pela boca, calibre 16 mm. Cano, oitavado na primeira metade e depois cilíndrico, com embutidos a ouro e prata em toda a sua extensão, ouvido forrado a ouro, ponto de mira em prata do tipo dito "de aranha", língua da culatra dourada. Junto à culatra tem as punções do armeiro, que teve oficina em Barcelona, Pedro Esteva (1680/1740). Fecho lateral, com raro sistema meio à francesa meio à espanhola, cão do tipo "pescoço de cisne", tudo com finos gravados vegetalistas e de caça com fundos dourados. Parafusos da contra-platina cinzelados e dourados. Guarnições em prata profundamente cinzelada com motivos vegetalistas e de caça. Coronha em nogueira com entalhados junto à língua da culatra e na parte inferior junto ao guarda-mato. Vareta em barba de baleia com ponteira em marfim, na parte posterior tem um terminal em metal para colocação de panos de limpeza. A pistola possui ainda a tampa do cano, em marfim, que era utilizada para resguardar o seu interior da oxidação.
Comp.: 45 cm.

Spanish 1st half of the 18th century Hunting Pistol.

€ 10.000 / € 20.000

lote 243

244

Espingarda francesa de caça, de dois canos justapostos, de antecarga, do início do séc. XIX, transformada para o sistema de percussão em meados do mesmo século. Platinas completas, decoradas com gravados representando motivos vegetalistas e cães lisos. Coronha em raiz de nogueira, com entalhamentos encanastrados e bela cabeça de javali na parte posterior. Guarnições em ferro com alguns gravados. Vareta em madeira com calcador em latão, tendo na parte posterior um saca-trapos. Canos com 75 cm. de comprimento, calibre 16, tendo na fita a inscrição embutida a prata "Lepage Fils à Paris". Em bom estado de conservação e funcionamento.

French hunting rifle 19th century.

Proveniência: Esta era a arma de caça do famoso explorador português Ermenegildo Capelo.

€ 2.000 / € 3.000

lote 244

245

Importante espada de caça, de meados do séc. XIX, com lamina ligeiramente curva, com goteira até 3/4 do comprimento, com gravados vegetalistas, tendo de um lado as armas Imperiais brasileiras, com a inscrição "Viva o Imperador", e do outro PII, com coroa imperial e envolto em coroa de louros. No talão marca de fabricante Scholberg & Cadet. Guarda em prata cinzelada com quartões em forma de pata de javali, tendo no escudete em relevo um cabeça de javali e na concha lateral igualmente em relevo, uma cabeça de veado e uma trompa de caça envoltas em folhas de carvalho. Punho em chifre de veado, rematado por pomo com flor estilizada. Bainha em cabedal negro, com guarnições em prata, tendo o bocal um botão em forma de bolota com folhas de carvalho e no reverso, escudo com armas de Marinho tendo por diferença uma brica carregada de uma estrela, do Visconde de Guaí, com coronel de Conde.
Dim.: lâmina 53 cm. Comp total: 68 cm.

Important hunting sword, 19th. century.

Joaquim Elísio Pereira Marinho, nascido na Baía a 21-1-1841 e falecido no Rio de Janeiro a 13-8-1914. Foi deputado e Ministro da Marinha do Brasil, director do Banco do Brasil e do Banco Nacional e presidente de várias empresas industrais. Foi agraciado com o título de Barão de Guaí, com Grandeza, a 3-11-1887 e elevado a Visconde a 31-10-1889, ambos pelo Imperador D. Pedro II. Era filho de Joaquim Pereira Marinho, 1° Barão, Visconde e Conde de Pereira Marinho (títulos portugueses concedidos por D. Luís), negociante de grosso trato na Baía, e de sua mulher D. Francisca da Piedade de Oliveira. Joaquim Pereira Marinho teve Carta de Brasão de Armas a 4-12-1851, confirmadas a 27-8-1881 com coronel de Conde: armas de Marinho tendo por diferença uma brica de prata com uma arruela de azul. Na espada encontram-se representadas as armas de Marinho tendo por diferença uma brica carregada de uma estrela. Assim mesmo figuram nos livros publicados no Brasil como armas do Visconde de Guaí. Poderá ser outra Carta de Brasão de Armas, concedida no Brasil ao Visconde, ou de uma alteração da diferença - que é de facto pessoal e intransmissivel - feita por iniciativa do próprio nas armas concedidas e usadas pelo pai. D. Pedro II, Imperador do Brasil, (1825 a 1891), reinou de 1831 a até ser deposto pela implantação da República no Brasil em 1889, em 1843 casa com Teresa de Bourbon - Duas Sicilias(1822-1889), filha de Francisco I rei das Duas Sicilias.

€ 1.500 / € 2.500

lote 245

246

Importante salva de pé em prata portuguesa, D. João V, trabalho da primeira metade do séc. XVIII. Salva com centro liso, orla decorada com motivos vegetalistas e enrolamentos, gravados, aba com friso repuxado e cinzelado, bordo com decoração de folhas de acanto enroladas, repuxadas e cinzeladas, rematado por friso liso, pé em diversos níveis com bordo recortado e com canelado largo, que sobe pelo fuste/nó, com os mesmos motivos decorativos, repuxados, cinzelados e gravados, da salva. Marca de contraste da cidade de Lisboa, (L-24) em uso de c. 1720 a c. 1750, marca de ourives ARG, (L-140), não identificado, activo de c. 1720 a c. 1750. Sinais de uso e pequenas fissuras no bordo.
Alt.: 16 cm. Diam.: 32 cm. Peso Aprox.: 1105 gr.

Important standing salver, portuguese silver, first half of 18th century.

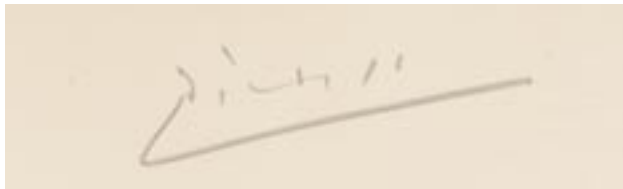
€ 4.500 / € 6.000

247

Raro e interessante recipiente para líquidos em prata possivelmente português com influência Indo-portuguesa, trabalho do séc. XVII. Corpo em forma de coração trespassado por uma flecha, bico saliente estreito e liso, com argola na secção central, rematado por flor estilizada, interior com vestígios de rosca. Gargalo liso, tampa de enroscar decorada com faixa estriada, cúpula perfurada e botão da tampa em forma de punho fechado formando "figa", esta peça prolonga-se para o interior através de um tubo quase tão alto quanto o frasco. Decoração do corpo com elegantes motivos vegetalistas entrelaçados e aves com apresentação semelhante aos bordados indo-portugueses, dos panos e das colchas. Junção ao gargalo com pétalas estilizadas. Sem marcas mas atribuível ao séc. XVII. Sinais de uso, amolgadelas, falta da tampa do bico e da corrente de segurança.
Peso aprox.: 106 gr. Alt.: 11 cm.

Rare and interesting silver flask, possible indo-portuguese influence, 17 th. century.

Até ao momento não foi possível localizar nenhuma peça com estas características de frasco e também de testemunho de amor. O bico com tampa de rosca, a tampa perfurada para evitar a criação do vácuo, o tubo interno que permite consumir o liquido até ao fim, são elementos marcadamente utilitários. A forma de coração, a flecha trespassante, as duas aves, os entrelaçados dos elementos vegetalistas, todos são indicadores de testemunhos de amor. A "figa" funciona como um amuleto ou símbolo de protecção contra doenças, bruxedos, maldições, etc. Para uma peça semelhante e eventualmente com a mesma utilização de "biberon", ver "Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares", Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, Lisboa, 1974, pág. 215, item 293. Para uma peça semelhante na forma, mas de uso diferente (frasco de perfume), ver "Exposição de Ourivesaria Portuguesa", Museu Municipal, Viana do Castelo, 1967, pág.53 e s/n.º Fig. 20

€ 2.000 / € 3.000

248
PICASSO, Pablo Ruiz (1881- 1973)
LE DÉSIR ATTRAPÉ PAR LA QUEUE. S.l., s.d. (Paris, vendredi 17 janvier 1941).

In- 4º de (24) págs. inums. Brochado, sobre papel Chataignier, com as capas em cartão mole, desenhadas com ornatos e volutas e, ao centro, em diagonal, o título "Dessin". No verso da capa anterior, do punho de Picasso, a data: "Paris, mardi 14 janvier 1941, e o título "Le désir attrappé (sic) // par la queue" //. Segue-se, na frente da folha seguinte, o retrato do autor, desenho a tinta - da - China, que ocupa toda a página. Picasso retrata-se numa perspectiva vista de cima, sentado a uma mesa, a redigir a peça. Esta folha tem o respectivo verso em branco e é seguida de outra folha cuja frente ostenta a assinatura autógrafa, a lápis, de Picasso. No verso da mesma, começa então o texto propriamente dito da peça, que decorre até final do volume, intercalado por alguns desenhos executados a tinta-da-China. Emendas, rasuras e pequena mancha de água que se estende numa estreitíssima área branca da margem inferior horizontal do papel, abrangendo a totalidade das folhas. Trata-se de um dos seis (6) raríssimos exemplares facsimiles conhecidos, tirados a partir do manuscrito original de Picasso, o qual infelizmente se perdeu e até à data nunca foi encontrado. Nestas condições, peça de colecção, muito valiosa.

Pablo Picasso (Málaga 1881 - Mougins 1973), filho de mãe andaluza e pai basco, foi um dos maiores génios do século XX, pintor, escultor, gravador, ceramista, cenógrafo e criador com Georges Braque do movimento Cubista. A sua pintura, ao longo de sessenta anos de trabalho, aparece-nos como um imenso quadro que se continua, com um sentido de duração e de metamorfose, simultaneamente, e que, da sua infinita variedade, atinge uma unidade humanística. A melancolia do adolescente que se inspira nas misérias do mundo e que as transpõe literariamente, no simbolismo de uma monocromia azul, prossegue nas figuras tristes dos saltimbancos e na representação de algumas mulheres da fase "rosa". Pintor de monstros, Picasso, o autor da única pintura histórica significativa, da 1ª metade do século XX, a "Guernica", poderoso abridor de caminhos, símbolo polémico da "arte moderna", vê o seu nome ganhar um "valor adjectivo". Como curiosamente observou José Augusto França, - "é essa a maior homenagem que o nosso tempo poderia prestar-lhe - ainda que muitas vezes o faça negativamente, pela boca daqueles que o não entendem". (França, José Augusto - in "Dicionário da Pintura Universal", págs. 141- 143, Editorial Estúdios Cor, Lda., 1962 -1964.

Espólio de André Dunoyer de Segonzac, conhecido pintor e ilustrador francês, nascido em Boussy-Saint-Antoine, em 1884. Estudou pintura sucessivamente com Luc Olivier Merson e J.P.Laurens, frequentando mais tarde as aulas de Charles Guérin, Desvallières e J.Blanche, na Academia de La Palette. Da sua vasta obra pictórica, destacamos belos óleos representando paisagens da Provença e de Ile-de-France, aguarelas de grande qualidade e gravuras a água-forte que ilustraram diversos livros. É autor do célebre desenho que representa Marcel Proust, no seu leito de morte, em 1922, e que executou do natural, a pedido do irmão do genial escritor, o Dr. Robert Proust.

€ 10.000 / € 12.000

249
PETRARCA, Francesco & PICASSO, Pablo Ruiz.
CINQ SONNETS DE PÉTRARQUE,AVEC UNE EAU-FORTE DE PICASSO ET LES EXPLICATIONS DU TRADUCTEUR (Louis Aragon). À La Fontaine de Vaucluse, 1947.

In- 4º gr. de (48) págs. inums. Brochado, as capas em papel-cartão, com os títulos impressos alternadamente a preto e vermelho. Ilustrado com uma água- forte original de Picasso, aberta por Lacourière. Excelente tradução de Louis Aragon, que também redige o prefácio. Por abrir. Edição encomendada pelo tradutor impressa em papel velino, cujos exemplares nunca entraram no mercado, destinada aos seus amigos e limitada a 110 exemplares, todos numerados à mão por Aragon, sendo este o nº 93, incluindo um provérbio diferente para cada exemplar, lendo-se no presente o seguinte provérbio - "Septembre est le Mai d'automne". De destacar o "calembour" de Aragon "they said Laura was somebody Else", (pág. 9) sugerindo o nome da mulher de Louis Aragon, a escritora Elsa Triolet. Louis Aragon , nasceu em Paris em 1897 e morre nesta cidade em 1982. Poeta, romancista e autor de vários ensaios, exerceu grande actividade política, tendo sido membro do partido comunista francês. Pela mão do surrealista André Breton, introduz-se nos movimentos "avant-garde", como o Dadaismo. Juntamente com Breton e Philippe Soupault, funda a revista de cariz surrealista "Littérature" (1919). Publica sucessivamente " Feu de joie" (1920), "Le Mouvement perpétuel" (1925), seguidos do romance "Le Paysan de Paris" (1926). Em 1928 casa com a escritora russa Elsa Triolet, cunhada do poeta Mayakovsky, e que vem a ser a sua maior fonte de inspiração. Em 1930 visita a União Soviética, publicando entre 1933 e 1944, os 4 vols de "Le Monde réel", onde descreve a luta do proletariado numa profunda revolução social. Em 1942 publica "Les Yeux d 'Elsa" e " Il n'est Paris que d' Elsa" (1964) , expressando o seu ardente patriotismo através do grande amor que sente pela mulher, em cujo rosto ele reconhece o rosto da França. Aragon está presente nas ruas, em Maio de 1968, em Paris, participando do levantamento dos estudantes franceses. Em 1981, um ano antes da sua morte, é-lhe concedida a Legião de Honra. O exemplar apresenta uma ligeira mancha de acidez no corte vertical das folhas e na frente da última folha, de resto, muito fresco e limpo. Valioso.

Pablo Picasso (Málaga 1881 - Mougins 1973), filho de mãe andaluza e pai basco, foi um dos maiores génios do século XX, pintor, escultor, gravador, ceramista, cenógrafo e criador com GeorgesBraque do movimento Cubista. A sua pintura, ao longo de sessenta anos de trabalho, aparece-nos como um imenso quadro que se continua, com um sentido de duração e de metamorfose, simultaneamente, e que, da sua infinita variedade, atinge uma unidade humanística. A melancolia do adolescente que se inspira nas misérias do mundo e que as transpõe literariamente, no simbolismo de uma monocromia azul, prossegue nas figuras tristes dos saltimbancos e na representação de algumas mulheres da fase "rosa". Pintor de monstros, Picasso, o autor da única pintura histórica significativa, da 1ª metade do século XX, a "Guernica", poderoso abridor de caminhos, símbolo polémico da "arte moderna", vê o seu nome ganhar um "valor adjectivo". Como curiosamente observou José Augusto França, - "é essa a maior homenagem que o nosso tempo poderia prestar-lhe - ainda que muitas vezes o faça negativamente, pela boca daqueles que o não entendem". (França, José Augusto - in "Dicionário da Pintura Universal", págs. 141- 143, Editorial Estúdios Cor, Lda., 1962 -1964.

Espólio de André Dunoyer de Segonzac, conhecido pintor e ilustrador francês, nascido em Boussy-Saint-Antoine, em 1884. Estudou pintura sucessivamente com Luc Olivier Merson e J.P.Laurens, frequentando mais tarde as aulas de Charles Guérin, Desvallières e J.Blanche, na Academia de La Palette. Da sua vasta obra pictórica, destacamos belos óleos representando paisagens da Provença e de Ile-de-France, aguarelas de grande qualidade e gravuras a água-forte que ilustraram diversos livros. É autor do célebre desenho que representa Marcel Proust, no seu leito de morte, em 1922, e que executou do natural, a pedido do irmão do genial escritor, o Dr. Robert Proust.

€ 5.000 / € 7.500

250

JORGE BARRADAS, Jorge Nicholson Moore Barradas (1894-1971)

Nossa Senhora dos Navegantes - "Nossa Senhora Estrela do Mar"

Painel em terracota

Assinado e datado 1955

Dim:. 206 x 288 cm.

Jorge Barradas, Portuguese School, 20th century, earthenware panel, signed

Este painel de Jorge Barradas é composto por trinta e cinco placas em terracota. Trata-se de uma encomenda para a capela do Paquete Santa Maria, um dos melhores e mais prestigiados paquetes portugueses dos anos cinquenta. No centro está representada, no céu, Nossa Senhora dos Navegantes abençoando, sob manto estendido. Do lado direito, as famílias dos pescadores ajoelhados a rezar pela protecção dos seu familiares e do lado esquerdo um barco com pescadores pedindo protecção à sua santa padroeira. Junto de cada mão da Virgem, está um anjo segura o manto. Na parte inferior o mar é representado geometricamente dividido em quadrados, com peixes e estrelas do mar e dourados como simbolizando as suas riquezas naturais. A indicação Nossa Senhora Estrela do Mar apareceu numa placa junto ao painel, no barco.

Jorge Nicholson Moore Barradas nasceu e morreu em Lisboa. Nesta cidade viveu quase sempre, tendo-a representado em quadros notáveis, onde delicadamente harmoniza texturas, cores e valores luminosos. Começou a notabilizar-se como caricaturista, logo nas primeiras exposições dos "humoristas", em 1912 e 1913, tendo o crítico Veiga Simões detectado características que haveriam de permanecer, "ingenuidades", "infantilidades", "sabendo colear uma mulher, gracificá-la, tocá-la de donaire". Cheio de dificuldades económicas na sua juventude, estes primeiros reconhecimentos públicos do seu talento, que o colocaram a par de Cristiano Cruz e de Almada Negreiros, levam-no a trabalhar como ilustrador de jornais, abandonando a Escola de Belas Artes. Barradas exerce este ofício, indiferente às ideologias dos jornais e revistas, levando ele próprio uma vida um pouco boémia e partilhando o atelier com António Soares. Colabora na Ideia Nacional, mesmo em 1916, quando os outros modernistas aí atacados se recusam a trabalhar; e colabora na Seara Nova, em 1922, com a representação aparentemente realista de um trabalhador; mais decorativos são os trabalhos entretanto enviados para as revistas Arte, Atlântida, Ilustração Portuguesa, ABC a Rir, A Pátria. A sua pintura, cuja modernidade é moderadamente fauve no cromatismo de alguns pormenores, permanece ligada a temas de fácil aceitação - uma tipologia folclórica de lavadeiras, vendedeiras ambulantes de Lisboa e arredores estudantes e tricanas de Coimbra. As suas composições de grande formato resolvem-se através da estilização linear e da simplificação da figura humana. Mais livres e líricos são os pequenos trabalhos em papel, onde se transfiguram flores exóticas, tema que surgiu com uma viagem a São Tomé, em 1930. A partir de 1945, Barradas conquista o público com as suas cerâmicas, com o seu sentido decorativo e simplicidade temática, mantendo uma atitude estética característica dos anos 20 portugueses. Nessa década, está entre os decoradores do Café a Brasileira e do Bristol Clube, sendo então considerado "o mais português" destes decoradores, e vindo a ser designado por Artur Portela como o "Malhoa de 1930". Jorge Barradas foi uma figura importante do movimento modernista português. A sua actividade extravasa em muito o campo da pintura sendo igualmente um consagrado ilustrador, ceramista, escultor e decorador. O seu mérito foi, pela primeira vez, reconhecido em 1937, com a atribuição da Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Paris, à que se seguiu, em 1939, o Prémio Columbano do Secretariado da Propaganda Nacional e, em 1947, o Prémio Sebastião de Almeida. Em Lisboa, na Alameda D. Afonso Henriques encontram-se ainda baixos-relevos da sua autoria. A sua obra pode ser admirada em quase todos os museus nacionais e regionais do país.

€ 80.000 / € 120.000

251

BENJAMIN MARY (1792-1846)

Par de desenhos representando Vale de Alcântara com o Aqueduto das Águas Livres e vista panorâmica de Lisboa e da margem sul
Desenhos a lápis, aguarelados sobre várias folhas de papel ligadas
Assinados e datados de 3 a 14 de Junho de 1839
Dim.: 34 x 136 cm.

Benjamin Mary, watercolour on paper, signed

Emoldurados

€ 10.000 / € 20.000

252

BENJAMIN MARY (1792-1846)

Par de desenhos representando Sintra e Baia e costa de Cascais
Desenhos a lápis, aguarelados sobre várias folhas de papel ligadas
Assinados e datados de 3 a 14 de Junho de 1839
Dim.: 34,5 x 92 cm.; 32 x 90 cm.

Benjamin Mary, watercolour on paper, signed

Emoldurados

€ 8.000 / € 12.000

Benjamin Mary, desenhador belga, diplomata e viajante nasceu em Mons a 22 de Março de 1792 e faleceu em Bagnéres-de-Luchon, a 2 de Agosto de 1846. Estudou no Colégio d'Enghien e posteriormente formou-se em Direito em Bruxelas. Atraído pelas viagens, abraça a carreira diplomática. È nomeado em 1832, Encarregado de Negócios do reino belga, junto da corte Imperial do Brasil. Em Novembro de 1838, é nomeado para a Grécia. Durante a sua estadia no Brasil, utiliza com vantagens financeiras, o seu talento de desenhador, realizando um conjunto de soberbas vistas, algumas das quais são passadas a litografia. Durante as suas viagens passou por Portugal, em Junho de 1839, tendo visitado as zonas e regiões mais procuradas pelos viajantes estrangeiros, como seja Sintra e o Aqueduto das Águas Livres, aproveitou ainda para realizar alguns conjuntos de vistas panorâmicas de Lisboa e da margem sul e ainda da Costa de Cascais. Cronologicamente Benjamin desenha do natural a vista panorâmica de Lisboa com a seguinte inscrição "Vue generale de Lisbonne prize de la Tapada, sur le Palais D'Ajuda, le Tage et la ville, 3 Juin 1839", onde se identifica a Basílica da Estrela, Palmela, Cacilhas e do lado direito o Palácio da Ajuda. No mesmo dia desenha uma vista da baia de Cascais, com a seguinte inscrição, "Vue sur le Tage, prize de ..., 3 Juin 1839". Dois dias depois está em Sintra, "Vue generale de Cintra, 5 Juin 1839", nesta composição identifica-se, da esq. para a dir., o Convento da Pena, o Castelo dos Mouros, a igreja de S. Maria, a vila de S. Pedro, o Palácio Real de Sintra e em 2o plano o Oceano Atlântico. Por fim no dia 14 de Junho o autor está em Lisboa em casa de O'Neil, e desenha "Vue generale de L'Aqueduct de Lisbonne, priz de chez mr. O'Neil, 14 Juin 1839"; trata-se de uma vista bastante aberta desde à esq. o Colégio de Campolide?, passando por Campo de Ourique, o Aqueduto, o Vale da Alcântara com a Ribeira, a Serra de Monsanto e do lado dir., só esquematizada, a zona para Benfica. "Mr. O'Neill", será provavelmente, José Maria O'Neill, comerciante e cônsul geral do Reino da Dinamarca em Portugal. A sua casa era provavelmente a chamada "Quinta do Pinheiro", em Sete Rios, Lisboa, hoje em dia (2005), fica dentro dos terrenos ocupados pela embaixada dos EUA. Nesta casa ficou instalado em 1866, Hans Christian Andersen, aquando da sua visita, que assim a descreve "...uma casa baixa de dois ndares com as paredes cor-de-rosa e portas pintadas de verde, entre abetos baixos...o campo à volta é inteiramente dinamarquês com trigo, trevo e margaridas...", carta de H.C. Andersen

253

Lampadário em prata portuguesa, trabalho do séc. XVII. Corpo liso constituído por receptáculo em forma de cúpula invertida, desenvolvendo-se em vários níveis, rematada no fundo por elemento em forma de bolbo, com friso duplo em relevo. Ligação ao corpo superior através de quatro aletas em forma de Cc com decoração em abertos, remates em forma de balaústre. Cúpula lisa, desenvolvendo-se em vários níveis, sendo rematada por argola de suspender. Sem marcas mas atribuível ao séc. XVII. Restauros e sinais de uso.
Peso Aprox.: 3350 gr. Alt.: 82 cm.

Lamp, Portuguese silver, 17th century

Para uma peça do século XVII, com elementos semelhantes ver "Ourivesaria dos séculos XVI e XVII", Inventário da colecção do Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1992, pág. 190/191, item 89. Para uma peça da primeira metade do séc. XVII, de Évora, ver "Rouge et Or, Trésors du Portugal Baroque", Musée Jaquemart-André, Paris, 2001/2002, pág. 181, item 48.

€ 8.000 / € 12.000

254

Invulgar lampadário em prata brasileira, trabalho do séc. XVIII. Corpo constituído por receptáculo em forma de cúpula invertida, desenvolvendo-se em vários níveis, profusamente decorado com motivos vegetalistas, concheados e enrolamentos. Corpo superior com a mesma decoração, junção entre os dois corpos através de cinco aletas em forma de Cc com motivos vegetalistas, volutas e anjos, pequenos castiçais lisos com faixas estriadas, com arandelas profusamente decoradas com motivos vegetalistas, fundidos e cinzelados. Parafusos de união lisos e com decoração de motivos vegetalistas. Das aletas surge suspensa através de cinco correntes uma coroa de folhagem. Sem marcas mas atribuível ao Brasil, trabalho do séc. XVIII. Sinais de uso, pequenos defeitos, alguns furos.
Peso Total aprox.: 10800 gr.; Alt. Aprox.: 135 cm.

Unusual Lamp, Brazilian silver, 18th century.

Esta peça vem reproduzida in Nobrega, José Claudino da, "Memórias de um viajante antiquário", Raízes, 1984, p.59, fig.34. Para peça semelhante, ver "O oficio da prata no Brasil, Rio de Janeiro" Studio HMF, Franceschi, Humberto M., Rio de Janeiro, 1988, pág. 102 e 103.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 15.000 / € 25.000

255

Excepcional Nossa Senhora da Conceição, escultura da Escola Portuguesa do séc. XVIII, em madeira policromada, estofada, dourada e prateada. A figura está representada de pé, com uma mão sobre o peito. Veste túnica com remate de rendas junto ao pescoço e cingida na cintura por cinto com nó de laçada. Enverga manto esvoaçante preso no braço direito e atravessado na frente. Usa cabelos compridos, caindo em madeixas onduladas pelos ombros e costas. Assente sobre o Crescente de Lua e nuvens, prateadas, e sete cabeças de anjo aladas. Indumentária ricamente estofada, de dobras túrgidas, com decoração representando padrões de motivos florais e bordados a fio de ouro. Secção a dourado com decoração puncionada. Olhos em vidro e coroa em metal prateado e ostenta um par de brincos longos, portugueses, em prata e "minas-novas", da primeira metade do séc. XIX. Algumas falhas de policromia, estofado e dourado, pequenos restauros e restauro do olho esquerdo.
Alt. Total Aprox.: 260 cm.

Exceptional and monumental Madonna, 18th century Portuguese wood sculpture.

Chamamos a atenção para a raridade de esculturas desta dimensão e importância. Esculturas como esta integraram os altares das igrejas construídas no séc. XVIII, fruto do desejo de impressionar o crente, na evocação do espírito, mensagem típica do barroco português. É fácil imaginar a escala que teria o altar original que albergou uma escultura desta dimensão, e o sentimento de humildade provocada perante esta imponente Maria, Mãe de Deus. Hoje, para além do sentido religioso intrínseco desta obra, apreciamos a qualidade da escultura como obra em si, fruto da arte e saber de um artista que, ao ter como encomenda tal obra, se dedicou a comunicar-nos uma visão de puro movimento e realismo. Assim sendo, é possível apreciar esse talento nas expressões faciais das figuras, no movimento dos panejamentos que, apesar da ilusão de tecidos túrgidos e entesados, são ao mesmo tempo leves e esvoaçantes, dotando-a, apesar da dimensão, de uma qualidade quase etérea. Por outro lado, esta obra é dotada de grande naturalismo, conseguido a partir das carnações, com todas as gradações que lhe são características, e do trabalho de estofado da indumentária reflectindo toda a riqueza dos tecidos da época conseguido com o uso de grandes extensões douradas. Como se não bastasse todos os factores já enumerados, esta figura sobre-humana, surge-nos envergando jóias da época, em tamanho real, mais uma vez fruto desta devoção por Nossa Senhora da Conceição, rainha de Portugal, tão querida entre nós ao longo dos séculos. Para peças de joalharia semelhante consultar: OREY, Leonor d', "Cinco Séculos de Joalharia", Museu Nacional de Arte Antiga, 1995, pág. 111, fig. 151.

Proveniência: Colecção do Pintor e Arquitecto Tertuliano de Lacerda Marques (1882-1942).

€ 100.000 / € 150.000

256

Orgão neoclássico, em madeira pintada, marmoreada em tons de verde e entalhada. Corpo superior de formato arquitetónico, frontão triangular assente sobre duas colunas adossadas, decoradas com caneluras concâvas e convexas, rematadas por capitéis coríntios, ladeando um arco decorado com placas recortadas, vazadas e pintadas com motivos vegetalistas, tendo ao centro, uma pintura sobre tela, representado Santa Cecília a tocar com anjos, com moldura dourada. Corpo inferior decorado com painéis pintados, representado motivos vegetalistas, grinaldas de flores, carrancas e borboletas. Assente sobre pés em forma de bolacha achatada. Vestígios de caruncho, faltas e falhas na policromia.
Dim.: 265,5 x 127 x 86,5 cm.

Organ, musical instrument, 19th century.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

€ 4.000 / € 6.000

257

Relógio de caixa alta, oriundo da Floresta Negra, Alemanha, do séc. XIX, em madeira pintada. Caixa da máquina com frente envidraçada e lados com portas decoradas com placas recortadas, vazadas e pintadas de dourado, com um fundo de tela. Mostrador pintado com motivos florais e colunas, encimado por oito soldados músicos. Corpo inferior com uma porta, pintado de vermelho com paisagens de inspiração oriental a dourado com frisos a preto. Faltas, defeitos e mecanismo a não funcionar.
Dim.: 239,5 x 68,5 x 48 cm.

Grand Father's Clock, Germany, 19th century.

Este relógio apresenta duas máquinas, sendo uma para os soldados, acompanhada de rolo de música e outra para o relógio. Com pesos e pêndulos.

Proveniência: Quinta da Nossa Senhora da Conceição-Vale Figueira.

€ 4.000 / € 6.000

258

Raro e grande almofariz com mão D. João V, em bronze, do séc. XVIII, assinado e datado de 1746. Almofariz com duas asas, com assinatura em redor, contendo a inscrição: "FRANCISCO DOSREYS CANPOS SANTOS JOZE NIHOUL ME FE 1746.
Alt.: 28,5 cm.; Diam.: 36,7 cm.; Comp. da mão: 67 cm.

Rare mortar and pestle D. João V, 18th century, in bronze.

Este almofariz esteve em uso na Farmácia César até à década de 60 do séc. XX.

Proveniência: Herdeiros de Francisco César Pereira - Proprietários entre 1846 e 1988 da Farmácia César, Vila Franca de Xira

€ 3.000 / € 5.000

259

Importante cómoda D. José do séc. XVIII em pau-santo, com duas gavetas e um gavetão. Tampo de forma rectangular, decorado com rebaixo, recortado na frente e lados, acompanhando a ondulação da frente e ilhargas. Apresenta na frente duas gavetas e um gavetão de frentes lisas, com moldurados periféricos. Assente sobre pernas de acentuado encurvamento, terminando em pés de cachimbo. Decoração de fina talha "rocaille" que se distribui pelo recorte da aba, concentrando-se no saial frontal, nos joelhos das quatro pernas e pelas paredes das ilhargas. Ferragens recortadas e vazadas, com fecharias originais. Pequenas faltas. Bonita patine antiga e boa vergada de pau-santo.
Alt.: 96 cm.; Larg.: 126 cm.; Fundo: 61,5 cm.

Important D. José Portuguese chest of drawers, 18th century, in carved rosewood

Chamamos a atenção para a elevada qualidade desta peça que apresenta um excelente lançamento de linhas e expressão singular no tratamento da talha. É igualmente invulgar o facto desta peça, apesar de ter sido projectada para encostar à parede, apresentar a decoração dos joelhos anteriores em toda a sua extensão. A maioria das peças de tipologia semelhante tem a decoração das pernas anteriores limitada e cortada na parte visível. Nesta peça, o requinte está no prolongamento do tampo de modo a permitir ao observador apreciar esta tridimensionalidade causada pelas pernas estarem totalmente decoradas, como se de uma mesa de centro tratasse. Este tipo de peças é notável e são os exemplos por excelência da marcenaria portuguesa da época Josefina, sendo uma das características mais importantes a elegância das pernas, sendo neste caso invulgarmente altas e finas. De facto, esta característica eleva a cómoda a uma escala palaciana e de invulgar dimensão, não deixando de ser proporcionada e equilibrada. Para peças do mesmo tipo consultar: PROENÇA, José António, Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, IPM/CMAG, Lisboa, 2002, págs. 89 a 95.

O móvel português do séc. XVIII, à semelhança do que se sucedeu nos outros países, sofreu profundas mudanças tanto na forma como na linguagem decorativa. Estas traduzem as novas correntes estéticas europeias e correspondem aos condicionalismos históricos portugueses da época. O ouro e os diamantes oriundos do Brasil proporcionaram as condições para a circulação de obras de arte europeias em Portugal, na denominada "política de transporte", influenciando simultaneamente o gosto e a moda da época. No contexto desta cómoda apenas interessa debruçarmo-nos na estética "rococó" que, no caso português, é considerada por muitos, uma das estéticas mais bem compreendidas pelos marceneiros e artífices. Este novo estilo, que corresponde ao reinado de D. José I, tem na madeira e na arte de a entalhar, uma das suas características mais determinantes. Enquanto o resto da Europa tinha de faixear as madeiras afim de rentabilizar o seu elevado custo, os nossos marceneiros tinham o acesso privilegiado e directo à matéria-prima, podendo fazer uso das madeiras exóticas oriundas das colónias, no seu estado maciço. Assim nasceu um móvel que se destaca precisamente pelo o uso das madeiras maciças e, na interpretação da nova estética, pela talha vibrante de qualidade plástica única no mundo, plena de grafismo e movimento.

€ 60.000 / € 90.000

260

Parte de serviço de jantar em porcelana chinesa da Companhia das Índias. Decoração com esmaltes em tons de azul, preto, "rouge de fer" e dourado representando arranjos florais e grinaldas de folhas na aba e no bordo, composto por 114 peças sendo: Par de terrinas com tampas e travessas; Nove pratos redondos de servir de tamanhos diferentes; Sete travessas de bordo recortado de 4 tamanhos; Par de covilhetes redondos de bordo recortado; Três molheiras; Par de saleiros; Quatro cremeiras com tampa; Três cestos vazados de tamanhos diferentes, sendo dois com travessa; 34 pratos rasos; 34 pratos de sopa; Seis pratos fundos de doce e quatro pratos rasos para doce. Reinado de Qianlong. (114)

Terrinas - Comp.: 33,5 cm.; Alt.: 22 cm.; (uma terrina com restauro na base e ambas as tampas com falhas no botão)Travessa funda - Comp.: 38,3 cm.; (Ambas com pequenas falhas no vidrado do bordo)Pratos de servir - Diam.: 41,7 cm.; Diam.: 38 cm.(Dois - sendo um com restauro no bordo); Diam.: 34,7 cm.(Dois - ambos com falhas no vidrado do bordo).; Diam.: 32,3 cm. (Dois - Um com falhas no vidrado do bordo e gasto no dourado); Diam.: 27,4 cm. (Um com cabelo e um com pequenas falhas no bordo).Travessas - Comp.: 43 cm. (Duas - Ambas com pequenas falhas no vidrado do bordo); Comp.: 34,8 cm. (Uma - Falhas no vidrado do bordo); Comp.: 30,9 cm. (Duas - Ambas com falhas no vidrado do bordo); Comp.: 27 cm. (Duas - Ambas com falhas no vidrado do bordo).Covilhetes - Diam.: 27,3 cm. (Dois - Um com falha partida e colada e outro com cabelos).Cestos vazados - Comp.: 26 cm.; 23,5 cm.; 19,4 cm. (Todos com pegas partidas e coladas faltando uma das pegas)Travessas vazadas - Comp.: 28 cm.; 24,5 cm.Molheiras - Comp.: 19,8 cm. (Duas com pequenas falhas no vidrado)Cremeiras - Alt.: 9 cm. (Uma sem pega e outra com falha no botão da tampa)Pratos rasos - Diam.: 24 cm. (14 com cabelos e pequenas falhas e 14 com pequenas falhas)Pratos de sopa - Diam.: 24 cm. (13 com cabelos e pequenas falhas e 9 com pequenas falhas no bordo)Pratos fundos de doce - Diam.: 17,4 cm. (Um com cabelo e um com falha partida e colada)Pratos rasos para doce - Diam.: 17 cm. (Um com falta no bordo e um com cabelo).

Part of a dinner set in export porcelain, Qianlong period.

Proveniência: Colecção de Sua Alteza Real Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu

€ 20.000 / € 30.000

261

Importante armário de copa pintado, português, do séc. XVII, em madeira entalhada, pintada e marmoreada. Composto segundo moldes arquitectónicos, apresenta quatro meias portas separadas por uma ordem de gavetas, pilastras, frisos e cornija. Friso superior decorado com talha baixa, representa enrolamentos vegetalistas e flores, com cartela ao centro. Portas almofadadas com rectângulos seccionados com losango ao centro, decorados com friso de óvulos e setas. Pilastras laterais decoradas com talha baixa, semelhante ao friso, ladeiam as portas e florões as gavetas. Gavetas almofadadas, decoradas com moldurado periférico, separadas por friso de folhas sobrepostas. Decoração polícroma em tons de azul esverdeado e rosa. Ilhargas decoradas com frondosos enrolamentos vegetalistas. Interior com prateleiras. Pequenos restauros e algumas falhas.
Alt.: 254 cm.; Larg.: 217 cm.; Fundo: 80 cm.

Important Portuguese cupboard, 17th century, in painted and carved wood.

Para peças semelhantes consultar: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa, 1999, pág. 60, cat. 29; Mobiliário Português (Roteiro) Museu Nacional de Arte Antiga, Ministério da Cultura/I.P.M./M.N.A.A., Lisboa, 2000, pág. 56, cat. 25; Os Móveis e o seu Tempo - Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga, séculos XV-XIX, IPPC/MNAA, Lisboa, 1985-1987, pág. 61; SANDÃO, Artur de, O Móvel Pintado em Portugal, Civilização, 1966, figs. 46 e 55.

€ 30.000 / € 50.000

262

Raro conjunto de um par de grandes portas espanholas de Palácio, do séc. XVII, em madeira pintada de verde com respectivas aduelas. Portas recortadas na zona superior, decoradas com vinte e duas almofadas em forma de ponta de diamante, em cada folha. Aduelas em forma de arco na zona superior. Ferragens, fechos e puxadores em ferro. Espelhos dos puxadores recortados.
Dim. porta: 234 x 69 cm.; Dim. aduela: 270 x 173 cm.

Unusual pair of 17th century, Spanish Palace doors.

Em nossa opinião, mediante transformação das ferragens, poderão ser adaptadas a armários.

€ 4.000 / € 6.000

lote 262

lote 262

263

Rara maquineta portuguesa do séc. XVIII, com três esculturas representando Santa Ana ensinando Nossa Senhora a Ler, S. Joaquim e Anjo, em barro dourado e estofado. Santa Ana está representada sentada sobre uma cadeira e a uma mesa, tendo a seu lado Nossa Senhora em pé, aprendendo a ler. Cadeira decorada a dourado e vermelho com motivos vegetalistas e mesa barroca dourada, com pernas em forma de aves e enrolamentos vegetalistas, e parcialmente coberta por panejamento. S. Joaquim, assiste do lado direito da cena e do outro lado, um anjo de asas abertas carrega frutas numa salva de prata. Indumentárias ricamente estofadas e douradas, representando motivos vegetalistas e florais. Espaço interior da maquineta representando interior típico do séc. XVIII, com caracterização das paredes nas três faces da cena e do tecto em trompe l'oeil sendo: lambrim de azulejos azuis e brancos decorados com enrolamentos vegetalistas, motivos florais e reservas com cenas campestres; sanca e tectos decorados com pintura mural policromada e dourada representando frondosos enrolamentos vegetalistas e florais, com cercadura em rosácea e arranjo floral ao centro. Paredes decoradas, na parte branca (não ornada), com conjuntos de quadros de composições florais pintadas sobre vidro, uns com molduras elípticas e outras rectangulares. Pavimento com vestígios de ter albergado tela pintada. Moldura acharoada a vermelho e dourado, decorada com "chinoiseries", sobre pintura original em ocre e negro. Frente com vidro. Pequenos restauros e colagens nas figuras.
Alt.: 48,5 cm.; Larg.: 55 cm.; Fundo: 22 cm.

Rare 18th century Portuguese sculptory earthenware group, with Saint Anne, infant Madonna, Saint Joaquim and Angel, in a 18th century Portuguese interior.

A Fundação Ricardo Espírito Santo Silva tem nas suas colecções uma maquineta muito semelhante a esta, sendo possível que sejam da mesma autoria - Inv. FRESS 90, vindo ilustrada, por exemplo in: Rouge et Or - Trésors du Portugal Baroque, MC/GRI/Musée Jacquemart-André, 2002, pág. 172-173, cat. 40. A maquineta é muito semelhante na decoração exterior e dimensão, bem como na composição do espaço interior com lambrim de azulejos, tectos pintados e quadros nas paredes.*Uma das flores representadas na decoração do espaço interior é a rosa. Esta flor é especialmente usada como referência à virgindade de Nossa Senhora, a rosa sem espinhos. O conjunto simula o espaço de uma sala de uma casa senhorial do séc. XVIII. Chamamos a atenção para o interesse histórico e iconográfico desta obra, pois podemos vislumbrar a três dimensões a disposição de um espaço nesta época, realizado por um artista contemporâneo. Encontra-se decorada no estilo D. João V, transição para D. José, datável da segunda metade do séc. XVIII, ricamente representado na decoração do mobiliário e restantes ornatos, sentindo-se a presença do "rocaille" na liberdade expressa nestes elementos. Sobretudo, chamamos a atenção para a unificação conceptual pelos elementos decorativos e o uso uniforme dos materiais. Salvo melhor opinião, esta obra poderá tratar-se do mesmo género das chamadas Cela dita de Santo Ambrósio. Estas celas inserem-se na arte das miniaturas que teve especial desenvolvimento no séc. XVIII. Robert Smith publicou um estudo sobre uma Cela de Santo Ambrósio, pertencente à colecção do Museu de Arte Sacra de Arouca, na revista "Museu", 2a Série, n.o 6, Dezembro de 1963. Neste artigo o autor considera que a arte das miniaturas nasceu do impulso criador próprio do "rocaille", que reduziu as proporções dos ornatos e dos objectos, sobretudo no mobiliário, não descurando o cuidado pelo pormenor e pelo detalhe presentes nas obras que as inspiraram. No caso das Celas de Santo Ambrósio, estas representam maquetes de salas de estar ou de estudo, inserindo-se no grupo da arte rica e notável dos presépios, relicários e outros objectos de devoção. Eram fabricados em madeira, barro ou papel para os conventos de freiras mais significativos em Portugal e no Brasil.*

Proveniência: Família Ramos-Pinto Calém

€ 10.000 / € 20.000

264

Importante arcaz de sacristia do séc. XVII em pau-santo. Frente com duas portas, quatro gavetões e duas portinholas de rebater. Decoração da frente das ilhargas em forma de almofadas salientes, em feitio de losangos. Alguns defeitos.
Alt.: 116 cm.; Larg.: 358 cm.; Fundo: 94 cm.

Chest, 17th century, kingwood

Esta peça provém da matriz de Itambé, Minas Gerais e pertenceu ao coleccionador mineiro Arthur Mendes (Tuca Mendes) - Construtora Mendes Júnior. Ilustrada in: Arte Colonial Mobiliário, Câmara Brasileira do Livro/Rhodia/Banco Sudameris, 1977. Dada a dimensão e o peso da peça não foi possível fotografar em estúdio.

Proveniência: Colecção da Família Arruda Botelho (Condes do Pinhal e Barões de Ataliba Nogueira)

€ 60.000 / € 100.000

Leilão I
Leilão nº 150
Palácio do Correio Velho: 2005-05-30

Resultados do Leilão

Lote	Valor de Martelo	Lote	Valor de Martelo	Lote	Valor de Martelo
0001	800 €	0080	55.000 €	0162	100.000 €
0002	2.200 €	0081	2.000 €	0163	4.200 €
0003	1.400 €	0083	6.000 €	0164	10.000 €
0004	1.000 €	0084	8.000 €	0165	4.000 €
0005	2.000 €	0085	1.400 €	0167	1.600 €
0006	2.400 €	0086	1.500 €	0170	8.500 €
0007A	6.500 €	0087	2.000 €	0172	7.800 €
0008	5.500 €	0088	2.000 €	0173	6.500 €
0009	1.100 €	0089	3.800 €	0179	17.000 €
0011	2.000 €	0090	4.000 €	0181	15.000 €
0013	1.100 €	0091	2.000 €	0182	15.000 €
0014	3.000 €	0092	300 €	0183	10.000 €
0015	4.000 €	0093	4.000 €	0184	4.000 €
0016	4.000 €	0094	4.000 €	0185	20.000 €
0017	1.100 €	0097	4.000 €	0186	2.000 €
0018	5.000 €	0098	4.000 €	0187	4.000 €
0019	8.000 €	0099	3.500 €	0190	2.000 €
0020	4.500 €	0100	10.000 €	0191	20.000 €
0021	22.000 €	0101	1.000 €	0193	9.000 €
0023	4.000 €	0102	3.800 €	0196	16.000 €
0024	10.000 €	0103	3.000 €	0197	800 €
0026	2.600 €	0104	2.000 €	0198	28.000 €
0027	2.400 €	0105	14.000 €	0199	48.000 €
0028	2.400 €	0106	45.000 €	0200	22.000 €
0031	5.500 €	0107	2.800 €	0201	18.000 €
0032	4.200 €	0108	5.500 €	0203A	2.500 €
0034	900 €	0109	10.000 €	0204	5.000 €
0035	3.200 €	0110	85.000 €	0206	4.500 €
0036	3.200 €	0113	100.000 €	0208	10.000 €
0037	15.000 €	0114	100.000 €	0209	8.000 €
0038	60.000 €	0115	2.000 €	0212	4.000 €
0039	38.000 €	0116	19.000 €	0213	4.000 €
0040	55.000 €	0118	5.000 €	0214	12.500 €
0041	24.000 €	0119	14.000 €	0215	1.000 €
0042	6.500 €	0120	160.000 €	0216	1.000 €
0043	3.800 €	0121	18.000 €	0217	2.000 €
0044	1.000 €	0122	25.000 €	0218	3.500 €
0045	2.600 €	0124	4.000 €	0219	8.000 €
0046	4.800 €	0126	4.000 €	0221	800 €
0047	1.800 €	0127	15.000 €	0222	20.000 €
0048	5.500 €	0128	25.000 €	0223	22.000 €
0049	10.000 €	0129	10.000 €	0223A	6.000 €
0050	40.000 €	0130	26.000 €	0226	2.400 €
0051	22.000 €	0131	4.000 €	0227	6.500 €
0052	40.000 €	0132	20.000 €	0230	2.000 €
0053	15.000 €	0133	7.000 €	0232	10.000 €
0054	10.000 €	0134	15.000 €	0233	2.800 €
0055	36.000 €	0135	8.000 €	0234	1.400 €
0056	19.000 €	0136	60.000 €	0235	1.000 €
0057	4.800 €	0137	10.000 €	0236	1.800 €
0058	6.500 €	0138	8.500 €	0237	3.200 €
0059	70.000 €	0139	14.000 €	0239	1.500 €
0060	26.000 €	0140	20.000 €	0240	800 €
0061	2.000 €	0141	10.000 €	0241	800 €
0063A	20.000 €	0142	1.800 €	0242	900 €
0066	6.000 €	0143	6.000 €	0244	2.400 €
0067	6.800 €	0144	3.000 €	0246	5.000 €
0068	35.000 €	0145	5.000 €	0252	8.000 €
0069	21.000 €	0146	20.000 €	0255	100.000 €
0070	3.200 €	0147	34.000 €	0256	4.000 €
0071	28.000 €	0148	200.000 €	0257	4.800 €
0072	14.000 €	0151	3.800 €	0258	5.200 €
0073	12.000 €	0153	25.000 €	0260	28.000 €
0074	65.000 €	0154	30.000 €	0262	4.000 €
0075	6.200 €	0157	80.000 €	0263	25.000 €
0076	20.000 €	0158	50.000 €	0265	125.000 €
0077	8.000 €	0159	40.000 €		
0078	3.400 €	0160	28.000 €		
0079	2.000 €	0161	13.000 €		

PALÁCIO DO CORREIO VELHO
Calçada do Combro, 38 A, 1º
1200-114 Lisboa Portugal

Tel. (+351) 213 242 980 Fax. (+351) 213 426 536
www.pcv.pt mail@pcv.pt